



Universidade de Lisboa  
Faculdade de Letras

A COMUNIDADE JAPONESA NO BRASIL E A II  
GUERRA-MUNDIAL: NACIONALISMO, INTEGRAÇÃO E  
NEGACIONISMO

Mestrado em Estudos Brasileiros

JINGYI LI

2022

Dissertação especialmente elaborada para a obtenção do grau de Mestre,  
orientada por Prof. Doutora Isabel Corrêa da Silva

## Resumo

No final do século XIX e início do século XX, devido à melhoria contínua do *status* internacional do Japão após a vitória de algumas guerras, o Japão desenvolveu-se industrialmente a um nível sem precedentes, não obstante ser ainda incapaz de resolver alguns problemas espinhosos na sua sociedade, tais como a insegurança de vida da população, a existência de um grande número de famintos, etc. Para resolver estes e outros conflitos internos, o governo japonês incentiva os japoneses a emigrar. A fim de melhorar suas condições de vida, as pessoas trabalharam duro e esperavam ir para o exterior para ganhar dinheiro. O Brasil tem vastas terras, uma pequena população, recursos abundantes e condições de imigração flexíveis, que atraem um fluxo constante de imigrantes japoneses. A chegada de imigrantes japoneses resolveu o problema da escassez de mão de obra no Brasil, e os imigrantes japoneses também se desenvolveram e também deram grandes contribuições para o desenvolvimento agrícola do Brasil.

Antes da II Guerra-Mundial, o Brasil tinha 190.000 imigrantes japoneses e construiu sua própria sociedade de imigrantes. Mas com a eclosão da II Guerra-Mundial, os japoneses que vivem no Brasil começaram a ser hostis e reprimidos pelos países aliados antifascistas. O que acabou desencadeando um grande perturbação social e política, de origens sociais profundas, envolvendo características da sociedade imigrante, psicologia do imigrante e questões de identidade.

**Palavras-chave:**Japão; conflitos; imigração japonesa; integração; identidade; negacionismo; nacionalismo

## **Abstract**

In the late 19th and early 20th centuries, due to the continuous improvement of Japan's international status after the victory of some wars, Japan developed industrially to an unprecedented level, despite still being unable to solve some thorny problems in its society, such as the insecurity of the population's life. To resolve these and other internal conflicts, the Japanese government encourages the Japanese to emigrate. In order to improve their living conditions, people worked hard and hoped to go abroad to earn money. Brazil has vast lands, a small population, abundant resources and flexible immigration conditions that attract a steady flow of Japanese immigrants. The arrival of Japanese immigrants solved the problem of labor shortages in Brazil, and Japanese immigrants also developed and made major contributions to Brazil's agricultural development.

Before World War II, Brazil had 190,000 Japanese immigrants and built its own immigrant society. But with the outbreak of World War II, the Japanese living in Brazil began to be hostile and repressed by anti-fascist allied countries. This eventually triggered a major social and political disturbance, of deep social origins, involving characteristics of immigrant society, immigrant psychology and identity issues.

**Keywords: Japan; conflicts; Japanese immigration; integration; identity; denialism; nationalism**

# Índice

<b>Resumo .....</b>	<b>1</b>
<b>Abstract .....</b>	<b>2</b>
<b>1. Introdução .....</b>	<b>6</b>
1.1 O objecto de estudo .....	6
1.2 Objetivos, metodologia e organização do trabalho .....	8
1.3 Estado da arte .....	11
1.3.1 Motivação da Emigração Japonesa para o Brasil .....	11
1.3.2 Assimilação e integração de emigrantes japoneses .....	13
<b>2. Os Japoneses no Brasil .....</b>	<b>15</b>
2.1 Antecedentes históricos da emigração japonesa para o Brasil .....	15
2.1.1 Motivação da Emigração Japonesa para o Brasil .....	17
2.1.2 Sociedade brasileira e ambiente de imigração .....	22
2.2 Características da Imigração Japonesa na sociedade Brasileira antes da II Guerra Mundial .....	31
2.3 Psicologia e identidade dos emigrantes Japoneses .....	43
2.3.1 Psicologia do "convidado temporário" .....	33
2.3.2 Identidade dos cidadãos imperiais .....	48
2.4 Ascensão do nacionalismo na comunidade japonesa durante a Guerra .....	53
2.4.1 Opressão durante a guerra .....	54
2.4.2 Consolação trazida pela guerra .....	59
<b>3. A derrota do Japão e os conflitos na comunidade de imigrantes japoneses no Brasil .....</b>	<b>65</b>
3.1 O impacto da "derrota do Japão" .....	65
3.1.1 A situação da comunidade de imigrantes japoneses nas vésperas da derrota .....	65
3.1.2 Confusão em massa provocada pela notícia de derrota .....	67
3.2 A divisão da sociedade de imigrantes japoneses no Brasil .....	72

3.2.1 A propagação de notícias falsas e a transformação da derrota em vitória da guerra .....	72
3.2.2 A formação da "facção vitoriosa" e da "facção derrotada" .....	81
<b>4. Conflituosidade e a reconstrução da comunidade de imigrantes japoneses no Brasil.....</b>	<b>89</b>
4.1 Falta de responsabilidade do governo japonês e a tensão interna da colônia japonesa .....	89
4.1.1 A inação do governo japonês durante os conflitos .....	89
4.1.2 Visão do governo japonês sobre a guerra e a continuação dos tumultos após a Guerra .....	95
4.2 A reconstrução da Comunidade de Imigrantes Japoneses no Brasil .....	99
4.2.1 O acalmar da situação .....	99
4.2.2 Assimilação e integração de Imigrantes .....	109
<b>5. Conclusão .....</b>	<b>113</b>
<b>Referências bibliográficas .....</b>	<b>117</b>
<b>Índice dos gráficos .....</b>	<b>120</b>
<b>Índice das tabelas .....</b>	<b>121</b>
<b>Agradecimento .....</b>	<b>122</b>

# 1. Introdução

## 1.1. O objecto de estudo

Em 1858, o governo japonês assinou os Tratados Ansei das Cinco Potências sucessivamente com Rússia, os Estados Unidos, Reino Unido, França e Holanda, marcando o fim do sistema de isolamento da Era Tokugawa que durou 200 anos. Após a abertura do país, o Japão desenvolveu rapidamente a industrialização sob o estímulo do Ocidente e tornou-se um modelo de atualização com a modernização que chegou mais tarde no século XX. A modernização acelerada provocou conflitos sociais que se tornaram cada vez mais importantes. As pessoas da base da sociedade japonesa iniciaram processos migratórios em grande escala para sobreviver. Antes da II Guerra Mundial, cerca de 660.000 pessoas emigraram para o exterior. Em comparação com o ambiente de imigração inicial, a emigração japonesa para o Brasil ocorreu mais tarde e a situação sofreu grandes mudanças.<sup>1</sup> O Brasil, como receptor de imigrantes, também iniciou um processo de expansão económica no início do século XX. Com o desenvolvimento da produção cafeeira, há uma grande demanda por força de trabalho estrangeira.

Em 1914, a I Guerra Mundial desenvolveu-se principalmente no espaço europeu. No entanto, as potências europeias da época estavam envolvidas umas com as outras numa rede de tratados e a guerra acabou se espalhando pelo mundo. Antes da I Guerra Mundial, a Grã-Bretanha monopolizava o mercado de matérias-primas. Índia, Austrália e juntamente com cerca de um quarto da população mundial estavam dentro do sistema comercial colonial do Império Britânico. Os Estados Unidos tinham um mercado de grande demanda doméstica e praticavam o protecionismo comercial. No entanto, os mercados domésticos na Alemanha e no Japão eram tão pequenos que eles não se podiam desenvolver, decidindo então expandir-se. Na I Guerra Mundial, o

---

<sup>1</sup> TOAKE, Endoh, *Exporting Japan: Politics of Emigration to Latin America*, Champaign, University of Illinois Press, 2009, p. 64.

movimento principal do Japão foi, por isso, a expansão no Oceano Pacífico. O Japão enviou um ultimato à Alemanha em 15 de agosto de 1914, mas não recebeu resposta da Alemanha. Em 23 de agosto de 1914, em nome do imperador Taisho<sup>2</sup>, seria declarada guerra formalmente à Alemanha. O exército japonês aproveitou a distância e as preocupações do Império Alemão com o cenário de guerra na Europa para tomar os territórios alemães no Pacífico e no Leste Asiático<sup>3</sup>. Com a sua expansão em territórios na China, a influência do Japão no Pacífico e no mundo continuou a se expandir. À medida que a guerra chegava ao fim, o Japão havia se tornado um país asiático capaz de fornecer suprimentos de guerra a seus aliados europeus. Como resultado, a industrialização do Japão desenvolveu-se sem precedentes. Na I Guerra Mundial, o Japão conquistou uma grande vitória, ganhou influência internacional, acesso ao mercado mundial, o desenvolvimento da sua indústria ligeira e a expansão territorial, e o Japão se transformou de um país devedor em um país credor pela primeira vez.<sup>4</sup> A vitória forneceu ao povo japonês uma base para a sua confiança. Acreditavam firmemente que o Japão era o grande "reino de Deus", fornecendo também confiança à "facção vitoriosa" nos conflitos subsequentes.

No início do século XX, a população japonesa começou a emigrar para o Brasil. Nas vésperas da II Guerra Mundial, o número de imigrantes japoneses no Brasil alcançava mais de 190.000, tendo-se organizado numa comunidade própria. Entretanto, com a explosão da II Guerra Mundial, os imigrantes japoneses do Brasil sofreram a desconfiança e a hostilidade das autoridades e da população. Em 15 de agosto de 1945, o governo japonês anunciou sua rendição. Rapidamente, a notícia da derrota do Japão se espalhou pelo Brasil. No entanto, entre os membros da comunidade japonesa a recepção, e a aceitação, da notícia não foi consensual. Os imigrantes japoneses conduziram uma agressiva discussão interna sobre a questão de saber se a pátria tinha sido derrotada ou não, e as duas facções dos "vitoriosos" e

---

<sup>2</sup> Taishō (31 de agosto de 1879–25 de dezembro de 1926) foi imperador do Japão, tendo reinado a partir de 1912, quando sucedeu a seu pai, o imperador Meiji, até à sua morte. Ao assumir o poder, iniciou-se o chamado Período Taishō.

<sup>3</sup> DICKINSON, Frederick, *War and National Reinvention: Japan in the Great War 1914-1919*, Cambridge, Harvard University Press, 2001, p. 177.

<sup>4</sup> SMITKA, Michael (ed.), *Japanese Prewar Growth (Japanese Economic History 1600-1960)*, New York, Routledge, 1998, p. 192.

"derrotados" gradualmente se formaram dentro da comunidade de imigrantes. A escalada do conflito e a situação de luta entre as duas facções, acabou gerando uma grande instabilidade que afetou todas as classes da comunidade de imigrantes japoneses.

O conflito tinha raízes sociais profundas e envolvia questões como as características da comunidade imigrante, a sua psicologia e identidade. As diferentes fracturas pré-existentes na comunidade japonesa no Brasil foram ainda mais amplificadas devido ao ambiente especial dos tempos de guerra, tendo estes fatores se tornado as causas profundas dos conflitos. A indiferença do governo japonês para com os seus emigrantes, juntamente com a grave situação doméstica no pós-guerra, conduziram à inação relativamente às lutas que atravessavam a emigração japonesa. Para além disso, o tratamento sinuoso do governo japonês ao facto da derrota e a negação e torção da natureza da guerra também tornaram o conflito de difícil resolução por um longo tempo. O conflito teve um sério impacto na comunidade de emigrantes japoneses, tendo destruído o antigo modo de organização do seu sistema social e libertado os emigrantes das suas identidades anteriores. Esta destruição significou a reconstrução de um novo sistema no seio da comunidade no pós-guerra, enquanto a libertação significou uma maior assimilação e integração na sociedade brasileira através da transformação das identidades originais.

## **1.2. Objectivos, metodologia e organização do trabalho**

A pesquisa em Portugal sobre a imigração japonesa para o Brasil está em seu processo inicial. O passado colonial que liga Portugal ao Brasil faz com que este país tenha uma investigação relativamente madura sobre a história brasileira contemporânea e sobre a emigração para o Brasil. No entanto, os estudos são principalmente sobre os imigrantes europeus no Brasil, excluindo a maior parte das outras origens geográficas. A imigração japonesa é parte indispensável da história social brasileira, mas são poucos os trabalhos relacionados com esse período de construção e transição da comunidade de imigrantes japoneses no Brasil. Espera-se

que este trabalho possa ajudar a colmatar esta falha historiográfica sobre uma dimensão tão importante do processo de formação da sociedade brasileira contemporânea.

Em primeiro lugar, iremos compreender qual foi o papel do Japão na Primeira e Segunda Guerras Mundiais, seu estatuto no mundo e suas relações diplomáticas durante as guerras com o Brasil, e analisar como os imigrantes japoneses foram se integrando gradativamente na sociedade brasileira.

Em segundo lugar, entender os conflitos internos à imigração japonesa neste período ajuda-nos a perceber como os imigrantes japoneses interpretavam o mundo durante estes anos. Quer o desencadear do conflito entre os imigrantes japoneses, quer a compreensão da sua identidade durante esse mesmo conflito, servir-nos-ão de ponto de referência.

Por fim, a discussão sobre a relação entre os imigrantes e a sua pátria materna ajudará a aprofundar o debate entre ambos e sobre as suas próprias posições e responsabilidades. Da mesma forma, devido às semelhanças entre a cultura japonesa e chinesa, e há muitos imigrantes chineses em todo o mundo, este tópico também fornece uma base teórica para perceber como os imigrantes podem ganhar uma posição na sociedade de integração. Portanto, este tópico também tem um certo ponto de significado prático.

A pesquisa desta dissertação adota uma combinação de interpretação teórica e estudo de caso, recorrendo a leituras da história, sociologia, antropologia cultural e relações internacionais. Iremos centrar-nos na interpretação e análise de diários pessoais de imigrantes japoneses do Brasil antes e depois da guerra, diversas notícias manuscritas que circulavam na sociedade da época, e diversos arquivos editados e publicados pela Associação de Imigração Japonesa de Países Latino-Americanos. Por um lado, tentaremos restaurar o ambiente social e a realidade de vida dos imigrantes japoneses da época da forma mais real possível. Por outro lado, aproveitaremos para explorar os diversos fatores que levaram ao surgimento e desenvolvimento desta situação. Começaremos com o registro da vida diária dos imigrantes japoneses de modo a encontrar os motivos pelos quais estes se queriam estabelecer no Brasil após a

II Guerra Mundial, de forma a melhor fornecer evidências para esta pesquisa.

Neste trabalho tentaremos também socorrer-nos de algumas abordagens da sociologia e da antropologia cultural como um guia para discutir e explicar o impacto da derrota do Japão de uma perspectiva da psicologia da imigração e da transformação da identidade de imigração.

A tese está organizada em três capítulos. O primeiro discute principalmente os contextos de sociabilidade interna e de integração da comunidade japonesa na sociedade brasileira. As reações dos japoneses à notícia da derrota na II Guerra Mundial são indissociáveis do isolamento e fechamento da comunidade de imigrantes japoneses. Em geral, a formação dessa característica se deve, em primeiro lugar, à identidade dos imigrantes japoneses como "cidadãos imperiais". Em segundo lugar, a psicologia de "pessoas abandonadas" causada por meios de subsistência difíceis e pelo abandono das suas casas e terra natal. Esses dois fatores contribuíram para o pensamento dominante e para a mentalidade de "residente temporário". A lógica era simples: assim que ganhassem dinheiro suficiente, eles retornariam ao seu país de origem. A sociedade de imigrantes construída sob esse tipo de psicologia está destinada a ficar isolada da sociedade brasileira, apresentando características de fechamento. A eclosão da II Guerra Mundial agravou a situação. Os imigrantes japoneses foram reprimidos e controlados pelas autoridades brasileiras – parte da coligação das potências aliadas – por causa de sua condição de nacionais de uma das potências do Eixo. Paradoxalmente, esta opressão fez aumentar o sentimento nacionalista entre os imigrantes japoneses. Estes fatores juntos em conjunto constituíram a causa do conflito.

O segundo capítulo descreve o impacto e a influência da notícia da derrota do Japão na II Guerra Mundial. A turbulência social causada pela notícia e a mudança da notícia da "derrota" para a notícia da "vitória" nesse período, fez com que a comunidade de imigrantes japoneses no Brasil se dividisse e se antagonizasse logo após o aparecimento destas duas narrativas. Finalmente, a situação iria piorar ainda mais, transformando-se num grande conflito que afetou todas as classes da comunidade imigrante.

O terceiro capítulo discute as razões para o prolongamento do conflito por um longo tempo. Isso está relacionado com a falta de responsabilidade do governo japonês durante aquele período. Por trás dessa falta de responsabilidade, reflete-se a desatenção do governo para com os imigrantes japoneses no Brasil. Além disso, após a guerra, o tratamento pouco claro dado pelo governo japonês ao facto da derrota e à negação e distorção da natureza da guerra também fez com que essa situação não fosse efetivamente resolvida na longa duração.

### **1.3. Estado da arte**

No processo de busca por materiais relevantes, a autora descobriu que os estudiosos portugueses fizeram poucas pesquisas sobre o modo como os imigrantes japoneses na época após a II Guerra Mundial estabeleceram a sua base no Brasil e sobre os conflitos relevantes no seio da comunidade, existindo poucos artigos ou livros especializados. No entanto, no Japão e no Brasil, as pesquisas sobre a imigração japonesa são relativamente ricas. Para perceber como os imigrantes japoneses se enraizaram no Brasil, é preciso primeiro entender por que razão emigraram para o Brasil. Quando duas culturas completamente diferentes se chocam, o que pode acontecer? Os imigrantes japoneses poderão viver em harmonia entre esses choques? Como um país derrotado na II Guerra Mundial conseguiu que os seus emigrantes ganhassem uma posição no Brasil? Como foram assimilados e integrados na sociedade brasileira?

A autora buscou, assim, analisar o conflito e as mudanças causados pela derrota do Japão na comunidade de imigrantes japoneses no Brasil, e fazer uma integração orgânica dos diversos fatores relacionados com a comunidade de imigrantes; imigrantes e governo japonês, etc. Estes podem ser dividir-se nos dois pontos a seguir.

#### **1.3.1. Motivações da Imigração Japonesa para o Brasil**

Após a Restauração Meiji, o Japão avançou gradualmente no processo de modernização e aderiu ao sistema capitalista. Ao mesmo tempo que se desenvolvia,

também enfrentava contradições econômicas e sociais difíceis de conciliar. Diante das oportunidades e desafios de transformação social, a maioria dos japoneses vivia numa situação difícil. Para resolver os problemas de subsistência das pessoas que viviam na base, o governo japonês decidiu fomentar a emigração para o exterior como um meio importante de resolução do problema. A inflação sempre foi uma sombra persistente no rápido desenvolvimento do Japão. Masayoshi Matsukata assumiu o cargo de ministro das Finanças em 1881 e começou a implementar políticas econômicas que são essencialmente terapia de choque. Ao reduzir a quantidade de moeda em circulação no mercado, aumentando os impostos sobre o consumo e os impostos locais, levou a uma queda acentuada dos preços, principalmente dos produtos agrícolas, o que levou à falência um grande número de agricultores. No início do século XX, a economia japonesa mergulhou novamente numa espiral inflacionista violenta e os preços permaneceram altos.

Em termos de parte histórica, a pesquisa acadêmica sobre os antecedentes da era da imigração japonesa está relativamente bem consolidada. *Uma Epopeia Moderna: 80 Anos da Imigração Japonesa no Brasil* da Sociedade Brasileira de Cultura Japonesa (1992), em seus capítulos relacionados, fornece uma descrição histórica detalhada do conflito na comunidade de imigrantes japoneses causada pela derrota do Japão. *Exporting Japan: Politics of Emigration to Latin America* de Toake Endoh (2009), por meio da análise da política de emigração do Japão, defende que a emigração para o Brasil não é apenas um modo de resolver uma crise social interna, mas também uma extensão do poder japonês na América Latina. Naquela época, a política de emigração do governo japonês mostrava uma óbvia tentativa de se expandir e estabelecer no Brasil. *O Imigrante Japonês: História de Sua Vida no Brasil* de Tomoo Handa (1970), em forma de história de vida, fornece as condições de vida dos imigrantes japoneses oprimidos durante a guerra e muitas anedotas e histórias da vida cotidiana durante o conflito. Descreve os japoneses no Brasil de forma narrativa, e também conta a ação dos brasileiros no Japão. A sua introdução geral permite os leitores uma compreensão macro dos imigrantes japoneses. Do ponto de vista do sistema social brasileiro, ela leva-nos a compreender melhor o tecido social brasileiro e a aceitação

de imigrantes estrangeiros. *Da monarquia à República: Momentos Decisivos* de Emília Viotti da Costa (1999), dá-nos o ponto de vista do sistema social brasileiro e leva-nos a compreender melhor o tecido social do país e o modo de aceitação dos imigrantes estrangeiros.

### **1.3.2. Assimilação e integração dos imigrantes japoneses**

Depois que os japoneses chegaram ao Brasil, o primeiro problema que enfrentaram foi garantir a sua melhor sobrevivência, num país que é distante e completamente diferente do estilo de vida japonês, enfrentando desafios para melhor se integrar na sociedade e na cultura brasileira com estilos muito diferentes. Esta discussão pertence à área da história da vida social, envolvendo um levantamento abrangente da vida japonesa e uma ampla gama de conteúdos. Os resultados da exploração das condições de vida dos imigrantes japoneses são relativamente ricos. Após a guerra, a integração positiva da comunidade de imigrantes japoneses na sociedade local teve pouco a ver com a integração entre diferentes culturas. Foi mais devido ao impacto da "derrota do Japão". Porque nos 40 anos anteriores, fosse emigração privada ou emigração de política nacional, em essência, esses japoneses que viajaram até o continente sul-americano não tinham, eles próprios, uma "consciência de emigrante". Para eles, isso nada mais era do que uma fase particular de "experiência de trabalho". Em primeiro lugar, essa assimilação e integração refletiu-se na identidade própria dos imigrantes japoneses brasileiros. Com o passar do tempo, diante de cada vez mais factos relativos à derrota, a primeira geração de emigrantes gradualmente aceitou o facto de o Japão ter sido derrotado na II Guerra Mundial. Embora esse processo seja longo e tortuoso, algumas pessoas chegaram a viajar clandestinamente para a Argentina e outros países a fim de encontrar uma chance de voltar e confirmar a derrota da pátria. Mas quando viram com os próprios olhos a tragédia da pátria depois da guerra, nas notícias e nos jornais, aos poucos desistiram de voltar ao Japão ou de partir para outros países. A ideia de "fixação no Brasil" começou a brotar no coração desses emigrantes que assim procuravam garantir a sua melhor subsistência.

Em segundo lugar, os descendentes de imigrantes que cresceram no Brasil denotavam uma forte identificação com a sociedade brasileira. As figuras ativas na sociedade brasileira destas segunda e terceira gerações também ajudaram a mudar a mentalidade dos pais (a primeira geração de imigrantes japoneses) e libertaram-nos das amarras psicológicas do “residente temporário”. Após a derrota na II Guerra Mundial, a situação no Japão era precária e a qualidade de vida difícil de garantir. Por outro lado, os seus filhos haviam recebido uma educação brasileira e integravam-se na sociedade de acolhimento. Mesmo que voltassem para casa, os mais novos poderiam não ser capazes de encontrar um lugar na sociedade japonesa. *A Identidade Latino-Americana na Comunidade Nipo-Brasileira* de Felipe Duda Fernandes (2020), sobre a experiência dos imigrantes japoneses no Brasil após a II Guerra Mundial e a descrença na derrota do Japão, analisa o processo de incorporação da cidadania brasileira, de tradições e valores ocidentais. *A Sociologia da Imigração no Brasil Entre as Décadas de 1940 e 1970* de Márcio de Oliveira (2018) focou a análise no período que vai de 1940 a 1970, para compreender qual o papel desempenhado pelos estudos sobre imigrantes na sociologia brasileira. *Migrantes e Identidade no Japão e no Brasil: o Nikkeijin* de Daniela de Carvalho (2003) apresenta de forma abrangente a participação política e econômica dos imigrantes japoneses, a vida familiar e a vida social, com particular atenção à identidade dos imigrantes japoneses no período do pós-guerra e o seu refluxo, discutindo brevemente o período anterior à guerra. *As relações nipo-brasileiras (1895-1973): o lugar da imigração japonesa*, tese de mestrado de Rogério Makino (2010), investiga a importância da imigração japonesa para a sociedade brasileira a partir de uma perspectiva histórica, notando como a relação bilateral entre os dois países afeta o desenvolvimento da situação.

Considerando o arco temporal, o largo escopo e a profundidade da pesquisa acadêmica sobre os imigrantes japoneses no Brasil, apenas aqui listei as novas obras icônicas das últimas décadas. Todavia, os estudiosos não tomaram a derrota do Japão e o conflito e a reconstrução da comunidade imigrante como um tema especial para pesquisas aprofundadas e abrangentes, apenas referindo o tema em trabalhos relacionados, deixando um grande espaço de pesquisa nesta área.

## 2. Os Japoneses no Brasil

### 2.1. Antecedentes históricos da emigração japonesa para o Brasil

Para entender porque razão os imigrantes japoneses foram para o Brasil, existe uma relação inseparável com o país fechado, que durou mais de duzentos anos, durante o período Tokugawa<sup>5</sup>. No início do período Edo, Tokugawa Ieyasu<sup>6</sup> estabeleceu um sistema político rigidamente controlado. Depois de duas gerações dos generais Tokugawa Hidetada e Tokugawa Iemitsu, o governo do xogunato Tokugawa (Período Tokugawa) estabilizou-se. Uma vez que a política se estabilizou, a economia também se desenvolveu. Durante a era Tokugawa Tsunayoshi<sup>7</sup>, a cultura Genroku<sup>8</sup> prevaleceu entre os mercadores e os habitantes das cidades. No meio do período Tokugawa, as finanças do xogunato estavam em apuros. Posteriormente, uma série de reformas foram implementadas na tentativa de as melhorar, mas os fundamentos do problema não foram resolvidos. Na primeira metade do século XVIII, a germinação do capitalismo e o surgimento de novos modos de produção abalaram as fundações do governo do xogunato. Durante o período Edo, o Japão implementou uma política de país fechado. O comércio com países estrangeiros foi estritamente proibido e as relações externas do Japão através do mar foram proibidas. Os japoneses só tinham permissão para conduzir negócios com a China, a Coreia, a Holanda e outros poucos países, e apenas a partir do entreposto de Nagasaki<sup>9</sup>. Num ambiente tão fechado, a

---

<sup>5</sup> Também se chama Período Edo e é um período da história em que o Japão foi governado pelos xoguns da família Tokugawa, no período que vai de Março de 1603 a Maio de 1868, estabelecido por Tokugawa Ieyasu (o primeiro xogum desta era) na então cidade de Edo (actualTóquio).

<sup>6</sup> Tokugawa Ieyasu foi o fundador e primeiro xogum do Xogunato Tokugawa do Japão.

<sup>7</sup> Tokugawa Tsunayoshi (1646 – 1709) foi o shōgun de quinta geração do período Edo (reinou 1680-1709).

<sup>8</sup> Cultura Genroku (元禄文化) é o termo usado para descrever a cultura do início do período Edo (1603–1867), em particular a era Genroku de 1688–1704. A cultura Genroku é conhecida como um período de exibição luxuosa, quando as artes eram cada vez mais patrocinadas por uma crescente e poderosa classe de comerciantes. A literatura deste período atravessa o espírito crítico do realismo.

<sup>9</sup> Nagasaki é uma famosa cidade portuária na costa oeste da Ilha Kyushu, no Japão.

vida do povo japonês era monótona e difícil. Durante a era Tokugawa, todos os residentes eram estritamente divididos em quatro classes: samurais, fazendeiros, artesãos e mercadores. Num tal ambiente, com o tempo, algumas elites japonesas ficaram insatisfeitas com o governo. A sociedade adotou a ideia de devoção ao imperador, que até não é tão importante. De acordo com a mitologia japonesa, o imperador é um descendente direto dos deuses, então as pessoas devem elogiá-lo.<sup>10</sup> Naquela época, a opinião pública considerou: se o imperador é descendente directo dos deuses, então o governo militar não tem legitimidade para administrar o Japão. Então, para derrubar as velhas forças da família Tokugawa, a Restauração Meiji entrou no palco da história. Pouco antes da Restauração Meiji, indústrias caseiras e oficinas de artesanato começaram a aparecer em algumas áreas economicamente desenvolvidas. O sistema do "trabalhador empregado" apareceu na oficina e as sementes do capitalismo apareceram. O seu surgimento impactou o sistema económico e abalou os fundamentos da base governativa do xogunato. Com a rápida expansão da economia de mercadorias transaccionáveis, a classe dos comerciantes, especialmente os responsáveis por negócios financeiros, fortaleceram-se gradualmente. Os empresários sentiram que o antigo sistema restringia severamente o seu desenvolvimento, então começaram a clamar pela reforma do sistema político. Durante o domínio burguês (domínio de Han)<sup>11</sup>, samurais e mercadores que exigiam reformas institucionais formaram uma aliança política para formar a base da "facção Toubaku"<sup>12</sup> junto com os agricultores de base que se opunham ao xogunato. Em 1868, a Restauração Meiji marcou o fim do período do xogunato, o governo imperial voltou ao poder, a ditadura feudal terminou e o Japão começou a se modernizar.

---

<sup>11</sup>O han (藩) é um termo histórico para a propriedade de um samurai ou daimyo no período Edo e no início do período Meiji na história japonesa após o século XII.

<sup>12</sup> A facção Toubaku ocorreu na segunda metade do século XIX. Após as revoluções burguesas europeias e americanas, o Japão também experimentou um movimento de reforma abrangente nos campos da política, economia, ideologia e cultura. Esse movimento de renovação burguesa, com o objectivo de promover uma mundividência capitalista, começou no período Meiji, por isso é chamado de "Restauração Meiji" na história. Entre eles, o grupo político que derrubou o governo do xogunato foi chamado de "facção Toubaku".

### **2.1.1. Motivação da Emigração Japonesa para o Brasil**

Após a Restauração Meiji, o Japão avançou gradualmente no seu processo de modernização e integração no sistema capitalista mundial. Ao mesmo tempo que chamava a atenção, também enfrentava contradições económicas e sociais difíceis de conciliar. Diante das oportunidades e desafios da transformação social, a maioria dos japoneses vivia com dificuldades. Para resolver os problemas de subsistência das pessoas que viviam na base da sociedade, o governo japonês decidiu apoiar a emigração para o exterior como um meio importante de resolver o problema.

#### **(1) Ambiente de emigração no Japão**

Na era Tokugawa, os japoneses viveram num ambiente social estável por muito tempo. Este ambiente favoreceu a estabilidade do crescimento populacional, mas no geral a taxa de crescimento foi pequena, mantendo basicamente uma população de cerca de 30 milhões de pessoas. No entanto, após a Restauração Meiji, o governo japonês introduziu uma política de recompensa por nascimento baseada em considerações de longo prazo, como reservar mão de obra para a industrialização, e a estabilidade da população foi rapidamente quebrada. A população do Japão era de 33.110.756 em 1871. Em 1926, havia aumentado para 63.006.595, quase dobrando. Especialmente a partir de 1913, a nova população atingiu mais de 640.000 a cada ano.<sup>13</sup> No entanto, a área total do Japão é de apenas 382.315 quilómetros quadrados e a área disponível para cultivo é inferior a 17% da área total. De acordo com as estatísticas, no início do século 20, a produção anual de arroz no Japão era de apenas 58 milhões de koku (1koku  $\approx$  0.18toneladas), enquanto o consumo doméstico de arroz era de 67,436 milhões de koku. Antes da I Guerra Mundial, 3 milhões de koku de arroz tiveram que ser importados de países vizinhos para suprir as necessidades básicas da população.<sup>14</sup>

---

<sup>13</sup> TOAKE, Endoh, *Exporting Japan: Politics of Emigration to Latin America*, Champaign, University of Illinois Press, 2009, p.64.

<sup>14</sup> SANDERSON, Michael, *The economic development of Japan 1868-1941*, Norwich, Cambridge University Press, 1995, pp.53-54.

Além disso, a inflação sempre foi uma sombra persistente no rápido desenvolvimento do Japão. Masayoshi Matsukata<sup>15</sup> assumiu o cargo de Secretário de Estado em 1881 e começou a implementar políticas económicas que eram essencialmente terapia de choque. Ao reduzir a quantidade de moeda que circulava no mercado, aumentando os impostos sobre o consumo e os impostos locais, os preços caíram drasticamente, principalmente os produtos agrícolas, o que levou à falência um grande número de agricultores. Em 1886, 30% dos agricultores autónomos de nível médio e inferior no Japão faliram e tornaram-se arrendatários. A política fiscal deflacionária de Matsukata resolveu a crise enfrentada pelo Japão, mas agravou o sofrimento das pessoas na base da sociedade.<sup>16</sup>

A fim de aliviar a pressão doméstica, o governo japonês incentivou os japoneses a emigrar para o exterior e expandiu activamente os canais de emigração para os cidadãos japoneses. Em 1896, o governo promulgou a "Lei de Proteção à Emigração" para regular as actividades da emigração. No início do século XX, o governo japonês estabeleceu associações em condados como Kumamoto, Hiroshima, Okayama, Wakayama e Yamaguchi, onde o número de emigrantes era relativamente grande. A Associação Internacional é uma organização de emigração japonesa que oferece apoio à emigração japonesa no estrangeiro. Depois de o governo japonês ter introduzido a política de incentivo e recompensa à emigração em 1924, ele elevou a emigração para o Brasil a uma política nacional. Em 1927, o governo japonês promulgou e implementou a Lei de Cooperativas de Emigração para o Ultramar e estabeleceu as Cooperativas de Emigração para o Ultramar com o governador de cada prefeitura como seu presidente. O principal objetivo desse movimento é deslocar grupos de agricultores autónomos e migrantes, e deslocar operadores agrícolas sob a forma de empresas. Para fins de migração, a União de Cooperativas de Emigração para o Ultramar era a sua organização central.

## **(2) O Japão nas guerras**

---

<sup>15</sup> Matsukata Masayoshi (25 de Fevereiro de 1835 — 2 de Julho de 1924) foi um político do Japão. Ele serviu como primeiro-ministro do Japão de 6 de Maio de 1891 a 8 de Agosto de 1892.

1914 a 1918, o Japão participou na I Guerra Mundial. Numa aliança com a Tríplice Entente. O Império Japonês aproveitou para expandir sua esfera de influência na China, e reconhecido status internacional na geopolítica do pós-guerra. Durante o conflito de 1914-1918, o Japão foi governado pelo Imperador Taishō<sup>17</sup> e pelo primeiro-ministro Terauchi Masatake<sup>18</sup>(mandato 1916.10-1918.9). O exército japonês aproveitou a longa distância e o foco da Alemanha na guerra europeia, e apreendeu possessões alemãs no Pacífico e no Leste Asiático não tiveram mobilização econômica em larga escala.<sup>19</sup> A fim de expandir sua influência na República da China, o ministro das relações exteriores do Japão, Katō Takaaki<sup>20</sup>, e o primeiro-ministro Ōkuma Shigenobu<sup>21</sup>(mandato 1914.4–1916.10) procuraram o apoio de Sun Yat-sen<sup>22</sup> (1866-1925), que estava exilado no Japão na época, mas tiveram pouco sucesso. Durante esse período, a população do Japão estava sob uma pressão tremenda e o governo não era capaz de atender às necessidades diárias de alimentação do povo. Portanto, na I Guerra Mundial, o objectivo principal do Grande Império Japonês era aliviar a pressão interna. O Japão esperava aproveitar esta oportunidade para se expandir na China. Na primeira semana da I Guerra Mundial, o Japão propôs ao Reino Unido, se o Japão pudesse ocupar o território alemão do Pacífico, entraria em guerra.<sup>23</sup> Em 7 de Agosto de 1914, o governo britânico solicitou formalmente a ajuda do Japão para derrotar a Marinha Imperial Alemã, que invadiu nas águas chinesas e em seus arredores. O Japão enviou um ultimato à Alemanha em 15 de agosto de 1914, mas não recebeu resposta da

---

<sup>17</sup> Taishō (大正天皇 1879 – 1926) foi o 123º Imperador do Japão.,durante o reinado do imperador Taisho, prevaleceu a atmosfera democrática e a ideologia humanista do Japão. Sob a defesa do imperador e dos chineses da época, o Japão experimentou um breve período de desenvolvimento relaxado, que foi um freio ao nacionalismo extremo formado na era Showa .

<sup>18</sup> Terauchi Masatake ( 1852 — 1919) foi estrategista militar japonês, político, primeiro-ministro do Japão durante a Primeira Guerra Mundial (1916,10-1918,9).

<sup>19</sup> DICKINSON, Frederick, *War and National Reinvention: Japan in the Great War 1914-1919*, Cambridge, Harvard University Press, 2001, p. 177.

<sup>20</sup> Katō Takaaki (1860 — 1926) foi um político japonês. Ocupou o cargo de primeiro-ministro do Japão de 11 de Junho de 1924 até 27 de Janeiro de 1926.

<sup>21</sup> Ōkuma Shigenobu 1838 —1922) foi um político japonês, é o oitavo ( 1898.6-1898.11)e décimo sétimo (1914.4-1916.10)primeiro-ministro do Japão.

<sup>22</sup> Sun Yat-sen foi fundador da República da China e do Kuomintang chinês. Ele primeiro levantou a bandeira do anti-imperialista e anti-feudalismo, "começando uma república e terminando dois mil anos de monarquia feudal".

<sup>23</sup> BLAKE, Robert e LOUIS Roger. *Churchill, Japan, and British Security in the Pacific 1904–1942*, Oxford, Oxford Clarendon Press. 1996, p. 276.

Alemanha; Em 23 de agosto de 1914, o Japão declarou oficialmente guerra à Alemanha. Em 2 de Setembro de 1914, o Japão ocupou rapidamente a concessão alemã na China, a cidade de Qingdao (ou Tsingtao). Durante Outubro, o poder do Japão continuou a expandir-se, excepto para a China. A Marinha Imperial Japonesa<sup>24</sup> ocupou algumas das ilhas coloniais da Alemanha no Oceano Pacífico. Durante a I Guerra Mundial, a influência global do Japão continuou a aumentar. Como resultado de fornecer muita ajuda à Grã-Bretanha durante a guerra, o Japão também deu uma grande contribuição para o esforço de guerra das Potências Aliadas. Quando a guerra terminou, o Japão ascendeu a uma posição de grande potência na política internacional, alimentando o nacionalismo do povo japonês. Essa mentalidade de grande potência fornecerá o suporte psicológico para os distúrbios causados por imigrantes japoneses no Brasil no futuro. A maioria dos japoneses acreditará que o Japão não perderá o "Reino de Deus", por isso não foi capaz de admitir o facto de que o Japão falhou na II Guerra Mundial.

Em 18 de Setembro de 1931, o Japão lançou o Incidente de Mukden<sup>25</sup> e invadiu e ocupou o nordeste da China, criando assim o primeiro foco de guerra no Extremo Oriente. Depois do incidente, o governo chinês pediu ajuda à Liga das Nações, mas não recebeu uma resposta positiva. Naquela época, as potências ocidentais geralmente seguiam uma política de apaziguamento.<sup>26</sup> Ao promover a convivência com regimes autoritários, em troca de paz temporária, contribuiu muito para a arrogância dos países fascistas e desempenhou um papel acelerador na evolução das guerras locais em guerras em grande escala.<sup>27</sup> Como resultado, o Japão ficará temporariamente sem restrições. Este incidente quebrou o padrão

---

<sup>24</sup> A Marinha Imperial Japonesa (大日本帝國海軍) foi uma força armada marítima estabelecida com a Restauração Meiji de 1889 a 1945. Desempenhou um papel vital nas guerras, como a Guerra Sino-Japonesa, a Guerra Russo-Japonesa e a II Guerra Mundial.

<sup>25</sup> O Incidente de Mukden, em 18 de setembro de 1931, o Exército Kwantung japonês estacionado no nordeste da China de repente atacou Shenyang e ocupou a força o nordeste. Este incidente foi uma guerra de agressão contra a China que foi deliberadamente criada e lançada pelo Japão. Foi o início da tentativa dos imperialistas japoneses de conquistar a China pela força. Foi o ponto de partida da guerra anti-japonesa da China. O prelúdio para o Campo de Batalha Oriental.

<sup>26</sup> O apaziguamento é uma política de não resistir à agressão, mas tolerar, ceder, conspirar e comprometer-se com o agressor em detrimento de outros países.

<sup>27</sup> HOBBSAWM, Eric J., *Era dos Extremos. O breve século XX 1914-1991*, São Paulo, Companhia das Letras, 1995, pp.119-120.

mundial relativamente estável formado após a I Guerra Mundial, e a II Guerra Mundial foi emergindo. Em 7 de Julho de 1937, o Japão provocou o Incidente da Ponte Marco Polo<sup>28</sup>, o que agravou ainda mais a tensão no contexto internacional. Em 27 de Setembro de 1940 (Showa 15), a Associação de Assistência ao Regime Imperial<sup>29</sup>, liderada por Fumimaro Konoe<sup>30</sup>, contribuiu para a assinatura do "Pacto Tripartite"<sup>31</sup> ou Pacto do Eixo.

A política agressiva do Japão prejudicou seriamente os interesses da Grã-Bretanha e dos Estados Unidos . Os Estados Unidos tiveram que responder restringindo ou até proibindo a exportação de materiais estratégicos como o aço e o petróleo para o Japão, congelando os activos do Japão nos Estados Unidos e aumentando a ajuda à China. O Reino Unido e a Austrália também tomaram medidas correspondentes, o que foi um duro golpe para o Japão, que dependia da importação de materiais estratégicos. O Japão decidiu lançar um ataque surpresa enquanto os Estados Unidos ainda não estavam prontos para tomar a iniciativa no conflito armado.<sup>32</sup> Após o Ataque a Pearl Harbor<sup>33</sup>, em 7 de Dezembro de 1941 (Showa 16), a Guerra do Pacífico estourou e o Japão, enquanto potência do Eixo, foi completamente envolvido na II Guerra Mundial. Ao mesmo tempo, o exército japonês lançou ofensivas em grande escala contra a Grã-Bretanha e os Estados Unidos em várias partes do Sudeste Asiático. Até à Primavera de 1942, o exército japonês atacou, invadiu e ocupou vastas áreas do sudeste da Ásia e muitas ilhas do

---

<sup>28</sup> O Incidente da Ponte Marco Polo(7 de julho de 1937), abriu o prelúdio da Guerra Nacional Chinesa de Resistência contra a Agressão Japonesa.

<sup>29</sup> Associação de Assistência ao Regime Imperial (em japonês: たいせいよくさんかい) foi um grupo político de extrema direita no Japão durante a II Guerra Mundial. Foi fundada em 12 de Outubro de 1940 (Showa 15) e dissolvida em 13 de Junho de 1945. A organização teve como objectivo principal a promoção do "movimento do novo sistema" e governou o Japão sob uma ditadura de partido único durante a II Guerra Mundial, no mesmo tempo, a organização obteve uma certa quantidade de contra-inteligência.

<sup>30</sup> Fumimaro Konoe (em japonês: 近卫文麿)(12 de outubro de 1891 — 16 de dezembro de 1945) foi os 34º, 38º e 39º primeiros-ministros do Japão, um dos culpados da agressão do Japão contra a China e o principal promotor do fascismo. O principal promotor do fascismo..

<sup>31</sup> Em 27 de setembro de 1940, os representantes diplomáticos da Alemanha, Itália e Japão assinaram o "O Pacto Tripartite" em Berlim, estabelecendo um grupo militar com o eixo Berlim-Roma-Tóquio como núcleo. Os membros deste bloco militar são conhecidos como os "Poderes do Eixo".

<sup>32</sup> HOBBSAWM, Eric J., *Era dos Extremos. O breve século XX 1914-1991*, São Paulo, Companhia das Letras, 1995, p.34.

<sup>33</sup> O Ataque a Pearl Harbor refere-se a um incidente militar que foi planejado pelo governo japonês durante a II Guerra Mundial para atacar a Base da Frota do Pacífico da Marinha dos EUA - Pearl Harbor, que se tornou o gatilho para a eclosão da Guerra do Pacífico na II Guerra Mundial.

Pacífico, parte do Império Britânico ou bases militares norte-americanas.

Alemanha, Itália e Japão declararam guerra aos Estados Unidos ao mesmo tempo, a Guerra do Pacífico, liderada pelo Imperador Hirohito<sup>34</sup> e pelo primeiro-ministro do Japão Hideki Tōjō<sup>35</sup>, estourou e a II Guerra Mundial expandiu-se em grande escala. Ao meio-dia de 15 de Agosto de 1945, o Imperador Hirohito dirigiu-se à população através da rádio, anunciando a rendição incondicional das forças armadas japonesas. O discurso foi considerado o símbolo maior da derrota do Japão e o fim da II Guerra Mundial. A derrota do Japão na II Guerra Mundial, depois da vitória na I Guerra Mundial, tornou a rendição um facto inaceitável para alguns cidadãos japoneses.

### **2.1.2 Sociedade brasileira e ambiente da imigração**

O Brasil é um país com uma longa tradição de aceitação de imigrantes. Após a abolição da escravatura, houve uma grande escassez de mão de obra nas fazendas de café, o que impactou severamente a indústria cafeeira brasileira. Em 1902, o preço do café no mercado internacional caiu drasticamente e a indústria de café do Brasil entrou no período mais deprimido desde 1896, juntamente com a política de inflação do governo, o nível salarial foi bastante reduzido. O governo italiano estava insatisfeito com o tratamento dado aos trabalhadores contratados italianos nas plantações do Brasil. Impediu directamente a emigração de trabalhadores contratados e mergulhou a florescente indústria do café na crise. Os imigrantes do Japão se tornaram uma necessidade urgente para as fazendas brasileiras o mais rápido possível. O governo brasileiro prestou assistência aos imigrantes. Os subsídios às balsas resolvem o fardo económico dos imigrantes, e os imigrantes estão apresentando uma

---

<sup>34</sup> Imperador Showa (japonês: 裕仁天皇, 1901-1989), O 124.º imperador do Japão (reinou de 1926 a 1989) foi o monarca com o reinado mais longo, governando por 63 anos. Durante seu reinado, ele dirigiu e planejou as sucessivas guerras de agressão do Japão contra a China e a Guerra do Pacífico.

<sup>35</sup> Hideki Tōjō (Em japonês: 東條英機) (1884–1948) , representante do militarismo japonês, criminoso de guerra Classe A na Segunda Guerra Mundial, um dos principais criminosos de guerra que invadiu a China e deflagrou a Guerra do Pacífico.

tendência em larga escala.<sup>36</sup>

### **(1) Ambiente geográfico especial do Brasil**

O Brasil é um território localizado na América do Sul rico em matérias-primas. Esta fértil e vasta terra contém abundantes recursos naturais. Entre eles, destaca-se a posse de minerais metálicos, como ferro e alumínio. O Brasil é um dos principais produtores destas importantes matérias-primas industriais. Por seu lado, o arquipélago japonês no Extremo Oriente é pequeno em dimensão, grande em população e escasso em recursos. A riqueza de recursos do Brasil alimentou a esperança dos japoneses que procuravam uma vida melhor no exterior. Durante todo o período da Primeira República, 65 a 70% dos brasileiros economicamente ativos estavam empregados na agricultura, na pecuária e em indústrias rurais e viviam em pequenas cidades ou no campo. Nem a transição do Reino Unido para o Império em 1822, nem a transição do Império para a República em 1889 haviam perturbado o modelo existente de posse da terra. Os recursos produtivos e, especialmente, a terra, estavam altamente concentrados nas mãos de um número relativamente pequeno de famílias em cada estado.<sup>37</sup> Embora a República tenha incentivado uma distribuição mais equitativa, ainda predominava a concentração fundiária e o cultivo, em grande escala, de safras destinadas à exportação.

O governo brasileiro sempre acolheu imigrantes da Europa, especialmente portugueses, italianos e alemães. De 1891 a 1900, 112500 imigrantes europeus chegavam todos os anos, e a tendência da imigração europeia para o Brasil não parava. Chegou ao seu pico antes da Primeira Guerra Mundial. Somente de 1911 a 1913, o Brasil aceitou cerca de 500000 imigrantes estrangeiros. A tabela a seguir mostra a situação da imigração de vários países no Brasil em diferentes períodos.<sup>38</sup>

---

<sup>36</sup> HANDA, Tomoo, *O imigrante japonês: história de sua vida no Brasil*, São Paulo, T.A. QUEIROZ editor, 1970, pp. 33, 126.

<sup>37</sup> BETHELL, Leslie, *Politics in Brazil under Vargas, 1930–1945*, Cambridge, Cambridge University Press, 2008, pp. 6-7.

<sup>38</sup> Comissão de elaboração da história dos 80 anos da imigração japonesa no Brasil, *Uma Epopéia Moderna: 80 Anos da Imigração Japonesa no Brasil*, São Paulo, Editora Hucitec, Sociedade Brasileira de Cultura Japonesa, 1992, p24.

ENTRADA DE IMIGRANTES (1820-1929)

<i>Ano/País</i>	<i>Portugal</i>	<i>Itália</i>	<i>Alemanha</i>	<i>Espanha</i>	<i>Japão</i>	<i>Outros</i>	<i>Total</i>
<b>1820-29</b>			1.984			7.112	9.096
<b>1830-39</b>	261	180	207	—	—	<b>2.021</b>	2.669
<b>1840-49</b>	491	5	2.139	<b>10</b>	—	<b>2.347</b>	<b>4.992</b>
<b>1850-59</b>	63.272	24	15.806	<b>181</b>	—	<b>28.843</b>	<b>108.126</b>
<b>1860-69</b>	53.618	4.916	16.514	<b>633</b>	—	<b>34.398</b>	<b>110.079</b>
<b>1870-79</b>	67.609	<b>47.100</b>	14.627	<b>3.940</b>	—	<b>60.609</b>	193.885
<b>1880-89</b>	<b>104.491</b>	<b>276.724</b>	19.201	<b>29.066</b>	—	<b>23.997</b>	453.079
<b>1890-99</b>	<b>215.354</b>	<b>670.508</b>	17.034	<b>164.193</b>	—	<b>115.929</b>	1.183.018
<b>1900-09</b>	<b>195.586</b>	<b>221.394</b>	<b>13.848</b>	<b>121.604</b>	<b>861</b>	<b>82.145</b>	635.438
<b>1910-19</b>	<b>318.481</b>	<b>137.868</b>	<b>61.902</b>	<b>181.696</b>	<b>27.732</b>	<b>136.374</b>	863.714
<b>1920-29</b>	<b>301.913</b>	<b>106.835</b>	<b>75.801</b>	<b>81.931</b>	<b>58.284</b>	<b>221.881</b>	846.645
<b>Total</b>	<b>1.321.076</b>	<b>1.465.554</b>	<b>239.063</b>	<b>583.254</b>	<b>86.577</b>	715.656	4.410.741

Em 1918, os grandes latifundiários brasileiros representavam 0,3% do total de proprietários com mais de 10.000 hectares, mas geriam 25% das terras do país.<sup>39</sup> A pequena propriedade fundiária era uma perspectiva muito atraente para os imigrantes. A aquisição de terras no país de acolhimento significa que dispõem dos meios de produção mais básicos, uma garantia de uma vida estável. Na região de São Paulo, a compra de terras por imigrantes acelerou o desenvolvimento da pequena propriedade agrícola.

A partir de 1930, assistiu-se à multiplicação do número de pequenas propriedades agrícolas. Nessa data, a questão da sucessão presidencial mais uma vez causou tensão na chamada *política dos governadores*<sup>40</sup>. O presidente Washington Luís<sup>41</sup> escolheu como candidato e, portanto, seu sucessor, Júlio Prestes de Albuquerque, que lhe sucedera como governador de São Paulo em 1926. O objetivo era manter a hegemonia política e econômica de São Paulo, à medida que o Brasil, e

<sup>39</sup> CEHELKY, Marta, *Land reform in Brazil: The Management of Social Change*, Boulder, Colorado, A Westview Replica Edition, 1979, p. 35.

<sup>40</sup> A política dos governadores foi um acordo durante os primeiros anos da República Velha (1889-1930). Caracterizava-se pelo apoio do governo federal ao governo estadual. Em troca, usaram o "coronelismo" (caciquismo) para eleger representantes pró-governo federal para esvaziar qualquer forma de oposição. Esse sistema começou com o governo de Campos Sales, que surgiu com o nome de "política dos estados", ou "o que pensam os Estados, pensa a União". Esta política é a precursora da política do café com leite e, sem dúvida, moldou algumas práticas políticas no Brasil de hoje.

<sup>41</sup> Washington Luís Pereira de Sousa GCC (1869- 1957) foi um político brasileiro, prefeito de São Paulo em 1920 e presidente em 1926.

particularmente o setor cafeeiro de São Paulo, começava a sentir os efeitos da Depressão Mundial.<sup>42</sup> Como a indústria do café não conseguia escapar da ameaça da crise, as operações diárias dos grandes proprietários estavam com problemas de liquidez. Uma solução encontrada foi vender parte das suas terras (a preços mais baixos) a trabalhadores agrícolas excedentários ou a imigrantes estrangeiros. Como resultado, algumas grandes propriedades paulistas foram divididas, dando aos imigrantes a possibilidade de aceder à posse da terra.

## **(2) Indústria cafeeira e desenvolvimento econômico**

Em 1822, aquando da independência de Portugal, as elites políticas brasileiras optaram por um regime monárquico. As suas expectativas e os limites do seu liberalismo são evidenciados no manifesto que o regente dirigiu ao povo brasileiro em 1 de agosto de 1822.<sup>43</sup> No entanto, a situação socioeconômica manteve o padrão anterior por muito tempo. As elites políticas que tinham levado o Brasil à independência exploraram – muito timidamente – certos tipos de industrialização do país. O fracasso de muitas tentativas de reforma e o grande obstáculo da lógica escravista adiaram sempre os objectivos liberalizadores.

O desenvolvimento inicial do Brasil dependia da exportação de açúcar e, posteriormente, da exportação de algodão. Todavia, a economia baseada na exportação de uma só matéria-prima enfrentou problemas, um atrás do outro. Para melhorar a situação financeira, o governo precisava urgentemente de identificar um novo produto para relançar a economia de exportação. O café não é uma cultura nativa do Brasil. Em 1727, o oficial militar português Francisco de Melo Palheta<sup>44</sup> levou algumas sementes de café da Guiana para a região do Pará, para um plantio experimental que conheceu o sucesso.

A partir do século XIX, muitos agricultores brasileiros enriqueceram com o

---

<sup>42</sup> BETHELL, Leslie, *Politics in Brazil under Vargas, 1930–1945*, Cambridge, Cambridge University Press, 2008, p. 11.

<sup>43</sup> COSTA, Emília Viotti da, *Da Monarquia à República: Momentos Decisivos*, 6.ª edição, São Paulo, Fundação Editora da UNESP, 1999, p. 137.

<sup>44</sup> O sargento-mor Francisco de Melo Palheta (Belém do Pará, 1670 – c. 1750) foi um militar luso-brasileiro, introduzindo grãos de café no Brasil e fez uma importante contribuição para o cultivo de grãos de café no Brasil.

cultivo de café. Nesse período, a cafeicultura no Brasil desenvolveu-se sem precedentes. Também o uso de mão de obra escrava atingiu o seu ápice. De 1811 a 1820, 328.000 escravos foram importados<sup>45</sup>, acompanhando o crescimento das plantações. Em 1850, a região do Cantagalo, incluindo o município de Bom Jardim, contava com 111 fazendas de café, sendo 6 delas com terreiros de pedra, engenhos de pilões e estufas de secagem. Neste cenário, uma série de outras actividades relacionadas com o café foram desenvolvidas. Negociantes grossistas, donos de torrefações, pequenos comerciantes, agentes portuários ajudaram a acelerar a urbanização do Brasil.<sup>46</sup> O café se tornou um importante factor de crescimento e o pilar industrial da economia brasileira.

Em 15 de novembro de 1889, a monarquia brasileira continuou até o estabelecimento da República dos Estados Unidos do Brasil. De 1889 a 1930, esteve em vigor o regime da Primeira República. A transição de império para república foi resultado de uma série de grandes acontecimentos. A Guerra do Paraguai foi um grande evento que impulsionou a evolução política. Embora o Brasil, enquanto membro da Aliança Tri-Nação, tenha vencido, a guerra aprofundou a dependência financeira do Brasil de países estrangeiros, especialmente da Grã-Bretanha. Com a guerra, o exército brasileiro desenvolveu-se em uma organização social disciplinada e moderna, excluindo o sistema de letrados à frente do exército. Formou-se dentro do exército uma facção que defendia a abolição da escravidão e o estabelecimento de uma república. Até o fim da Guerra do Paraguai, o Brasil era o único país do Ocidente onde ainda existia a escravidão. Contando desde a promulgação da Lei Eusebio de Queiroz em 1850 para proibir o tráfico de escravos africanos<sup>47</sup>, demorou quase 40 anos para abolir incondicionalmente a escravidão pela "Lei Áurea", aprovada pelo parlamento em 1888. Na obra *Da Monarquia à República*, Emília Viotti da Costa comenta acerca desta lei:

---

<sup>45</sup> Comissão de elaboração da história dos 80 anos da imigração japonesa no Brasil, *Uma Epopéia Moderna: 80 Anos da Imigração Japonesa no Brasil*, São Paulo, Editora Hucitec, Sociedade Brasileira de Cultura Japonesa, 1992, pp. 21, 25.

<sup>46</sup> OLIVEIRA, Maria Coleta F.A. de, *A Imigração Italiana para o Brasil e as Cidades*, Campinas, Universidade Estadual de Campinas, 1992, pp. 10-11.

<sup>47</sup> COSTA, Emília Viotti da, *Da Monarquia à República: Momentos Decisivos*, 6.<sup>a</sup> edição, São Paulo, Fundação Editora da UNESP, 1999, p. 82.

“Figurava entre os vaticínios sombrios dos escravistas que auguravam catástrofes inauditas caso a Abolição chegasse a concretizar-se. Por ocasião da Abolição não faltou quem vaticinasse que, decretando a emancipação do escravo, a princesa perderia o Trono.”<sup>48</sup>

A abolição da escravatura impulsionou a evolução política do Brasil: a adoção do sistema de trabalho assalariado, fruto da abolição da escravatura, aumentou em certa medida a produtividade social e promoveu o desenvolvimento das relações de produção capitalistas. Em 1900, o Brasil produzia 75% da oferta mundial de café. No entanto, o preço do café havia caído desde então e, em 1906, os estados do Rio de Janeiro, Minas Gerais e São Paulo, os maiores produtores, assinaram um acordo para limitar a produção e as exportações, e assim manipular o preço do café. No período 1908-1936, aproximadamente 60% dos imigrantes que chegaram ao porto de Santos consideravam-se agricultores. No entanto, ainda havia alguns imigrantes que não sabiam cultivar. Além disso, as condições de vida na época eram precárias e o tratamento e o estatuto social dos imigrantes muito baixos, resultando na morte de um grande número de imigrantes, como sucedeu com os imigrantes italianos.<sup>49</sup>

Em 1929, em virtude das consequências da Grande Depressão Americana, provocada pelo “crash” da Bolsa de Nova Iorque, a economia cafeeira paulista também sofreu um choque econômico.<sup>50</sup> A queda nos preços do café gerou turbulência militar e econômica, que impulsionou a Revolução de 1930<sup>51</sup> que, liderada por Getúlio Vargas<sup>52</sup>, foi uma insurreição armada que acabou com a Primeira República. A Revolução começou em 3 de outubro de 1930 e rapidamente se espalhou por todo o país; até 10 de outubro, Rio Grande do Sul e Minas Gerais haviam

---

<sup>48</sup> COSTA, Emília Viotti da, *Da Monarquia à República: Momentos Decisivos*, 6.<sup>a</sup> edição, São Paulo, Fundação Editora da UNESP, 1999, p. 454.

<sup>49</sup> OLIVEIRA, Maria Coleta F.A. de, *A Imigração Italiana para o Brasil e as Cidades*, Campinas, Universidade Estadual de Campinas, 1992, p. 7.

<sup>50</sup> BETHELL, Leslie, *Politics in Brazil under Vargas, 1930–1945*, Cambridge, Cambridge University Press, 2008, pp. 16-17.

<sup>51</sup> A Revolução de 1930 liderado pelos Minas Gerais, Paraíba e Rio Grande do Sul, foi um movimento armado. Tomou o poder do então presidente Washington Luis em um golpe militar.

<sup>52</sup> Getúlio Vargas (1882-1954) foi um advogado e um proeminente político brasileiro, líder da Revolução de 1930.

anunciado o seu apoio. Em 24 de outubro, Washington Luís foi deposto, e uma Junta Militar assumiu o poder. Getúlio Vargas assumiu a liderança da Junta em 3 de novembro de 1930,<sup>53</sup> marcando efetivamente o fim da Primeira República e o início da Era Vargas. A partir de 1930, a estrutura do Estado brasileiro passou por profundas transformações, reajustando-se para atender às novas necessidades econômicas e sociais que o governo considerava indispensáveis. A Revolução Constitucionalista de 1932<sup>54</sup> levou a uma nova Constituição<sup>55</sup> em 1934. Vargas aceitou essa constituição para legitimar o seu poder. A Carta de 1934 levou a cabo profundas reformas na organização da velha república e efetuou mudanças graduais.

No entanto, em 1937, após uma tentativa de revolta fascista, a constituição foi anulada e Vargas tornou-se um ditador em nome da lei e da ordem. O seu governo ocupa dois períodos da história brasileira, a Segunda República do Brasil (1930-1937) e a Terceira República do Brasil(1937-1945), conhecida como Estado Novo. A Constituição de 1937, o regime centralizador, por vezes autoritário, do getulismo, ou Era Vargas<sup>56</sup>. A constituição estimulou a expansão das atividades urbanas e transformou a produção (da agricultura para a indústria), lançando as bases da moderna economia brasileira.

Entre 1939 e 1945, a receita do comércio de café representou 35% da receita cambial do Brasil. No entanto, a indústria do café é intensiva em mão-de-obra, e a introdução de imigrantes foi uma estratégia importante para o Brasil, que era escassamente povoado. O historiador britânico Leslie Bethell mencionou em *Politics in Brazil under Vargas, 1930–1945*:

Porém, o início da revolução de 1930 coincidiu

---

<sup>53</sup> BETHELL, Leslie, *Politics in Brazil under Vargas, 1930–1945*, Cambridge, Cambridge University Press, 2008, p. 80.

<sup>54</sup> Na Revolução Constitucionalista de 1932, ocorreram movimentos armados nos estados de São Paulo, Mato Grosso e Rio Grande do Sul com o objectivo de derrubar o Governo Provisório de Getúlio Vargas e convocar uma Assembleia Nacional Constituinte.

<sup>55</sup> A Constituição Brasileira de 1934, de acordo com o próprio preâmbulo, a constituição fortalece os poderes do presidente, reduz a Câmara dos Deputados a um órgão consultivo e limita explicitamente o liberalismo económico. Esta é a constituição com duração mais curta na História Brasileira: vigorou oficialmente apenas um ano, embora a sua vigência tenha sido de três anos.

<sup>56</sup> Era Vargas, de 1930 a 1945, quando Getúlio Vargas governou de forma contínua o Brasil. Consiste em um Governo Provisório, um Governo Constitucional e Estado Novo.

com a Depressão Mundial, principalmente após o estabelecimento do novo regime em 1937, e foi profundamente afetada pela II Guerra Mundial. O Brasil iniciou um desenvolvimento econômico liderado pelo Estado. O crescimento industrial, embora ainda dependente fortemente das exportações agrícolas, especialmente do café, testemunhou a crescente importância de novos grupos sociais dominados pelas cidades.<sup>57</sup>

No final do século XIX, a indústria têxtil representava cerca de 60% da estrutura econômica do Brasil, a indústria química cerca de 10%, a indústria do couro cerca de 4%, a do vestuário cerca de 3,5% e a metalúrgica cerca de 3%. Entre 1890 e 1895, mais de 450 fábricas foram criadas. Devido à necessidade de desenvolver uma economia voltada para a exportação, o Brasil necessitava urgentemente de fortalecer a construção do sistema de transporte interno: o sistema ferroviário desenvolveu-se, assim, bastante. Durante o período imperial, o transporte dependia basicamente de mulas e cavalos, e havia muito poucas ferrovias, o que tornava difícil fornecer capacidade de transporte suficiente para o desenvolvimento industrial. Desde então, o governo brasileiro começou a desenvolver vigorosamente os transportes.

Em 1913, a extensão total das ferrovias brasileiras chegava a 24.613 quilômetros. Os cruzamentos dos rios tornaram-se uma condição ímpar para o desenvolvimento da indústria naval. Contando com a prosperidade da indústria da borracha na região amazônica, as exportações de café desenvolveram-se rapidamente.<sup>58</sup> O porto de Santos, conhecido por exportar café, ultrapassou o Rio de Janeiro para se tornar no maior porto do Brasil. Tanto que o paulistano se orgulha de declarar que “o porto de Santos é o porto do café do mundo”.<sup>59</sup>

No final do século XIX, São Paulo desenvolveu-se muito e tornou-se o lugar mais avançado e vibrante do Brasil. São Paulo já tinha um forte desenvolvimento

---

<sup>57</sup> BETHELL, Leslie, *Politics in Brazil under Vargas, 1930–1945*, Cambridge, Cambridge University Press, 2008, p. 4.

<sup>58</sup> BELLO, José, *A History of Modern Brazil, 1889-1964*, Califonia, Stanford University Press, 1969, p. 65.

<sup>59</sup> OLIVEIRA, Maria Coleta F.A. de, *A Imigração Italiana para o Brasil e as Cidades*, Campinas, Universidade Estadual de Campinas, 1992, p. 9.

urbano na época, dando uma sensação de energia e progresso em termos de saneamento, iluminação pública, embelezamento urbano e projeto arquitetônico.<sup>60</sup>

### (3) Tentativas frustradas de imigração chinesa

Depois do Brasil ter anunciado a abolição da escravidão em 1850, houve uma grave escassez de mão de obra.

“Os que advogavam essa solução apontavam a seu favor o exemplo de outras regiões em que os chins constituíam – diziam eles – a base da riqueza e da prosperidade, como em certas colônias da Inglaterra e da França, algumas regiões dos Estados Unidos e da América Latina, como Cuba, Peru e Guiana Inglesa. Durante o ministério Sinimbu essas idéias tomaram vulto. A imigração chinesa era apontada como a solução ideal para a lavoura. Num congresso agrícola que reuniu no Rio de Janeiro representantes das áreas cafeeiras mais importantes, recomendou-se a importação de *coolies*.”<sup>61</sup>

No entanto, surgiu na imprensa uma série de artigos e panfletos a favor e contra a imigração chinesa. Falou-se os chins eram viciados, corruptos por natureza, fracos e indolentes.<sup>62</sup> No século XIX, o Brasil não tinha um grande número de imigrantes chineses, porque a imigração de *coolies* era mal vista pela opinião pública internacional e a imigração de mão de obra tornou-se mais difícil. Em segundo lugar, há um grande número de pessoas no Brasil que se opõem ao recrutamento de trabalhadores chineses. Desde a promulgação da "Lei Áurea" em 1888 que a recepção de imigrantes também foi afectada. Algumas pessoas temiam que os emigrantes chineses se tornassem os novos escravos, e achavam que assimilar o chinês era um processo muito difícil.<sup>63</sup> No entanto, o Japão estava muito interessado em desenvolver a imigração, e o Brasil voltou sua atenção para o Japão.

---

<sup>60</sup> OLIVEIRA, Maria Coleta F.A. de, *A Imigração Italiana para o Brasil e as Cidades*, Campinas, Universidade Estadual de Campinas, 1992, p. 11.

<sup>61</sup> COSTA, Emília Viotti da, *Da Monarquia à República: Momentos Decisivos*, 6.<sup>a</sup> edição, São Paulo, Fundação Editora da UNESP, 1999, p. 311.

<sup>62</sup> COSTA, Emília Viotti da, *Da Monarquia à República: Momentos Decisivos*, 6.<sup>a</sup> edição, São Paulo, Fundação Editora da UNESP, 1999, pp. 311-312.

<sup>63</sup> LU Shuaidan, “Novos imigrantes chineses no Brasil desde os anos 1970”, Tese de mestrado da Universidade de Lisboa, Lisboa, 2020, p. 40.

## **2.2. Características da Imigração Japonesa na sociedade brasileira antes da II Guerra Mundial**

Depois que o Brasil anunciou a abolição do tráfico negreiro em 1850, houve uma grave escassez de mão-de-obra, e governo brasileiro buscou mão-de-obra barata em todo o mundo. A grande população da China atraiu a atenção do governo. No final do século XIX, constatando que a imigração chinesa não era fácil de impor à opinião pública, o governo brasileiro virou a sua atenção para os imigrantes japoneses.

Em 1858, o governo japonês assinou sucessivamente o "Tratados Ansei" com os Estados Unidos, Reino Unido, Rússia, Holanda e França, marcando o fim do sistema de fechamento de duzentos anos do Período Tokugawa. Após a abertura, o Japão desenvolveu rapidamente a sua industrialização sob o estímulo do Ocidente e tornou-se um modelo de modernização com a tecnologia que estava chegando. No entanto, as contradições sociais que acompanharam a modernização tornaram-se evidentes na vaga de emigração para o exterior. Antes da II Guerra Mundial, cerca de 660.000 japoneses emigraram para o exterior. A emigração para o Brasil aconteceu no fim desta onda. Em comparação com o ambiente da onda de imigração inicial, a situação sofreu mudanças radicais. O Brasil, como grande receptor de imigrantes, também iniciou o processo de industrialização e integração no comércio internacional no início do século XX. Com o desenvolvimento da indústria cafeeira, há uma grande demanda por mão de obra estrangeira.

Durante a era Tokugawa, os japoneses viveram em um ambiente social estável por muito tempo, basicamente mantendo 30 milhões de pessoas com poucas flutuações. No entanto, após a Restauração Meiji, o governo japonês introduziu uma política de recompensa por nascimento baseada em considerações de longo prazo de reservar mão de obra para a industrialização, e a estabilidade da população foi rapidamente quebrada. O crescimento populacional e a escassez de alimentos, juntamente com o aumento da inflação doméstica, fez o governo japonês incentivar a emigração para aliviar a pressão. No final do século XIX, empresas privadas de apoio

à migração surgiram com a ajuda do governo. Durante o mesmo período, a indústria noticiosa do Japão desenvolveu-se rapidamente. Jornais e rádio entraram na vida das pessoas e a sua influência social tornou-se cada vez maior. A urgente necessidade de trabalho da população, somada à falta de mão de obra no Brasil, levou ao início da imigração japonesa para o país sul-americano. Transportando 793 emigrantes agrícolas contratados pela Companhia Imperial de Colonização, às 9:30 horas do dia 18 de junho de 1908, o vapor *Kasato-Maru* chegou ao porto de Santos. Era o início da emigração para o estado de São Paulo para o cultivo de café.<sup>64</sup> Os primeiros emigrantes japoneses se reuniram em áreas específicas para a conveniência do trabalho de plantação e, gradualmente, formaram uma comunidade com um significativo grau de autonomia.

Esse modo de vida em comunidade favorece a solidariedade e a assistência mútua entre os japoneses, mas também os isola da sociedade brasileira dominante. A maioria dos primeiros japoneses vivia em áreas rurais e estava envolvida em trabalhos relacionados com a agricultura em florestas remotas ou colônias de terras desmatadas. Com a ajuda do governo japonês, os emigrantes compraram terras e estabeleceram comunidades com características nipônicas. Findos os contratos nas plantações, uma parte optou por morar em grandes cidades como São Paulo e Santos, e outra continuou no campo como arrendatários ou pequenos proprietários de terras.

Antes da II Guerra Mundial, a maioria dos japoneses estava concentrada no estado de São Paulo, porque São Paulo sempre foi o centro industrial do Brasil, e a demanda por mão de obra japonesa foi levantada pela primeira vez, e São Paulo tornou-se o destino inicial dos migrantes. Os primeiros imigrantes que chegaram ao Brasil distribuíram-se basicamente na região de São Paulo e no porto de Santos, mas a distribuição geográfica dos japoneses também mudou ao longo do tempo. Especialmente depois que o governo brasileiro cedeu terras para os imigrantes, o pioneirismo no noroeste também levou a imigrantes desviam para terras pioneiras.

Na década de 1910, os japoneses estabeleceram muitas pequenas aldeias

---

<sup>64</sup> Comissão de elaboração da história dos 80 anos da imigração japonesa no Brasil, *Uma Epopéia Moderna: 80 Anos da Imigração Japonesa no Brasil*, São Paulo, Editora Hucitec, Sociedade Brasileira de Cultura Japonesa, 1992, p. 63.

coloniais em vários lugares. Como Iguape (Via Linha Santos — Juquiá), Juqueri (arredores de São Paulo), Cotia (arredores de São Paulo), Tokyo (linha tronco da E. F. Paulista), Hirano (Linha Noroeste). No entanto, a partir de janeiro e fevereiro de 1916, a malária começou a se espalhar, afetando muitos dos imigrantes japoneses. Em novembro de 1918, os temidos gafanhotos invadiram os campos dos colonos japoneses, devorando todas as plantações. Em 1919, uma grande seca reduziu a colheita pela metade. Sob tais circunstâncias, os imigrantes japoneses famintos e fracos tiveram que migrar para outros lugares, por exemplo, para Cacatu (sul do Paraná), Vai-Bem (E. F. Sorocabana), Brejão (Sorocabana), O livro Takukon (Espírito Desbravador), Itacolomi (Estação Promissão, E. F. Noroeste do Brasil). Promovidas pelo primeiro imigrante a criar um jornal japonês Ken-ichiro Hoshina, cerca de quinhentas famílias totalizando 3.000 pessoas foram para sorocabana em julho de 1916.<sup>65</sup>

Era algo profundo para as comunidades de imigrantes japoneses terem seus próprios jornais Na sociedade brasileira. Em 1916, Ken-ichiro Hoshina, imigrante japonês, criou o primeiro jornal japonês *Shûkan Nambei (Semanário Sul-americano)*. O surgimento dos jornais significa que o número de imigrantes japoneses no Brasil deve atingir um certo nível, e há usuários e níveis econômicos suficientes para apoiar o desenvolvimento dos jornais. Também possibilita que os imigrantes se comuniquem uns com os outros, e os imigrantes podem saber o que está acontecendo a tempo através dos jornais. Por isso, o surgimento de jornais também forneceu informações mais concentradas para o "marcha para oeste" de imigrantes na década de 1920, estes imigrantes são todos imigrantes japoneses com a antiga fazenda de café sua cabeça-de-ponte. Eles preferem a região noroeste porque podem comprar ou alugar terras lá. Ao mesmo tempo, a ferrovia também oferece conveniência de transporte. Outro fator teria sido o fato de a Noroeste ter sido aberta antes da Alta Sorocabana e Alta Paulista.

Em julho de 1916, o fundador do primeiro jornal japonês Ken-ichiro Hoshina

---

<sup>65</sup> Comissão de elaboração da história dos 80 anos da imigração japonesa no Brasil, *Uma Epopéia Moderna: 80 Anos da Imigração Japonesa no Brasil*, São Paulo, Editora Hucitec, Sociedade Brasileira de Cultura Japonesa, 1992, pp. 88-91.

atraiu um grande número de imigrantes para Vai-Bem (EF Sorocabana) através da venda de terras. Até 1920, os imigrantes japoneses tinham chegado a 8000 famílias, das quais 90% estavam engajadas em trabalhos agrícolas no São Paulo e nas áreas fronteiriças Paraná, Minas e outros estados.<sup>66</sup>



A "rua japonesa", em São Paulo, é um exemplo típico da configuração urbana da comunidade japonesa. Por volta de 1917, cerca de 3.000 japoneses migraram das áreas rurais para a rua Conde de Sarzedas, no centro de São Paulo, transformando-a numa famosa "rua japonesa" na década de 1930. Esta rua vai de leste a oeste e tem um comprimento total de cerca de 400 metros. Com o aumento de imigrantes no final da década de 1920, as redes de negócios japoneses gradualmente penetraram em alguns lugares. Segundo as estatísticas, havia 4.875 japoneses estabelecidos em São Paulo em 1939, respondendo por 2,4% do número total.

Em termos das características da população e sua distribuição, uma análise

<sup>66</sup> Comissão de elaboração da história dos 80 anos da imigração japonesa no Brasil, *Uma Epopéia Moderna: 80 Anos da Imigração Japonesa no Brasil*, São Paulo, Editora Hucitec, Sociedade Brasileira de Cultura Japonesa, 1992, pp. 93-94.

simples pode ser feita na seguinte tabela:

Estatísticas da imigração japonesa para o Brasil<sup>67</sup>

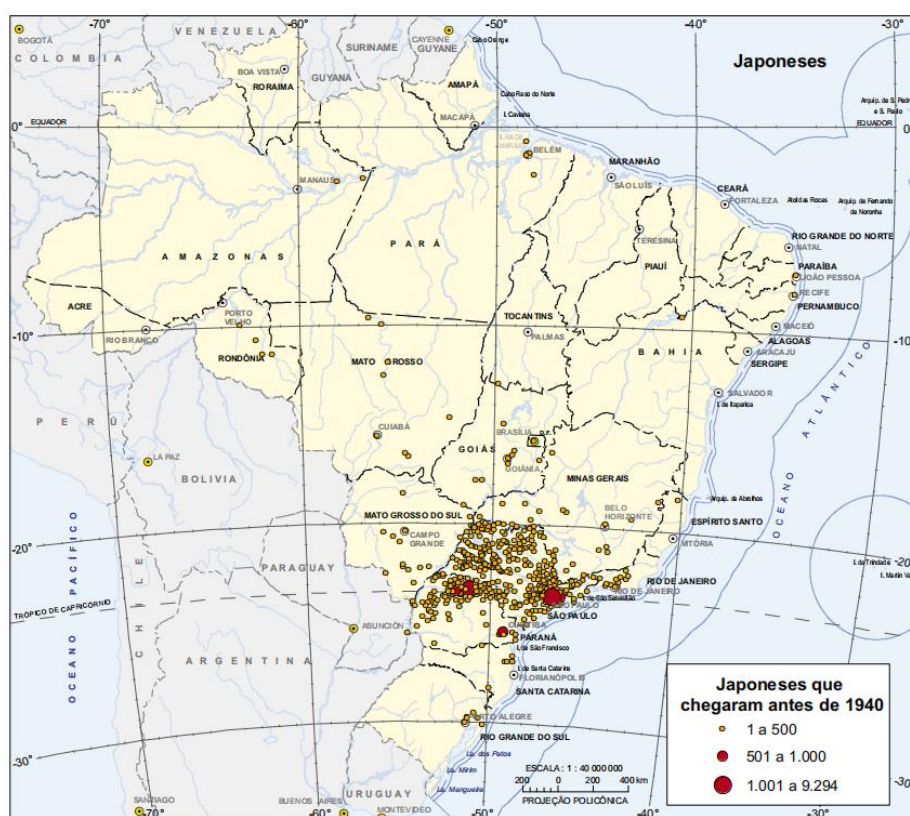
Anos	Fontes dos dados		
	Segundo as empresas de emigração	Segundo <i>História da Expansão da Emigração Japonesa no Brasil</i>	Segundo o Departamento de Imigração, Ministério do Trabalho, Comércio e Indústria do Brasil
1908	793	18800	830
1909	-		31
1910	906		947
1911	-		28
1912	2844		2909
1913	6948		7122
1914	3497		3675
1915	-		65
1916	13		165
1917	4048		3899
1918	5903	5903	5522
1919	2679	2679	3022
1920	982	982	1013
1921	923	923	840
1922	528	965	1225
1923	516	891	895
1924	4985	3705	2673
1925	4912	4638	6330
1926	7639	8192	8407
1927	10050	9152	9034
1928	10812	11231	11162
1929	11515	14897	16648
1930	12600	13091	14076
1931	5332	54662	5632
1932	15023	1501	11678

<sup>67</sup> Comissão de elaboração da história dos 80 anos da imigração japonesa no Brasil, *UMA EPOPÉIA MODERNA 80 Anos da Imigração Japonesa no Brasil*, Editora Hucitec, Sociedade brasileira de cultura japonesa, São Paulo, 1992, p. 86.

1933	21000	28152	24484
1934	21702	22832	21230
1935	6400	5648	9411
1936	5373	5298	3306
1937	4642	4642	4557
1938	2552	2555	2524
1939	1294	1303	1414
1940	1556	1556	1471
1941	1350	-	1883
Japão e Brasil romperam relações diplomáticas			
Total	181065	183518	188309

Pode observar-se pela tabela que desde 1908, no início da imigração do Japão para o Brasil, até a ruptura das relações diplomáticas entre os dois países em 1942, o Japão enviou cerca de 180.000 imigrantes para o Brasil em 33 anos. Porém, além destes imigrantes cadastrados, há também muitos não cadastrados que foram para o Brasil vindos da Argentina, Peru e outros países da América do Sul. Pelo que, a população real seria certamente superior às estatísticas oficiais, provavelmente perto de 200.000 pessoas. Os 16 anos que separam 1925 de 1941 representam dois terços desse total de 200.000 imigrantes. Esse período foi também o tempo em que o imperialismo e o militarismo prevaleceram no Japão. Portanto, o grupo de japoneses que foi mais profundamente influenciado por esse tipo de educação e pensamento social constituía o principal contingente de imigrantes japoneses no Brasil antes da guerra. Na década de 1930, um grande número de imigrantes adquiriu o estatuto de agricultor autônomo e possuía relativa independência econômica e social. Pode resumir as características dos japoneses naquela época: "A forte tendência de grupismo nos padrões de comportamento dos japoneses". Juntou-os e estabeleceu um grande número de locais de imigração japonesa.<sup>68</sup> Mesmo os imigrantes japoneses que viviam nas cidades estabeleceram as suas próprias comunidades. Isto significa que nas vésperas da derrota, havia cerca de 190.000 imigrantes japoneses distribuídos em diversas áreas de imigração japonesa (ou comunidades japonesas) na jurisdição do Estado de São Paulo.

<sup>68</sup> REISCHAUER, Edwin Oldfather, *The Japanese Today: Change and Continuity*, Beijing, Imprensa comercial, 1992,p.107.



Japoneses que chegaram antes de 1940<sup>69</sup>

Em 1927, surgiram duas retrosarias, uma loja de roupas e uma oficina mecânica. Outras ocupações foram a carpintaria, a barbearia e motoristas de táxi. Os japoneses estão concentrados na área externa - a zona de Pinheiros - porque os aluguéis lá são baratos. Mas é inegável que o desenvolvimento dos agricultores do entorno é o motivo da ocupação. Além de comida e artigos diversos, as lojas vendiam itens japoneses.<sup>70</sup> Além disso, hotéis e outras lojas de estilo japonês também começaram a aparecer em 1929. As pessoas a trabalhar na mesma ocupação também se uniram para proteger sua vida urbana e facilitar a entrada de mais imigrantes na cidade. Ao mesmo tempo, também reflete o grupismo dos emigrantes na vida econômica e o fechamento das redes de negócios.<sup>71</sup>

<sup>69</sup> <https://portaldemapas.ibge.gov.br/porta1.php#mapa886>

<sup>70</sup> Comissão de elaboração da história dos 80 anos da imigração japonesa no Brasil, *Uma Epopéia Moderna: 80 Anos da Imigração Japonesa no Brasil*, São Paulo, Editora Hucitec, Sociedade Brasileira de Cultura Japonesa, 1992, p. 413.

<sup>71</sup> HANDA, Tomoo, *O imigrante japonês: história de sua vida no Brasil*, São Paulo, T.A. Queiroz Editor, 1987, p. 185.

Na verdade, todas as colônias têm uma associação japonesa. Quando muitos agricultores e um grande número de colonos se reuniram para trabalhar juntos, a Associação Japonesa foi criada. De acordo com os dados de 1932, havia 115 associações japonesas ao longo da linha noroeste, 20 em Alta Paulista, 135 no total. A década de 1930 representou verdadeiramente a era da independência de muitos imigrantes japoneses. Naquela época, não estava claro quantas associações japonesas existiam no Brasil. Mas de acordo com *Diversos Aspectos Culturais e Sociais da Comunidade Japonesa do Brasil*, havia 223 organizações japonesas em 1932 e 480 em 1940. Quando há muitas associações diferentes em um só lugar, a fim de expandir a associação, várias associações se fundirão. Lentamente, grandes organizações que podem liderar a maioria dos imigrantes japoneses surgirão.<sup>72</sup>

É claro que os imigrantes japoneses tinham construído uma comunidade coesa na sociedade brasileira antes da II Guerra Mundial. A vida dos imigrantes individuais é gerida pelas organizações de base das áreas de implantação. Estas organizações populares têm antecedentes oficiais, como a Industrial Co. Ltd., a Cooperativa de Colonização Brasileira e a Associação Nacional de Popularização Japonesa de São Paulo. No topo destas organizações ficava o consulado japonês, que conectava a comunidade emigrante com o Governo nipônico. A existência deste sistema completo de operações sociais faz com que a comunidade mostre uma estabilidade extraordinária. Apesar de terem sido vigiados e controlados pelas autoridades brasileiras durante a guerra, não houve grande agitação nesta comunidade. Durante este período difícil, os imigrantes japoneses foram cumpridores da lei. Acreditavam firmemente na vitória final da sua pátria, e viviam uma vida de tolerância e respeito próprio com um alto grau de autonomia e disciplina. Aparentavam estar tranquilos.

Menos poderosas, havia várias outras organizações autónomas espalhadas por diferentes áreas de imigração japonesa, como a Associação Japonesa, a Associação de Jovens, a Associação de Mulheres, a Associação de Apoio a Escolas Japonesas e também sindicatos. Entre elas, a Associação Japonesa, como organização básica e

---

<sup>72</sup> Comissão de elaboração da história dos 80 anos da imigração japonesa no Brasil, *Uma Epopéia Moderna: 80 Anos da Imigração Japonesa no Brasil*, São Paulo, Editora Hucitec, Sociedade Brasileira de Cultura Japonesa, 1992, p. 209.

autónoma em várias comunidades de imigração, desempenha o papel de orientar os habitantes locais. De um modo geral, é composta por cinco departamentos principais: "saúde", "educação", "estudos", "contabilidade" e "assuntos gerais". Suas funções incluem:

1. Gestão de saúde do reassentamento;
2. Construção e manutenção de estradas e pontes na área de reassentamento;
3. Educação infantil;
4. Construção de escolas;
5. Construção de instalações de produção e agências de transporte;
6. Publicações, etc.

Pode observar-se que este tipo de organização autónoma penetrava em todos os aspectos da vida dos imigrantes japoneses, permitindo-lhes levar as suas vidas de maneira ordenada no âmbito das suas comunidades, sem necessidade de comunicação com a sociedade brasileira local. Portanto, de cima a baixo, a própria comunidade de imigrantes japoneses formou um sistema operacional completo, com um alto grau de independência, fazendo com que a mesma comunidade se distanciasse da dominante sociedade brasileira e fornecendo aos imigrantes japoneses que nela viviam todas as condições necessárias a uma vida autossuficiente.

Mas quando veio a notícia da derrota do Japão, a ordeira comunidade entrou em colapso da noite para o dia. Pânico, raiva, medo e outras emoções se espalharam entre os imigrantes, e assassinatos, fraudes e tumultos se seguiram. O motivo é indissociável de algumas das características da comunidade.

Os imigrantes japoneses estabeleceram instituições para manter o funcionamento da comunidade, vincular estreitamente a comunidade com o seu país de origem por meio de consulados, utilizando bancos, lojas, editoras, associações, programas de rádio, escolas e várias outras organizações para controlar a emigração de maneira eficaz.

O propósito fundamental do governo japonês ao enviar os seus cidadãos para o Brasil era resolver o problema da superpopulação doméstica e usar as remessas contínuas desses emigrantes para o país de origem de modo a obter o capital

urgentemente necessário durante o rápido desenvolvimento da modernização. Portanto, sob a liderança do consulado, o objetivo fundamental do estabelecimento de várias instituições e grupos era garantir o controle efetivo da comunidade de imigrantes pelo governo japonês e a lealdade dos mesmos à sua pátria.

Sob tal sistema, tendo o consulado como ponte, o governo japonês investiu mão-de-obra e recursos materiais na comunidade nipo-brasileira, e estabeleceu vários grupos em vários campos como a economia, a vida cultural e a educação para a controlar, de forma a reproduzir e manter a identidade dos emigrantes. Naquela época, em quase todos os locais de encontro e habitação estabeleceu pelo menos uma escola japonesa, que se tornou uma extensão do militarismo doméstico e da educação nacionalista nipônica num país estrangeiro.

De um modo geral, a comunidade de imigrantes japoneses estava fazendo o possível para controlar as suas próprias bolsas. Porque o seu objetivo final era voltar à pátria depois de ganhar dinheiro no exterior e não se tornar um membro efetivo da sociedade brasileira.

Por um lado, dentro da comunidade de imigrantes, foi estabelecida uma variedade de sistemas sociais completos, de forma a reduzir a dependência dos imigrantes face à sociedade brasileira. Além de escolas, hospitais, editoras, a comunidade de imigrantes japoneses até construiu o seu próprio sistema postal. Por outro lado, todo este esforço mostra uma forte xenofobia. Quase todas as organizações sociais estipulavam claramente que os estrangeiros não tinham permissão para ingressar. Poucas pessoas se casavam com habitantes locais. Alguns imigrantes até gastavam muito tempo e dinheiro para regressar ao Japão para se casar, não estando

dispostos a casar com brasileiros.

Em 1914, a primeira Escola Primária Taisho foi criada . Esta é uma escola humilde,; consta



*Alunos da Escola Primária Taisho com o prof. Shinzo Miyazaki.*

que havia apenas três alunos. Em outubro de 1915, foi fundada oficialmente. . Em 1916, se mudou-se para o n.º 48 da rua Conde de Sarzedas. Em janeiro de 1919, foi reconhecida como escola particular. Em dezembro de 1919, a professora dona Antônia Santos para dar aulas de português.<sup>73</sup>

A independência e fechamento da comunidade de imigrantes fez com que estes tivessem uma atitude negativa em relação à integração na sociedade local, o que levava diretamente à baixíssima habilidade em língua estrangeira deste grupo.

Na época, a Escola Taisho não tinha contato com outras escolas da cidade e, segundo um professor entrevistado, o governo japonês não tinha controle sobre as atividades de ensino. As escolas parecem ser capazes de ensinar aos alunos o que eles próprios querem ensinar, como ensinar português, mas em japonês.<sup>74</sup> Para evitar que os seus filhos se afastem da pátria, a maioria dos imigrantes escolhe escolas de língua japonesa, porque assim estes integrar-se-ão melhor em caso de eventual regresso à sua terra natal. A primeira geração falava basicamente japonês. Embora a segunda geração de imigrantes tivesse dominado parte do vocabulário português, eles ainda falavam principalmente em japonês porque seu principal círculo de vida ainda era muito circunscrito à comunidade.

Além disso, dentro da comunidade de imigrantes japoneses, a separação entre a elite e as pessoas comuns também exacerbou o isolamento e fechamento perante o exterior.

Em primeiro lugar, a elite da comunidade de imigrantes vivia, na sua maioria, na área urbana de São Paulo e não tinha ligação com os compatriotas comuns ou rurais que estavam amplamente distribuídos pelos subúrbios e pelo estado de São Paulo. Por causa de seu conhecimento e capacidade econômica, eles também ocupavam já uma posição social na sociedade brasileira. Em comparação com os imigrantes comuns que desejam retornar ao Japão, esta elite estava mais inclinada a se estabelecer no Brasil.

---

<sup>73</sup> HANDA, Tomoo, *O imigrante japonês: história de sua vida no Brasil*, São Paulo, T.A. Queiroz Editor, 1987, p. 177.

<sup>74</sup> DEMARTINI, Zeila, “Relatos orais de famílias de imigrantes japoneses: Elementos para a história da educação brasileira”, *Educação & Sociedade*, ano XXI, n.º 72, Agosto 2000, pp. 43-72.

Em segundo lugar, em termos de origem, a maioria dessas pessoas eram funcionários das agências governamentais japonesas do pré-guerra, ou seja, a maioria deles mantinha relações diretas ou indiretas com empresas de emigração. Os primeiros imigrantes os consideravam mentirosos porque sua vida real no Brasil era muito diferente da propaganda feita pelas empresas de emigração. Naquela época, muitos imigrantes que se sentiram profundamente "enganados", muitas vezes, entraram em greve e devolveram as terras agrícolas. E quando o pessoal da empresa de emigração vinha negociar, eles eram recebidos com foices e machados nas mãos. Muitos imigrantes furiosos ameaçaram esfaquear os defraudadores da empresa de emigração com as suas próprias armas de bambu. Para espantar a lembrança dos sofrimentos, recorria-se a canções compostas por eles próprios:

*"Mentiu quem disse que o Brasil era bom,  
mentiu a companhia de emigração;  
no lado oposto da Terra cheguei,  
fiado no Paraíso, para ver o Inferno."*<sup>75</sup>

O ressentimento para com a empresa de emigração e a convicção de terem sido enganados, levaram os emigrantes a perder a confiança. No entanto, antes da guerra, dependendo de sua formação oficial ou de sua força econômica, essas elites ainda podiam ter um impacto na comunidade de emigrantes. Com a eclosão da guerra, a retirada das agências estrangeiras japonesas e a repressão dos cidadãos do Eixo pelas autoridades brasileiras, os ativos financeiros das elites nipônicas foram congelados e a sua posição social despencou desde então.

Naquele momento, embora pudessem saber as informações corretas sobre a situação política, seu poder era muito pequeno num ambiente no qual os japoneses acreditavam que sua pátria nunca falharia. Eles próprios eram vistos como traidores por propagar a notícia da derrota da pátria e, portanto, enfrentavam ameaças daqueles

---

<sup>75</sup> HANDA, Tomoo, *O imigrante japonês: história de sua vida no Brasil*, São Paulo, T.A. Queiroz Editor, 1987, p. 114.

que acreditavam na vitória de um Japão invencível.

A quebra dos canais de informação externos e internos teve um forte impacto. Quando a notícia da derrota do Japão de repente se espalhou pelo Brasil, pode imaginar-se a dificuldade em distinguir a autenticidade dos factos.

As diversas características dos imigrantes japoneses criaram assim as condições para a ocorrência do conflito. A formação dessas características está, em última instância, relacionada com a psicologia e a identidade dos próprios imigrantes.

### **2.3. Psicologia e identidade dos migrantes Japoneses**

#### **2.3.1. Psicologia do "convidado temporário"**

Depois de meados do século XIX, com o aumento da pressão populacional no Japão, mais japoneses emigraram para o exterior. Eles foram inicialmente para o Havaí e para a costa oeste dos Estados Unidos. Após a anexação do Havaí em 1900, os japoneses começaram a emigrar para os Estados Unidos em grande número. A industrialização dos Estados Unidos começara mais cedo e o efeito fora óbvio, a maioria dos japoneses ansiava pelos Estados Unidos e pelos seus salários mais altos.<sup>76</sup> De acordo com as estatísticas, por exemplo, os carpinteiros no Japão, em 1902, tinham um salário diário de apenas 0,67 iene (a moeda oficial do Japão, em japonês 円). Mas numa companhia ferroviária americana podiam ganhar 1 dólar americano por dia, e a taxa de câmbio na época era de 1 dólar americano por 2 ienes japoneses, o que sem dúvida se tornava muito atraente. O numeroso influxo de imigrantes japoneses nos Estados Unidos causou pânico na sociedade branca, levando ao apelo à restrição e exclusão de imigrantes japoneses. No final do século XIX e início do século XX, com o surgimento deste sentimento anti-japonês nos Estados Unidos, a emigração começou, gradualmente, a se orientar para a América Latina. Após muitas negociações entre o Japão e países da América Latina, muitos Estados assinaram acordos de emigração com o Japão. México, Peru, Brasil, Argentina e outros países

---

<sup>76</sup> MAKINO, Rogério, "As relações nipo-brasileiras (1895-1973) o lugar da imigração japonesa", Tese de mestrado da Universidade de Brasília, 2010, pp. 16-17.

abriram suas portas aos imigrantes japoneses. Desde então, até antes da II Guerra Mundial, os imigrantes japoneses, como um grupo étnico minoritário, formaram suas próprias comunidades em muitos países latino-americanos. Entre eles, o Brasil era aquele que tinha mais imigrantes japoneses. Às vésperas da II Guerra Mundial, a população japonesa no Brasil alcançava cerca de 250.000 pessoas.<sup>77</sup>

Como mencionado acima, o principal objetivo dos imigrantes japoneses comuns era retornar ao Japão depois de ganhar dinheiro no exterior, incorporando totalmente a psicologia de "convidado temporário":

“Segundo estimativas, somente os emigrantes oficiais do Haváí teriam remetido para o Japão cerca de 2.650.000 dólares, em dez anos. Esse valor aumenta cada vez mais e em 1915 chegava a 2,5 milhões de dólares por ano. Na mesma época um trabalhador rural no Japão ganhava apenas 15 sens por dia. Por isso o envio de vultosas somas de dinheiro pelos emigrantes à terra natal representava a concretização de um dos objetivos do governo: reduzir a tensão social nas regiões agrícolas.”<sup>78</sup>

Com estes resultados, o governo aumentou seu apoio a esta política e procurou promover, durante o processo de recrutamento, esta ideia de enormes benefícios econômicos que os imigrantes poderiam obter no exterior.

A Companhia Imperial de Emigração publicou propaganda que dizia que, todos os dias, uma família de três pessoas podia obter uma renda líquida de até 4 ienes e 50 sens. Dessa forma, uma família de três pessoas podia ganhar cerca de 135 ienes por mês. Para os japoneses da época era definitivamente muito dinheiro. O salário médio dos professores japoneses do ensino fundamental era, na época, 8 ienes por mês, menos de 10 ienes por mês para funcionários policiais. Emigrar para outro país significava realmente ganhar muito dinheiro. O café, principal safra do Brasil,

---

<sup>77</sup> MAKINO, Rogério, “As relações nipo-brasileiras (1895-1973) o lugar da imigração japonesa”, Tese de mestrado da Universidade de Brasília, 2010, pp. 51-52, 86.

<sup>78</sup> Comissão de elaboração da história dos 80 anos da imigração japonesa no Brasil, *Uma Epopéia Moderna: 80 Anos da Imigração Japonesa no Brasil*, São Paulo, Editora Hucitec, Sociedade Brasileira de Cultura Japonesa, 1992, p. 3.

também era considerado a "árvore de ouro" pelos japoneses.<sup>79</sup>

Na Período Tokugawa<sup>80</sup>, os japoneses viveram num ambiente social estável por muito tempo. Este ambiente proporcionou um crescimento populacional também estável, mas no geral a taxa de crescimento foi lenta, mantendo-se basicamente o número total de cerca de 30 milhões de pessoas. Após a Restauração Meiji<sup>81</sup>, o governo japonês introduziu uma política de recompensa por nascimento baseada em considerações de longo prazo de reservar mão-de-obra para a industrialização. A estabilidade da população foi rapidamente quebrada. A população do Japão era de 33.110.756 em 1871. Em 1926, havia aumentado para 63.006.595, quase o dobro. Especialmente desde 1913, a nova população somou mais de 640.000 a cada ano.<sup>82</sup>

No entanto, a área total do Japão é de apenas 382.315 quilômetros quadrados e a área disponível para cultivo é inferior a 17% da área total. De acordo com as estatísticas, no início do século XX, a produção de arroz do Japão era muito baixa, a população era muito grande e o arroz doméstico já escasseava. Especialmente em 1918, houve até os chamados motins do arroz. O Japão necessitava importar anualmente 3 milhões de arroz dos países vizinhos para suprir as necessidades básicas da população.<sup>83</sup>

No mesmo período, a inflação tornou-se incontrolável. Para resolver estes problemas econômicos e de crescimento populacional, o governo japonês procurou desenvolver a emigração como forma de aliviar a pressão interna. No final do século XIX, empresas privadas de emigração foram estabelecidas em grande número sob incentivo oficial. Em 1896, o governo promulgou a "Lei de Proteção à Emigração" para regular as atividades de emigração no exterior. No final do século XIX, a

---

<sup>79</sup> Comissão de elaboração da história dos 80 anos da imigração japonesa no Brasil, *Uma Epopéia Moderna: 80 Anos da Imigração Japonesa no Brasil*, São Paulo, Editora Hucitec, Sociedade Brasileira de Cultura Japonesa, 1992, p. 71.

<sup>80</sup> Período Tokugawa (徳川時代) ou Período Edo (江戸時代) (1603-1868) foi o último período da era feudal samurai na história japonesa.

<sup>81</sup> A Restauração Meiji foi o derrube do Xogunato Tokugawa. Refere-se a uma série de importantes medidas tomadas pelo Japão nos primeiros dias do Imperador Meiji. Essas mudanças ocorreram no governo, instituições, educação, economia, religião e outros campos, transformando o Império Japonês no primeiro país asiático com um sistema moderno de Estado-Nação.

<sup>82</sup> TOAKE, Endoh, *Exporting Japan: Politics of Emigration to Latin America*, Champaign, University of Illinois Press, 2009, p. 64.

<sup>83</sup> MACPHERSON, W. J., *The economic development of Japan 1868-1941*, Cambridge, Cambridge University Press, 1995, p. 53.

indústria dos *media* japonesa desenvolveu-se rapidamente. Jornais e rádio entraram na vida das pessoas e sua influência social tornou-se cada vez maior. Estes vários fatores levaram o Japão a iniciar atividades de emigração em grande escala no final do século XIX. No entanto, esses motivos também contribuíram para a relutância dos imigrantes japoneses em se integrarem na sociedade brasileira.. A maioria dos imigrantes japoneses não emigrou de livre vontade, mas foi instilada pelo governo a partir para a América do Sul e, principalmente, para o Brasil.

Desde a era Meiji, as classes Kazoku e Shizoku<sup>84</sup> estipulavam que o sistema de herança do filho mais velho fosse usado, e o filho mais velho poderia herdar o título de cavaleiro<sup>85</sup>. Seria até estipulado que os civis comuns usassem o sistema de herança do filho mais velho<sup>86</sup>. Esta lei antiga foi implementada de forma bastante completa, tendo o filho mais velho prioridade absoluta na herança. O universo dos japoneses que emigraram para o Brasil era composto principalmente por agricultores pobres e pelos segundos e terceiros filhos que não tinham o direito de herdar os negócios e terras da família e foram criados por seus irmãos mais velhos. Não é difícil imaginar, dada a desvantagem tanto da posição econômica quanto da social que a riqueza se tornou a demanda mais importante. Com o sonho de ganhar dinheiro, mal podiam esperar para assinar um contrato de emigração, como se assinar este contrato significasse realizar o sonho de se tornar rico.

Naquela época, muitos japoneses participaram ativamente neste processo, e muitos japoneses até foram para o Brasil por conta própria. Porém, é importante ressaltar que o objetivo final era sobretudo ganhar muito dinheiro. Na verdade, eles não queriam viver e instalar-se no Brasil. O objectivo era simplesmente ganhar dinheiro suficiente para regressar à sua mãe-pátria. Isso também era consistente com sua intenção original de melhorar suas condições de vida e a sua posição social. O sucesso em um país estrangeiro não era uma ambição pessoal. Somente quando esse sucesso fosse levado de volta e mostrado na mãe-pátria, ele teria um significado

---

<sup>84</sup> Kazoku e Shizoku são duas das classes identitárias adotadas pelo governo japonês durante o período Meiji.

<sup>85</sup> Boletim de Daijō-kan N.º 263, 1875. Daijō-kan foi o Departamento de Estado do Japão durante os períodos Nara e Heian e, brevemente, durante o período Meiji.

<sup>86</sup> Instrução de Daijō-kan, 1875.

correspondente.

Emigrar para o Brasil nada mais era do que uma “experiência de trabalho” numa longa carreira, mas era também relativamente longa em termos de tempo e distância. O Brasil era apenas uma “residência temporária” e a emigração japonesa apenas um “convidado” nesta “residência”. De acordo com as estatísticas do governo brasileiro, entre os 144.523 imigrantes japoneses que se estabeleceram em 1940, só apenas 2,6% (ou cerca de 3.830 pessoas) se tornaram brasileiros. Os imigrantes japoneses foram o grupo de imigrantes que menos se naturalizou na sociedade brasileira entre 1889 e 1940.<sup>87</sup> De acordo com o levantamento realizado em 1937 na jurisdição do consulado japonês de Bauru, entre os 23.459 nascidos, 52,2% mantinham dupla nacionalidade; 45,2% nacionalidade brasileira e 2,6% nacionalidade nipônica.<sup>88</sup>

Antes da guerra, os imigrantes japoneses costumavam dizer que "Sejam os deuses, o Buda ou a política, nós deixamo-nos no Japão e viemos aqui sozinhos". Além disso, se infelizmente se morresse no Brasil, também era considerado "morrer no exterior". Como cantava uma balada que se espalhava pela comunidade de imigrantes daquela época:

Originalmente queria voltar para minha mãe-pátria após o sucesso, no entanto, agora percebo que é ainda mais indistinto do que um sonho, o resultado final só pode ser morrer no exterior e ninguém vai cuidar do meu funeral.<sup>89</sup>

Embora os imigrantes japoneses daquela época não se definissem como "convidados temporários", como as gerações posteriores, eles inconscientemente refletiam essa psicologia na fala diária ou em baladas como a anterior. A existência dessa mentalidade de "convidado temporário" substituiu sua identidade consciente

---

<sup>87</sup> CARVALHO, Daniela de, *Migrants and Identity in Japan and Brazil: The Nikkeijin*, New York, Routledge, 2003, p. 37.

<sup>88</sup> Comissão de elaboração da história dos 80 anos da imigração japonesa no Brasil, *Uma Epopéia Moderna: 80 Anos da Imigração Japonesa no Brasil*, São Paulo, Editora Hucitec, Sociedade Brasileira de Cultura Japonesa, 1992, p. 228.

<sup>89</sup> HANDA, Tomoo, *O imigrante japonês: história de sua vida no Brasil*, São Paulo, T.A. Queiroz Editor, 1987, p. 131.

como imigrantes. Embora esse modo de pensar dificulte a sua integração na sociedade brasileira, também fortalece a sua coesão interna. Neste ponto, atenção especial deve ser dada ao estado especial dos imigrantes japoneses nesse período. Por um lado, eles moravam no Brasil; por outro lado, ainda pensavam fazer parte do Japão e não queriam ser assimilados. A comunidade de imigrantes japoneses construída sob esta psicologia de "convidados temporários" tinha assim características muito uniformes. Enquanto moravam no Brasil, guardavam laços estreitos com o seu país de origem e recusavam relacionar-se com a sociedade local.

Antes da II Guerra Mundial, alguns imigrantes japoneses no Brasil tentaram ativamente obter uma posição social mais alta participando na política. Contudo, ainda não conseguiam alterar muito o resultado, ligado que estava a esta sua posição social baixa e recente participação no sistema político. A presença de imigrantes japoneses na política brasileira foi escassa. Somente em janeiro de 1948, após o fim da II Guerra Mundial, um imigrante foi eleito como o primeiro vereador municipal de São Paulo. Este facto foi um importante fator de restrição à integração dos japoneses.<sup>90</sup>

Os imigrantes japoneses haviam estabelecido uma comunidade homogênea, estável e fechada antes da guerra, alcançando uma quase autossuficiência. Tinham o seu próprio sistema de educação, plantavam a sua própria safra, não casavam com estranhos e até possuíam um sistema médico completo. Naquela época, eles não tinham o desejo de se integrar na sociedade brasileira e até achavam que as coisas fora do seu próprio sistema eram perigosas.

### **2.3.2. A identidade dos cidadãos imperiais**

Até este período, o Japão mantém uma forte identidade cultural e o imperador possui uma grande influência no país. O povo japonês também aceita prontamente a sua identidade enquanto cidadãos imperiais.

---

<sup>90</sup> Comissão de elaboração da história dos 80 anos da imigração japonesa no Brasil, *Uma Epopéia Moderna: 80 Anos da Imigração Japonesa no Brasil*, São Paulo, Editora Hucitec, Sociedade Brasileira de Cultura Japonesa, 1992, p. 376.

Desde a Restauração Meiji que o governo japonês procurou promover amplamente uma ideia de superioridade do sistema de Estado japonês simbolizado pelo imperador, transferindo o entusiasmo do povo pelo Estado-Nação para a sua fidelidade ao imperador. O "Édito imperial para soldados e marinheiros"<sup>91</sup> do imperador foi emitido para o exército e o "Édito imperial sobre a educação"<sup>92</sup> foi emitido para as escolas. A sua leitura e recitação eram formas de incutir o culto da personalidade do imperador. Após décadas de educação continuada, a visão histórica centrada no imperador, ou seja, a "Visão da História Imperial", aos poucos se tornou a visão histórica que dominava a comunidade japonesa. A vitória do Japão na Guerra Russo-Japonesa e na Primeira Guerra Sino-Japonesa fizeram com que a percepção do Japão como uma grande potência se inflasse fortemente. A imagem de um império eterno, de um reino ininterrupto de Deus parecia ter sido confirmada. Embora os imigrantes japoneses no Brasil estejam em desvantagem em termos de posição econômica e social interna, eles nunca vacilaram em sua identidade como "cidadãos imperiais". E essa identidade foi ainda mais fortalecida pelos novos imigrantes que saíram da sua pátria. Em 1926, um imigrante japonês chamado Miura Yuu levou o navio de imigrantes *Hawaiian* para o Brasil. Aquando de uma paragem em Singapura, Miura Yuu escreveu uma carta aos seus parentes, na qual descreveu o seu estado de espírito:

Na noite do dia 30, o nosso navio deixou o porto de Nagasaki na mãe-pátria. Enquanto o navio navegava para fora dos mares do Japão, cantei o hino nacional e, olhando para leste, rezei pela prosperidade do imperador e pela saúde do povo. Nos dois dias seguintes, por causa do enjoo no navio, não pude subir à coberta, mas mesmo que esteja longe de casa, sempre me lembrarei da minha identidade como cidadão do reino imperial. Neste ponto, espero que o povo da mãe-pátria o saiba.<sup>93</sup>

---

<sup>91</sup> O Édito imperial para soldados e marinheiros foi emitido pelo Imperador Meiji em 4 de janeiro de 1882. Era o código oficial de ética para militares e é frequentemente citado, em conjunto com o Édito Imperial sobre a Educação, como base para a ideologia nacionalista do Japão anterior à II Guerra Mundial.

<sup>92</sup> O Édito imperial sobre a Educação (1890) tinha como objetivo articular a política governamental com os princípios orientadores da educação no Império do Japão. O documento era lido em voz alta em todos os principais eventos escolares e os alunos eram convidados a estudar e memorizar o texto.

<sup>93</sup> MIURA, Yuu, *Notas de imigração para a América do Sul*, Osaka, Editora Agrícola, 1928, pp. 15-16.

No coração deste grupo de imigrantes, mesmo que ponham os pés no navio de partida, ainda se acredita firmemente que possuem a missão de promover o espírito da nação imperial junto do mundo. Se houver oposição, o povo japonês sacrificará tudo e se dedicará à causa sagrada e à guerra gloriosa liderada pelo imperador. Portanto, as palavras e os atos de um imigrante não devem esquecer a dignidade de um grande país. Essa mentalidade se refletiu plenamente a partir do momento em que os imigrantes pisaram nos territórios brasileiros. Quando os primeiros imigrantes desembarcaram, a sociedade brasileira fez um grande elogio a esse grupo de imigrantes de um país oriental distante. Em sua opinião, ao contrário daqueles imigrantes ocidentais que eram maltrapilhos e fedorentos, aqueles que desceram do navio eram cavalheiros e damas claramente vestidos. Eles eram silenciosos, elegantes e ordeiros. O "Relatório de Investigação de Imigração" do Ministério das Relações Exteriores e Comércio daquele ano, registrou a avaliação dos imigrantes japoneses pelos principais jornais brasileiros:

A cabine de terceira classe do navio de imigração que esses imigrantes japoneses pegaram é mais limpa e arrumada do que a cabine de primeira classe dos imigrantes europeus no navio de imigração da rota atlântica.

O quarto em que moravam era impecável, completamente diferente do quarto cheio de pontas de cigarro e restos de comida de imigrantes europeus.

Dos 781 imigrantes desta vez, 532 imigrantes (ou 68%) sabem ler e escrever. Embora os 249 restantes não tenham recebido educação sistemática, eles não são analfabetos.<sup>94</sup>

As famílias japonesas no Brasil, de acordo com suas tradições, não pouparão esforços para dedicar todos os seus bens à educação de seus filhos.<sup>95</sup> Assim que a vida de imigrante começava, o cultivo dessa mentalidade era amplamente auxiliado pelo consulado.

---

<sup>94</sup> Ministério das Relações Exteriores e Comércio, Relatório de investigação de imigração: N.º 2 [Parte 1], São Paulo, Ministério das Relações Exteriores e Comércio, 1911, pp. 48-52.

<sup>95</sup> SETOGUTI, Ruth Izumi "A tradição educacional entre os imigrantes japoneses e os nipo-brasileiros", PERSPECTIVAS EM DIÁLOGO: Revista de Educação e Sociedade, UNESP, 2008, pp. 1160-1161.

A maioria dessas escolas primárias era administrada pela Associação Japonesa, uma organização autônoma de base existente em cada área de imigração, recebendo subsídios directos do governo japonês. De acordo com "Relatos orais de famílias de imigrantes japoneses: Elementos para a história da educação brasileira" citado na *História da expansão dos japoneses no Brasil*, o número de escolas primárias que ainda continuava funcionando, em março de 1939, perfazia um total de 486.<sup>96</sup>Handa informa que:

“Em 1927, com o patrocínio do Consulado Geral do Japão, foi fundada a Zaihaku Nihonjin Kyoikukai (Associação Educativa dos Japoneses Residentes no Brasil), a qual, em 1929, se transformou em Zai São Paulo Nihonjin Gakkô Fukeikai (Associação de Pais da Escola dos Japoneses Residentes em São Paulo). Então, presidentes e diretores educacionais de núcleos dispersos passaram a ser convidados pelo Consulado, e depois ocorria a liberação de subvenções para a construção de escolas. Tomando esse rumo, a "importância" dos diretores que tinham contacto com as "autoridades" foi crescendo, e as eleições de diretores foram-se transformando em grandes eventos do núcleo pelo seu significado honorífico.”<sup>97</sup>

Como resultado, a educação implementada nessas escolas possui óbvio militarismo e nacionalismo. O governo japonês incutiu o espírito imperial de lealdade, patriotismo e dedicação à mãe-pátria nos imigrantes de segunda geração por meio de escolas e unificou os imigrantes de primeira geração por meio de organizações como as associações de pais das escolas, permitindo-lhes servir como educadores dos seus filhos. Os supervisores, ao mesmo tempo, fortaleceram a sua lealdade para com a pátria.

Com esse tipo de educação, a identidade de cidadãos imperiais desses imigrantes japoneses consolidou-se, e fortaleceu-se ainda mais com as diversas suspeitas e repressões das autoridades brasileiras durante a guerra. A fim de não adicionar problemas desnecessários à estratégia de desenvolvimento ultramarino da pátria – a "sofrer desgraças e insultos por cumprir uma tarefa" – os imigrantes

---

<sup>96</sup> DEMARTINI, Zeila, “Relatos orais de famílias de imigrantes japoneses: Elementos para a história da educação brasileira”, *Educação & Sociedade*, ano XXI, n.º 72, agosto 2000: pp. 43-72.

<sup>97</sup> HANDA, Tomoo, *O imigrante japonês: história de sua vida no Brasil*, São Paulo, T.A. Queiroz Editor, 1987, p. 286.

japoneses da época aderiram à manutenção do sistema estatal e à lealdade ao imperador. Mesmo uma qualquer japonesa comum mostrava considerável calma e moderação quando confrontada com os “preconceitos irracionais” dos cidadãos dos países aliados, e isto era considerado pela comunidade de imigrantes como uma manifestação do bom espírito japonês.

Em relação ao desfecho da guerra, eles nunca imaginaram ou ousaram imaginar a possibilidade de fracasso. Acreditavam que a guerra lançada pelo Japão era inerentemente "sagrada" e estava destinada à vitória. Além disso, os sucessos do Japão em várias guerras modernas também pareciam confirmar a crença de que "o reino de Deus sairá invicto". Especialmente a partir da década de 1930, os militares japoneses tornaram-se cada vez mais fortes. O "Incidente de Mukden"<sup>98</sup> de 1931, o estabelecimento do Manchukuo<sup>99</sup> em 1932, a eclosão da Primeira Guerra Sino-Japonesa<sup>100</sup> em 1937... O Japão estava a desempenhar um papel importante no Leste Asiático nessa época, satisfazendo muito o sentimento nacional e a auto-estima dos imigrantes japoneses no Brasil. Até ao final da II Guerra Mundial, o Japão estava numa trajectória de expansão no campo de batalha mundial. A notícia repentina da "derrota" tornou difícil para muitos imigrantes japoneses acreditar neste facto. Os imigrantes também não conseguiam entender ou acreditar por que razão a "situação positiva da guerra", que se espalhou nos últimos dias, piorou da noite para o dia. Nesse momento, o surgimento da "facção derrotada" estimulou este tipo de sentimento. Para estes cidadãos imperiais, aqueles que promoviam a ideia de derrota da pátria não eram diferentes de "traidores". Em seu pensamento de "lealdade absoluta à pátria", esses compatriotas que predicaram a derrota do Japão não podiam ser perdoados e até mereciam ser abandonados.

Pode observar-se que, seja na recusa em aceitar a derrota, seja na imposição de

---

<sup>98</sup> O Incidente de Mukden (18 de setembro de 1931), foi a guerra de agressão contra a China que foi deliberadamente criada e lançada pelo Japão, o início da tentativa imperialista japonesa de conquistar a China pela força, o ponto de partida da Guerra de Resistência Chinesa contra o Japão e o prelúdio do campo de batalha oriental de II Guerra Mundial.

<sup>99</sup> Manchukuo (滿洲國) foi um regime fantoche estabelecido pelo Japão depois de ocupar o nordeste da China.

<sup>100</sup> A Primeira Guerra Sino-Japonesa (1894-1895) trouxe grave crise nacional sem precedentes para a nação chinesa, o que aprofundou muito o grau de semicolonização da sociedade chinesa; por outro lado, tornou o Japão mais forte e lançou uma base importante para que se tornasse uma grande potência.

sanções à "facção derrotada", as raízes estavam nas características psicológicas que os imigrantes japoneses da época se atribuíam a si próprios, fruto de décadas de endoutrinação nacionalista de ideias de superioridade racial e de excepcionalismo.

#### **2.4. Ascensão do nacionalismo na comunidade japonesa durante a Guerra**

De 1914 a 1918, o Brasil teve uma participação modesta na I Guerra Mundial. Em 1889, o Brasil deslocou o seu eixo diplomático de Londres para Washington. A política externa do governo republicano desde 1889 também atraiu inúmeras críticas. Nem todos concordaram com a ideia do governo brasileiro de estreitar os laços com os Estados Unidos.<sup>101</sup> Depois de o então presidente Venceslau Brás<sup>102</sup> ter assinado a declaração de guerra contra a Aliança das Três Potências, em 26 de outubro de 1917, com a aprovação do Congresso, os brasileiros participaram em batalhas ao longo da costa mediterrânea, especialmente em batalhas aéreas e navais. Os brasileiros permaneceram na Europa até aos primeiros meses de 1919, mas o papel do Brasil foi muito pequeno. Limitou-se a oferecer apoio pontual, cooperar nas operações aéreas e marítimas e ajudar os feridos no campo de batalha.

O Brasil desempenhou um papel importante no campo de batalha italiano na II Guerra Mundial, a partir do segundo semestre de 1944, lutando em Monte Castello e outras áreas. O Brasil ingressou na II Guerra Mundial em 30 de junho de 1944, juntando-se aos Estados Unidos, Grã-Bretanha, União Soviética e França. O inimigo, obviamente, eram as potências do eixo. Durante a II Guerra Mundial, os Estados Unidos tentaram demarcar uma zona de influência militar no continente americano para evitar ser, eventualmente, ocupada por fascistas e nazistas. As vantagens regionais estratégicas do Brasil tornaram-se evidentes. Como o historiador Boris Fausto escreve em sua obra *História do Brasil*:

---

<sup>101</sup> COSTA, Emília Viotti da, *Da Monarquia à República: Momentos Decisivos*, 6.<sup>a</sup> edição, São Paulo, Fundação Editora da UNESP, 1999, p. 397.

<sup>102</sup> Venceslau Brás (1868 - 1966) foi um político brasileiro, Ele declarou guerra ao Império Alemão na Primeira Guerra Mundial em 1917 e é o presidente brasileiro mais longo.

“[...] Antes mesmo de começar a guerra, Roosevelt já se convencera de que ela se daria em escala mundial e envolveria os Estados Unidos. Essa perspectiva levou os estrategistas americanos a ampliar o que consideravam o círculo de segurança do país, incluindo a América do Sul e em especial a “saliência” do Nordeste Brasileiro. Os americanos se lançaram também em uma ofensiva político-ideológica, ao promover, entre outras iniciativas, as Conferências Pan-Americanas, em torno de um objetivo comum: a defesa das Américas, independentemente do regime político vigente em cada país, sob o comando dos Estados Unidos.”<sup>103</sup>

Os nazistas perceberam que Brasil e Estados Unidos estavam se aproximando e começaram a atacar os navios brasileiros. De 5 a 17 de agosto de 1942, Seis navios afundados por submarino alemão, resultando em mais de 600 mortes. Esse facto abalou todo o país e pressionou Getúlio Vargas a declarar guerra. Em agosto do mesmo ano, o Brasil declarou oficialmente guerra às potências do Eixo.

Não é difícil ver pela posição na guerra que Brasil e Japão estão em lados opostos. Durante a II Guerra Mundial, os conflitos entre o povo brasileiro e os imigrantes japoneses foram surgindo espontaneamente. Juntamente com o facto de os imigrantes japoneses viverem de forma relativamente fechada na sociedade brasileira, várias contradições se seguiram.

A pressão externa que os imigrantes japoneses sofreram durante a guerra forçou-os a serem mais unidos internamente, e o espírito nacionalista floresceu. Estivessem no topo da comunidade ou fossem agricultores remediados, eles se reuniam para lutar em uníssono contra as forças externas, erguendo barreiras em torno da comunidade.

Além do impacto das características psicológicas dos imigrantes japoneses, a ascensão do sentimento nacionalista durante a guerra também se tornou um obstáculo à aceitação da derrota. A sua origem tem – principalmente – os seguintes dois fatores.

#### **2.4.1. Opressão durante a Guerra**

---

<sup>103</sup> BORIS, Fausto, *História do Brasil*, 14.<sup>a</sup> edição, São Paulo, EDUSP, 2013, p. 324.

Imigrantes japoneses foram criticados por não poderem se integrar à sociedade brasileira e formarem grupos fechados.. Durante o governo de Getúlio Vargas, o nacionalismo brasileiro foi fortalecido. Na década de 1930, a ditadura de Vargas era cada vez mais rigorosa na gestão da sociedade brasileira. Neste momento, as autoridades têm controlado rigorosamente os periódicos de língua estrangeira, e as principais notícias e tendências da opinião pública devem ser publicadas em português. Sob uma opressão cada vez mais severa, os imigrantes japoneses optaram por obedecer, mas sua insatisfação com a situação atual está se acumulando.

Em 1931, o Japão lançou o Incidente de Mukden contra a China, após o qual um grande número de japoneses imigrou para a Manchúria. A agressão colonial contra a Manchúria aumentou. A opinião pública nacional brasileira opôs-se fortemente à agressão do Japão contra a China. De fato, o sentimento anti-japonês permeia a vasta área centrada em torno de São Paulo. A Constituição de 1934 restringiu o número de imigrantes estrangeiros. De acordo com as estatísticas, apenas cerca de 5000 japoneses entraram no país em 1937. Esse plano é conhecido como "Lei de Exclusão do Japão" do Brasil. Como o número de imigrantes como italianos diminuiu desde o início deste século. Ao mesmo tempo, o Brasil começou a receber refugiados judeus da Alemanha, Itália, Espanha e Europa Oriental que fugiram do regime totalitário. Como o número de imigrantes árabes, judeus e japoneses no Brasil é muito menor do que o da Europa Ocidental na história, essa lei tem o maior impacto sobre essas pessoas. O movimento anti-japonês está crescendo. <sup>104</sup>

Os imigrantes japoneses não são apenas oprimidos economicamente, mas também culturalmente. Em 1933, o domínio da língua portuguesa passou a ser um dos critérios para a obtenção de diplomas de professores de língua estrangeira. Naquela época, o nacionalismo brasileiro estava em ascensão e as autoridades adotaram uma série de políticas de assimilação forçada contra os imigrantes japoneses. Em 1938, foi promulgada a "Lei de Imigração". O Decreto-Lei n.º 406, de 4 de maio de 1938, veio regular a entrada de estrangeiros no território nacional e trouxe severas restrições a

---

<sup>104</sup> SAKURAI, Célia, “Tensões dentro de um mesmo grupo: os japoneses do pós-guerra e os antigos imigrantes”, Trabalho apresentado no XIV Encontro Nacional de Estudos Populacionais, ABEP, realizado em CaxambuMG – Brasil, 20 – 24 de Setembro de 2004, p.7.

novas entradas e aos que já se encontravam em território brasileiro, privando as crianças menores de 14 anos do direito de aprender uma língua estrangeira, o que atingiu particularmente a fechada comunidade japonesa. Essa medida impede que os imigrantes continuem aprendendo japonês, já que nas áreas rurais quase as crianças com mais de 14 anos continuam frequentando a escola.<sup>105</sup> Porém, uma vez que os filhos de imigrantes japoneses perdiam a possibilidade de aprender sua língua materna, ficavam mais próximos da sociedade brasileira e alienados da comunidade de origem. Esta situação era inaceitável para os imigrantes japoneses que “só querem ganhar dinheiro e voltar para casa”. Em sua opinião, esta política era equivalente a um monstro que destruía a sua própria família e punha em perigo a vida da nação.

A falta de treinamento na língua materna irá inevitavelmente levar à falta de educação ideológica tradicional japonesa. O fim da ideologia tradicional implicará a erosão do sistema familiar japonês. Originalmente, sob a liderança dos pais, o comportamento dos membros da família – fazendo o seu melhor para sobreviver e prosperar no Brasil – será substituído pela "fragmentação da família causada pelas diferenças entre gerações e cultura" e por um maior individualismo. Como pode então uma família dividida ganhar recursos suficientes para regressar confortavelmente ao Japão?<sup>106</sup>

Embora a "política de assimilação" do governo brasileiro enfurecesse os imigrantes japoneses, eles não conseguiram resistir. Em desespero, tiveram que encontrar outra maneira e começaram o chamado "ensino móvel". Mas, sendo uma leccionação, provocava sempre um ajuntamento de alunos e tornava quase impossível esconderem-se dos outros. Além disso, durante este período, o sentimento anti-Japão da sociedade brasileira estava em alta, e muitos professores japoneses de "ensino móvel" foram denunciados e presos um após o outro. Em certos casos, tiveram que mudar o local de ensino para uma cabana de montanha longe dos caminhos mais frequentados e enviar um guarda especial para vigiar. Sempre que algo sucedia,

---

<sup>105</sup> DEMARTINI, Zeila, “Relatos orais de famílias de imigrantes japoneses: Elementos para a história da educação brasileira”, *Educação & Sociedade*, ano XXI, n.º 72, Agosto 2000: pp. 43-72.

<sup>106</sup> HANDA, Tomoo, *O imigrante japonês: história de sua vida no Brasil*, São Paulo, T.A. Queiroz Editor, 1987, p. 613.

escondia-se o livro didático, o professor refugiava-se na mata ou fingia trabalhar no campo limítrofe, enquanto as crianças da casa brincavam para não serem apanhadas. Embora o ensino japonês em algumas áreas de imigrantes tenha sido difícil de manter, esse sentimento constante de opressão aumentou a insatisfação com a sociedade brasileira, e o seu desejo de viver sob a “bandeira do Sol nascente” do Japão tornou-se mais forte.

Esse tipo de opressão gradualmente se intensificou com o tempo. Na década de 1930, a autocracia de Getúlio Dornelles Vargas<sup>107</sup> efectuou uma gestão cada vez mais rígida da sociedade brasileira. As autoridades implementaram controlos rígidos sobre as publicações em língua estrangeira, e as principais notícias e tendências da opinião pública deviam ser publicadas em português. Ao mesmo tempo, a educação das crianças também passou a ser mais rigorosamente monitorada. Pelo menos 219 escolas primárias japonesas foram fechadas. Sob uma opressão cada vez mais severa, os imigrantes japoneses tiveram que aceitar estas dificuldades em silêncio, pois o estatuto social e o poder da comunidade imigrante japonesa não eram suficientes para resistir. Ao mesmo tempo, como “convidado” no Brasil, o dono da casa diz o que o convidado pode fazer. Em 1939, um inquérito afirmou que 85% dos imigrantes escolheram "esperar e depois voltar para casa", 10% escolheu "ficar no Brasil" e os 5% restantes escolheu "não sabe/não responde".<sup>108</sup> Não é difícil perceber neste momento a insatisfação dos imigrantes japoneses com a sua própria situação.

No entanto, esse desejo de voltar ao Japão depois de ganhar dinheiro foi-se tornando gradualmente um desejo impossível sob a pressão do rompimento das relações diplomáticas do Brasil com o Japão e do progressivo isolamento dos imigrantes no exterior. Os imigrantes japoneses só podiam, portanto, depositar todas as suas esperanças na vitória do Japão. Só assim poderiam voltar ao seio da pátria. O surgimento desta mentalidade também forneceu condições para o surgimento do nacionalismo entre os imigrantes japoneses, fortalecendo ainda a unidade interna.

Em primeiro lugar, a opressão dos imigrantes japoneses durante a guerra

---

<sup>107</sup> Getúlio Dornelles Vargas foi um advogado e político brasileiro, líder da Revolução de 1930.

<sup>108</sup> HANDA, Tomoo, *O imigrante japonês: história de sua vida no Brasil*, São Paulo, T.A. Queiroz Editor, 1987, p. 626.

aprofundou a sua nostalgia pela pátria e proporcionou condições para o surgimento do nacionalismo.

No início de 1942, o governo brasileiro decidiu impor restrições à imigração oriunda do Eixo e apenas alguns países não foram abrangidos. Os imigrantes japoneses sofreram muito com isso. Em 19 de janeiro, a Secretaria de Segurança Pública de São Paulo emitiu um alerta que vai desde a proibição do uso e divulgação de livros no idioma do país de origem até a discussão da situação internacional em locais públicos. Quer no domicílio, quer em viagem, uma série de atividades foram bastante restringidas.<sup>109</sup>

Essas regulamentações para imigrantes dos países do Eixo realmente causaram grande desconforto aos imigrantes japoneses. Conforme discutido no capítulo anterior, em comparação com outros países do Eixo, estes imigrantes formavam um grupo relativamente fechado na sociedade brasileira antes da II Guerra Mundial. Se uma comunidade de imigrantes relativamente isolada e marginalizada queria gozar de um certo *status* no Brasil, um país onde todas as etnias viviam juntas, só o poderia fazer unindo-se contra as forças externas e ganhando um lugar para si própria.

Pelas estatísticas oficiais do Japão, do final de Abril de 1940, 94% dos 200 mil imigrantes japoneses que viviam no Brasil naquela época estavam reunidos no Estado de São Paulo.<sup>110</sup> Em 29 de janeiro de 1942, o Brasil anunciou oficialmente o rompimento das relações diplomáticas com o Japão. No dia anterior, 28 de janeiro, o Japão fechou suas agências no exterior, como a Embaixada Imperial no Rio, o Consulado Geral do Japão em São Paulo e as associações no exterior. Em 2 de fevereiro, as autoridades brasileiras emitiram a primeira ordem de deportação na rua Conde de Sarzedas onde a população japonesa estava mais concentrada no centro de São Paulo.<sup>111</sup>

No dia 11 do mesmo mês, as autoridades expediram ordem de congelamento

---

<sup>109</sup> Comissão de elaboração da história dos 80 anos da imigração japonesa no Brasil, *Uma Epopéia Moderna: 80 Anos da Imigração Japonesa no Brasil*, São Paulo, Editora Hucitec, Sociedade Brasileira de Cultura Japonesa, 1992, pp. 257-258.

<sup>110</sup> QUINTANEURO, Tania, “Plantando nos campos do inimigo: japoneses no Brasil na II Guerra Mundial”, *Estudos Ibero-Americanos*, v. XXXII, 2006, pp. 155-169.

<sup>111</sup> HANDA, Tomoo, *O imigrante japonês: história de sua vida no Brasil*, São Paulo, T.A. Queiroz Editor, 1987, p. 174.

de bens de imigrantes dos países do Eixo para impedir atos de favorecimento ao inimigo e garantir indenização no pós-guerra. Além de restrições estritas sobre imóveis e crédito, também impôs uma certa percentagem de imigrantes japoneses e depósitos em bancos locais, estipulando o valor máximo de saques mensais.

Sob a pressão das autoridades brasileiras, a unidade interna dos imigrantes ficou assim mais fortalecida. As várias deportações instantâneas de imigrantes japoneses na área urbana de São Paulo entre 1942 e 1943, causaram grandes prejuízos à sua propriedade e segurança pessoal. Contudo os imigrantes japoneses que viviam em periferias reuniram-se para acolher, ou doar dinheiro e materiais. Este tipo de ajuda altruísta fortaleceu a identidade dos compatriotas, provando que o sangue é mais espesso que a água, reduzindo, ao mesmo tempo, as diferenças de identidade e estatuto existentes no interior da comunidade.

Neste momento, não existiam os chamados vencedores e vencidos. O homem rico que, normalmente, possuía terras férteis não era diferente do trabalhador agrícola. Todos os membros da comunidade foram alvo de perseguição por parte das autoridades brasileiras. Desde fevereiro de 1942, outros imigrantes japoneses foram intimados ou levados sob custódia pelas autoridades brasileiras sob suspeita de espionagem. Conta-se que na madrugada de 28 de fevereiro, um casal de japoneses de São Paulo voltou de visitar parentes com os seus filhos. Antes que eles pudessem entrar em casa, foram levados para a delegacia pela patrulha como elementos suspeitos.<sup>112</sup> Este fenômeno atingiu seu pico em julho do ano seguinte.

Na noite de 7 de julho de 1943, dois navios transportadores americanos e três navios transportadores brasileiros deixaram lentamente o porto de Santos, carregados de armamentos. Mas o que os esperava era um submarino alemão não muito longe da costa. De repente, bem em frente à Fortaleza de Santos, vários navios de transporte foram atingidos por torpedos, e a pólvora e a gasolina dos navios os despedaçaram. Quando os aviões e navios americanos chegaram, o submarino inimigo já havia desaparecido. Na madrugada do dia seguinte, os pescadores descobriram junto à costa

---

<sup>112</sup> Comissão de elaboração da história dos 80 anos da imigração japonesa no Brasil, *Uma Epopéia Moderna: 80 Anos da Imigração Japonesa no Brasil*, São Paulo, Editora Hucitec, Sociedade Brasileira de Cultura Japonesa, 1992, pp. 261-262.

que as redes de pesca, apesar de se estar na época baixa, estavam surpreendentemente pesadas. Quando as puxaram, encontraram os cadáveres de três oficiais com uniformes da Marinha dos Estados Unidos.<sup>113</sup>

Este incidente irritou o governo brasileiro. Segundo as autoridades, os cinco navios de transporte tinham sido alvejados em apenas uma hora, sendo necessário denunciar e reprimir a presença de espiões do Eixo. Muitos imigrantes japoneses foram assim denunciados inocentemente e detidos. Cidadãos locais furiosos até destruíram e incendiaram as casas de imigrantes japoneses para descarregar a sua raiva pessoal.

No entanto, estas repressões e perseguições externas fortaleceram a coesão interna da comunidade. Embora estivessem injustamente detidos, foram inspirados pelo espírito japonês e pelo instinto de defesa de grupo universal a se unirem intimamente. Como súditos do imperador, os imigrantes japoneses não sucumbiram a esta pressão, acreditando mais no imperador e que tudo mais não era que o início de uma virada favorável ao seu país.

Pode perceber-se que a opressão do tempo de guerra fortaleceu ainda mais a coesão entre os imigrantes japoneses, reduziu as diferenças existentes devido à posição econômica ou social e deu-lhes uma identidade homogênea. Eles avançarão e recuarão juntos sob a pressão das autoridades brasileiras, ansiando pela vitória na guerra e pela concretização da ideia do "país de Deus". Como resultado, os sentimentos nacionalistas dos imigrantes japoneses aumentaram ainda mais.

#### **2.4.2. Consolação trazida pela Guerra**

As diferentes formas de opressão sofridas pelos imigrantes japoneses durante a II Guerra Mundial estavam diretamente relacionadas com a ascensão do seu nacionalismo. Mas esse não foi o único motivo. O conforto proporcionado pela II Guerra Mundial também inspirou este seu nacionalismo. A maioria dos emigrantes japoneses que vieram para o Brasil pertencia à base da comunidade de origem e não

---

<sup>113</sup> KOICHI, Kishimoto, *Isolado nos campos de batalha da América do Sul: uma raça que pode lutar em uma tempestade*, São Paulo, Hibinosha, 1974, p. 24.

conseguiu obter resultados positivos no Japão. Porém, depois de saberem que trabalhar no Brasil podia render muito dinheiro, essas pessoas começaram a dirigir-se e a reunir-se no Brasil. Embora os imigrantes japoneses no Brasil deem a impressão de possuírem uma refinada educação, em essência, este grupo sente, em seus corações, que foi abandonado pela pátria e enviado para o exterior pelo governo japonês por razões também demográficas e econômicas. É precisamente por causa dessa psicologia que o espírito nacionalista dos imigrantes japoneses se tornou mais fácil de ser captado. Eles querem obter algum reconhecimento, seja no Brasil ou no Japão. Da mesma forma, a pressão que os imigrantes japoneses encontraram no Brasil na década de 1930 também era um problema que eles precisavam resolver com urgência. Embora os imigrantes japoneses tenham a psicologia própria de "pessoas abandonadas", eles estavam mais preocupados em como retornar ao Japão, a uma ideia mitificada de comunidade nacional, equilibrada e protetora.

Em fevereiro de 1939, depois que o exército japonês invadiu a ilha chinesa de Hainan, surgiu a ideia de emigrar para a ilha. Naquela época, pregava-se que os emigrantes poderiam usar sua experiência no exterior para re-emigrar para um novo país. Os imigrantes japoneses no Brasil serão os líderes, pois o movimento anti-japonês no Brasil se torna mais forte e mais difícil para os imigrantes viverem no Brasil. Como resultado, uma onda de retorno para casa foi desencadeada.<sup>114</sup> A partir de 1939, as associações japonesas foram o centro da emigração. Muitas organizações autônomas, incluindo associações de mulheres e ligas juvenis, realizaram ativamente donativos ao exército imperial; as mulheres usaram também as suas associações para fazer contribuições, actividades vistas com crescendo desconforto pelas autoridades brasileiras.

Por um tempo, atividades de recolha de fundos sob vários nomes, como "apoio à defesa nacional" e "compra de aviões", tornaram-se populares na comunidade. Além disso, prevaleceu a ideia de que se dedicavam diretamente à grande causa da pátria. Em 31 de maio de 1941, o *Seishu Shinpo* publicou um artigo intitulado "Saburo

---

<sup>114</sup> Comissão de elaboração da história dos 80 anos da imigração japonesa no Brasil, *Uma Epopéia Moderna: 80 Anos da Imigração Japonesa no Brasil*, São Paulo, Editora Hucitec, Sociedade Brasileira de Cultura Japonesa, 1992, p. 253.

Kawabata":

“Nós alimentamos o profundo desejo de viver sob a proteção da bandeira do Japão e deixar aos nossos descendentes uma vida plena de satisfação espiritual e material. Essa decisão representa, no momento, um serviço à pátria, não havendo nenhuma razão para ficarmos presos a um Estado branco e nem de escapar da nossa reemigração para a Esfera da Ásia Oriental. Num local onde não há desenvolvimento construtivo como povo nipônico, como poderemos contribuir para o bem da pátria ou do mundo?”<sup>115</sup>

Posteriormente, após a proibição pelas autoridades brasileiras de publicações em língua estrangeira em 1941, o jornal encerrou com um artigo intitulado "Os asiáticos voltando à Ásia", lançando um grito do fundo do coração dos japoneses emigrantes. Com a dissolução da organização brasileira em 1942, atividades patrióticas encobertas começaram a espalhar relatos de guerra e propaganda nacionalista. As notícias eram espalhadas de boca em boca ou panfletos mimeografados, que também continham notícias exageradas e fabricadas. As notícias da vitória iminente do Japão alimentaram assim rumores, fraudes e estelionatários. Esses estelionatários vendem à própria comunidade ienes japoneses desvalorizados, títulos de terras fictícios no Sudeste Asiático ou algum título de bolsa inexistente.<sup>116</sup> Estas ações imorais fizeram com que muitos emigrantes japoneses aos poucos percebessem a real situação da guerra e como estavam “abandonados pela pátria”.

Em 28 de janeiro de 1942, sob a influência política do ataque militar japonês à base militar norte-americana de Pearl Harbor, o Brasil cortou a diplomacia e comércio com Japão, Alemanha e Itália.<sup>117</sup> Na noite do mesmo dia, após a equipa proferir o último brado de "Viva o Japão", O Consulado-Geral do Japão em São Paulo está fechado.

---

<sup>115</sup> Comissão de elaboração da história dos 80 anos da imigração japonesa no Brasil, *Uma Epopéia Moderna: 80 Anos da Imigração Japonesa no Brasil*, São Paulo, Editora Hucitec, Sociedade Brasileira de Cultura Japonesa, 1992, p.250-251.

<sup>116</sup> NAKAMOTO, Ana Luisa Campanha, “Representações do feminino na imigração japonesa e okinawana para o Brasil”, Tese de Doutorado da Universidade de São Paulo, 2019, p. 136.

<sup>117</sup> KOIFMAN, Fábio e ODA, Humberto Manabu, “XXVII Simpósio Nacional de História - Conhecimento histórico e diálogo social”, SNH2013, UFRN, Natal, 22 a 26 de julho 2013, p. 1.

Um pouco depois, lojas e moradores japoneses no centro de São Paulo receberam um edital do consulado, assinado pelo embaixador imperial. Nele se lêem as palavras finais deixadas pelo governo japonês aos imigrantes: "Não perca a coragem e a medida de nosso grande país..."<sup>118</sup> Não é difícil de perceber porque é que até o departamento governamental que ligava o Japão e o Brasil saía desta forma. O desejo da maioria dos emigrantes japoneses de retornar a prazo à pátria ficava assim comprometido. Criava assim, dentro da comunidade, a ideia de que os emigrantes japoneses eram mais determinados, mas eram "pessoas abandonadas", separadas do núcleo original nipônico.

Como as autoridades brasileiras controlavam estritamente as viagens dos nacionais dos países do Eixo, e os restringiam economicamente por meio de ordens de congelamento de ativos e outros métodos, a maneira comum como os imigrantes japoneses se conectavam com seu país de origem, apoiando a guerra da pátria, não podia ser posta em prática. Como resultado, eles focaram a sua atenção na opressão da sociedade e autoridades brasileiras, vinculando a força da sua perseguição à grande causa da guerra em seu país, o Japão. Só assim podiam entender a perseguição que sofriam e perceber o seu próprio valor, dando um novo significado à sua vida medíocre e desesperada. Nesse pensamento de "autoconforto", os emigrantes japoneses relacionaram tudo em seu cotidiano com os grandes ideais nacionalistas promovidos pelo governo japonês, principalmente as perseguições que sofreram na sociedade brasileira. Tudo era visto como um nobre ato de martírio pela grande causa da pátria.

Embora muitas escolas japonesas tenham recebido ordem de fechamento antes da guerra sob as políticas cada vez mais duras de assimilação das autoridades brasileiras, quando esses fenômenos continuaram durante a guerra, a perspectiva mudou aos olhos dos emigrantes. Em 2 de março de 1942, seria também encerrado o colégio particular japonês Escola Yun Xing, no Estado de São Paulo. No ambiente especial de tempo de guerra, este incidente transformou-se no "martírio pela causa da

---

<sup>118</sup> HANDA, Tomoo, *O imigrante japonês: história de sua vida no Brasil*, São Paulo, T.A. Queiroz Editor, 1987, p. 626.

guerra da pátria” na opinião dos imigrantes japoneses.<sup>119</sup> Ao mesmo tempo, aqueles que foram expulsos durante a guerra só podiam lamentar e chorar em voz baixa, regressando ao Japão “para suportar a humilhação causada pela guerra da pátria”.

Na cidade e ao longo do porto de Santos, os emigrantes japoneses que foram expulsos coletivamente de seus bairros por suspeita de espionagem passaram por uma trágica experiência:

A repentina ordem de deportação fez com que as famílias não tivessem chance de organizar sua bagagem e dinheiro e sair de casa. Como não sabiam para onde seriam levados, a possibilidade da separação era vivida com angústia. Uma mulher japonesa implorou a um responsável oficial: "O chefe da casa foi para os subúrbios para discutir negócios e não voltou. Aqui há apenas mulheres e crianças. Por favor, espere um pouco e saia enquanto o chefe da casa não retorna."

No entanto, o policial que respondeu fez uma declaração ríspida: "todos vocês serão levados para o mesmo lugar, e não há diferença entre sair agora ou sair depois".<sup>120</sup>

Para os emigrantes japoneses “a razão pela qual foram perseguidos pelo inimigo é que eles são membros da nação japonesa, assim como os cristãos expulsos de Roma nos tempos antigos. As 350 famílias de compatriotas da rua Conde de Sarzedas também irão assumir o martírio. Pela glória da pátria, parta com calma e dignidade.”<sup>121</sup> Os emigrantes japoneses que foram levados de volta à delegacia para interrogatório ou detidos por vários motivos eram considerados como heróis locais. Quando voltaram para casa, foram calorosamente recebidos pelos compatriotas, jovens e idosos.

Os japoneses que foram forçados a emigrar por causa dos problemas econômicos e populacionais do Japão só podiam sobreviver no exterior. Em um contexto de guerra, a pressão da sociedade brasileira obrigou-os a serem resgatados de sua condição de “pessoas abandonadas”. Para manterem alguma identidade,

---

<sup>119</sup> KOICHI, Kishimoto, *Isolado nos campos de batalha da América do Sul: uma raça que pode lutar em uma tempestade*, São paulo, Hibinosh, 1974, p. 32.

<sup>120</sup> KOICHI, Kishimoto, *Isolado nos campos de batalha da América do Sul: uma raça que pode lutar em uma tempestade*, São paulo, Hibinosh, 1974, pp. 26-27.

<sup>121</sup> KOICHI, Kishimoto, *Op. Cit.*, p. 21.

vincularam-se intimamente à ideia de "sacrifício pela grande pátria", realizando assim a sua auto-estima. Eles expuseram as suas persistentes fraquezas na sociedade brasileira, como o fechamento, a independência e a fragilidade de longo prazo. Consideravam essas deficiências como a implementação e execução do espírito do "país de Deus" do Japão. Mudaram assim a sua percepção de "pessoas abandonadas" para "heróis da pátria mãe".

As várias opressões que sofreram e seu conforto durante a guerra reforçaram os laços entre os emigrantes japoneses e o Japão tornando-os intimamente ligados. Embora essa conexão fosse uma "ilusão" e uma construção, o estado de separação da comunidade emigrante durante a guerra prolongou-se até no período do pós-guerra. Entretanto, o espírito nacionalista japonês atingia o clímax. Quando a notícia da "derrota" chegou ao Brasil, foi sem dúvida um grande golpe aqueles que possuíam a mentalidade do "país de Deus". Para eles, o resultado da derrota do Japão não foi apenas uma perda dos esforços anteriores, mas também significou que voltariam a ser "pessoas abandonadas". O que é mais assustador é que o seu desejo de eventualmente retornar à pátria se tornava ainda mais difícil de realizar. Eles ficariam para sempre presos nessa terra estranha do Brasil, perdendo o contato com o seu país natal. Isto era algo que eles não podiam nem queriam aceitar.

### **3. A derrota do Japão e os conflitos na comunidade de imigrantes japoneses no Brasil**

Em 15 de Agosto de 1945, através da rádio, o Imperador Hirohito anuncia a todo o país a aceitação das condições estipuladas na "Proclamação de Potsdam", nomeadamente a rendição incondicional do Japão. Nesse momento, a turbulenta II Guerra Mundial está a chegar ao fim, e o caminho para a hegemonia japonesa do "Hakkō ichiu"<sup>122</sup> terminou. Mas, do outro lado do planeta, os mais de 200.000 imigrantes japoneses que vivem no Brasil acendem o rasilho da luta por causa da notícia da derrota do Japão. Só que, desta vez, o inimigo não são mais os "os chineses teimosos, anti-japoneses e tolerantes ao comunismo e inimigos da paz no Leste Asiático", nem são os "ocidentais contemporâneos que valorizam o lucro, a negligência, a tirania e a ambição do lobo", mas os compatriotas ao seu redor. Os imigrantes residentes no Brasil iniciaram um debate feroz sobre a vitória ou derrota do Japão na guerra, e assim formaram duas facções principais dentro da sua comunidade de imigrantes: a facção da "vitória" e a facção da "derrota". O confronto e a luta entre os dois grupos escalaram para ataques à bomba, assassinatos e outros eventos terroristas, e as fraudes e turbulências subsequentes continuaram até meados da década de 1950.

#### **3.1. O impacto da derrota do Japão**

##### **3.1.1 A situação da comunidade de imigrantes japoneses nas vésperas da derrota**

A comunidade de imigrantes japoneses, nas vésperas da derrota, ia aos poucos no caminho da consolidação e estabilização após décadas de desenvolvimento. Em comparação com a época em que foram inicialmente para o Brasil, as condições de

---

<sup>122</sup> Hakkō ichiu era o lema nacional do Grande Império Japonês durante a II Guerra Mundial. Segundo a interpretação do departamento de propaganda do Governo japonês, significa que o mundo é uma família ou o mundo é uno, unificado.

vida dos imigrantes melhoraram muito. Além disso, eles também estabeleceram um grande número de comunidades e áreas de imigração japonesa, e se conectaram com os seus próprios consulados por meio de várias organizações autônomas, construindo uma comunidade imigrante independente e fechada dentro da sociedade brasileira. Mesmo durante a guerra, por causa da identidade dos nacionais das potências do Eixo, e apesar de ter sido reprimida e perseguida pelas autoridades brasileiras, esta comunidade de imigrantes mostrou uma estabilidade surpreendente. Isso está relacionado com a estrutura demográfica, a estrutura de organização social e as condições de vida dos imigrantes japoneses no Brasil na época.

Os imigrantes japoneses no Brasil foram oprimidos e perseguidos pelas autoridades brasileiras – por causa da sua condição de nacionais das potências do Eixo – quando o Brasil entrou na guerra ao lado dos países Aliados. Em 1941, com o ataque a Pearl Harbor, a comunidade japonesa sofreu várias represálias no Brasil: mais de 200 escolas foram fechadas, a publicação de jornais japoneses tornou-se muito cara, a propriedade de empresas japonesas foi confiscada e os “súbditos de imperador” foram, até, proibidos de conduzir automóveis.<sup>123</sup> Mas, em geral, a segurança pessoal não foi ameaçada, logo, não houve resistência e inquietação em grande escala. Esta situação também está relacionada com a estabilidade e o isolamento da comunidade de imigrantes japoneses. Esta característica distancia-a, o mais possível, da sociedade brasileira dominante. Portanto, mesmo antes da guerra, e por causa da ascensão do nacionalismo brasileiro, as autoridades brasileiras adotaram uma série de políticas de assimilação compulsória contra os imigrantes japoneses. Essa situação agravou-se ainda mais durante a guerra. No entanto, a comunidade de imigrantes japoneses ainda adota a política dos "Três Macacos Sábios"<sup>124</sup>, procurando isolar-se da sociedade brasileira em troca de uma vida estável. Além disso, nesse período, os canais de comunicação entre a comunidade de imigrantes japoneses e o mundo exterior foram

---

<sup>123</sup> HANDA, Tomoo, *O imigrante japonês: história de sua vida no Brasil*, São Paulo, T.A. QUEIROZ editor, 1970, p. 626.

<sup>124</sup> Os Três Macacos Sábios é uma referência a três estatuetas de macacos que cobrem, respectivamente, os olhos, os ouvidos e a boca com as mãos e cujo significado é "não ver, não ouvir e não falar".

quase totalmente cortados.

Desde a década de 1930 que as publicações japonesas foram cada vez mais restringidas pelas autoridades brasileiras. Em Agosto de 1941, quase todos os jornais de língua japonesa foram obrigados a suspender a publicação.<sup>125</sup> Imigrantes japoneses que não falavam português foram privados de notícias japonesas durante a guerra. Em Dezembro de 1941, alguns jornais ainda insistem em operar em português mas, com a eclosão da Guerra do Pacífico, foi difícil escapar à suspensão das publicações. Nesse momento, a comunidade de imigrantes japoneses perdeu a sua fonte de informação mais importante, e o canal de comunicação com o mundo exterior foi cortado, e ela caiu no isolamento em um país estrangeiro.<sup>126</sup> Para agravar esse ambiente fechado, em 29 de janeiro de 1942, o Japão rompeu relações diplomáticas com o Brasil, resultando na retirada do Japão da Embaixada Imperial no Rio e do Consulado Geral em São Paulo. Assim, a classe orientadora da comunidade de imigrantes japoneses deixou de existir. Nessa época, apenas os poucos rádios que foram escondidos pelos imigrantes e algumas informações que foram traduzidas dos jornais brasileiros mantiveram a conexão entre os imigrantes e o seu país de origem: o Japão.

Pode dizer-se que até às vésperas da derrota, e embora o quotidiano dos imigrantes japoneses no Brasil não tenha mudado muito em relação ao passado, o isolamento e o fechamento da comunidade atingiu o ponto mais alto de todos os tempos.

### **3.1.2. Confusão em massa provocada pela notícia de derrota**

Para os japoneses, alimentados pelo imperialismo e pelo militarismo durante os períodos Meiji e Taisho, a derrota do Japão na II Guerra Mundial era inimaginável. Embora mais ou menos conscientes do rumo desfavorável da guerra, mas devido à

---

<sup>125</sup> OKAMOTO, Monica Setuyo, NAGAMURA, Yukako, “Burajiru Jihô (*Notícias do Brasil*) e Nippak Shimbun (*Jornal Nipo-brasileiro*): os primeiros tempos dos jornais japoneses no Brasil (1916-1941)”, *Escritos IX*, n.º 9, 2015, p. 176.

<sup>126</sup> Comissão de elaboração da história dos 80 anos da imigração japonesa no Brasil, *UMA EPOPÉIA MODERNA 80 Anos da Imigração Japonesa no Brasil*, Editora Hucitec, Sociedade brasileira de cultura japonesa, São Paulo, 1992, p. 256.

ideologia dos súditos do imperador que eles sempre aceitaram, a maioria das pessoas ainda esperavam que o imperador expressasse, durante o seu discurso, a sua vontade de levar a guerra até o fim. Com esta informação, é mais fácil compreender a dificuldade que os japoneses tinham em aceitar uma rendição que lhes parecia injusta e repentina.

Os japoneses que constituíam o corpo principal da comunidade imigrante no Brasil também foram o produto dessa época especial, e a própria comunidade imigrante foi construída a partir do modelo da sociedade-mãe, da pátria japonesa. Portanto, sob o impacto das notícias da derrota, alguns fenómenos semelhantes ocorreram inevitavelmente. Mas, ao mesmo tempo, e devido ao isolamento e ao fechamento da comunidade imigrante, o impacto do episódio também produziu alguns resultados que foram diferentes das consequências na metrópole.

Em termos de semelhanças, a derrota do Japão causou, sem qualquer dúvida, um grande choque quer na sociedade japonesa, quer na comunidade imigrante no Brasil. Embora separados por milhares de quilómetros, a sua primeira reacção à notícia foi em tudo semelhante.

A 15 de Agosto de 1945, a rádio japonesa transmitiu a gravação do discurso em que o Imperador Hirohito anuncia ao povo japonês a aceitação das condições impostas pelos Aliados. Segundo algumas fontes, a forma oblíqua do discurso (Hirohito afirma aceitar as condições da "Proclamação de Potsdam" mas não refere explicitamente que uma dessas condições é a rendição incondicional do Japão), a má qualidade da gravação, bem como a linguagem formal característica do Japonês Clássico usado na Corte, adensou a confusão do povo japonês. Além da confusão dos japoneses com a fala do imperador Hirohito, os imigrantes japoneses que moram no Brasil também ficaram confusos.

Na mesma época, o imigrante japonês Yoshiro Abe<sup>127</sup>, que vivia do outro lado do oceano, também escreveu palavras semelhantes no diário daquele dia:

---

<sup>127</sup> Yoshiro Abe morava na cidade de Penápolis, na zona noroeste do Estado de São Paulo. Posteriormente, destacou-se no "Movimento de Conscientização da Situação Atual", dirigido aos imigrantes japoneses que aceitaram a derrota na II Guerra Mundial.

15 de Agosto

15 de agosto (quarta-feira). Tempo bom. Confusão total. Pasma! Na transmissão (de rádio) das 7 horas, inesperadamente o Japão comunicou a aceitação da recomendação de cessar fogo, coisa que se julgava não passar de um boato. Rendição?! Na realidade, deve ser a derrota mesmo.(...)

16 de agosto

(...)Ah, para onde vai o Japão? O que será da nossa pátria!? Esperemos com calma. Sem ouvir algo mais claro, não se pode ouvir nada (sobre o fim da guerra).(…)<sup>128</sup>

Pode dizer-se que quando chegou a notícia da derrota, tanto o povo japonês como os imigrantes japoneses no Brasil mostraram o mesmo choque e indignação. Esta talvez tinha sido uma reacção normal naqueles que sofreram uma "lavagem cerebral", que viveram imersos no militarismo da época e que acreditaram realmente no "reino invicto de Deus". Mas, após essa reacção inicial, e devido aos contextos distintos em que viviam, cada um deles percorreu o seu próprio caminho.

No Japão, porque as pessoas tinham fontes de informação correctas e realmente ouviram o édito do imperador, a questão que enfrentaram foi clara: aceitar a derrota e entrar no período do pós-guerra.

Mas a situação da comunidade de imigrantes japoneses no Brasil era diferente. Em 1942, sob forte pressão das autoridades brasileiras, a distribuição de publicações japonesas foi proibida e os diplomatas japoneses regressaram a casa logo após as relações diplomáticas entre os dois países se romperam. Pode dizer-se que os imigrantes japoneses perderam quase todas as fontes de informação neste período. Viviam uma vida isolada e localmente fechada. A percepção do mundo exterior vem apenas de poucos indivíduos que têm rádios ou conseguem ler e escrever em línguas estrangeiras. Mas, correspondentemente, as notícias obtidas através deste canal carecem de autoridade e de credibilidade. Assim, quando a notícia da derrota do Japão

---

<sup>128</sup> “Diário de Yoshiro Abe, entrada de 15 e 16 de Agosto de 1945”, apud Comissão de elaboração da história dos 80 anos da imigração japonesa no Brasil, *UMA EPOPEIA MODERNA 80 Anos da Imigração Japonesa no Brasil*, Editora Hucitec, Sociedade brasileira de cultura japonesa, São Paulo, 1992, pp. 266-267.

se espalha amplamente na comunidade imigrante através deste canal, e após sofrer o choque inicial, os imigrantes japoneses menos exaltados confirmarão a autenticidade da notícia. Porém, no dia anterior, 14 de Agosto, corriam rumores de uma grande ofensiva japonesa no campo de batalha mundial: “[...] afundou 8 navios inimigos no meio do Pacífico... ofensiva do nosso exército em Mindanau e [na cidade de] Davao. Um total de 6.600 baixas inimigas foram causadas e 7 navios inimigos foram afundados”. No entanto, em 15 de agosto, ele escreveu em seu diário:

A notícia de que os combates de ontem foram favoráveis às forças nipônicas entusiasmou os japoneses do interior. Mas, uma pessoa que voltou hoje ao anoitecer da cidade A., contou que o Japão se rendeu incondicionalmente. Os japoneses da dita cidade, atônitos, não sabem o que fazer, etc. <sup>129</sup>

Embora não acredite nesse fato, acredita que a fonte da informação é confiável. Além disso, a reação da sociedade brasileira à derrota do Japão foi inexpressiva, principalmente quando comparada com a alegria que tomou conta de todo o país quando a Alemanha anunciou sua rendição em Maio de 1945. Todos estes sinais fazem os imigrantes japoneses hesitar: a pátria-mãe foi realmente derrotada? Portanto, apurar a autenticidade da notícia da derrota do Japão tornou-se o principal problema que a comunidade enfrentava nesse momento.

A situação começou a tornar-se caótica. Logo desde o dia 16 de Agosto que, quase todos os dias, dezenas de notícias sobre a suposta vitória do Japão saíam em vários lugares da imigração. Em comum, a impossibilidade de verificar a fonte. Mas este tipo de boatos de facto causou confusão na comunidade imigrante. Dos camponeses até à classe alta, as pessoas trocam opiniões. Aos seus olhos cansados e confusos, a verdadeira notícia tornou-se suspeita.

Por exemplo, o médico Katsuda, da cidade de Araçatuba<sup>130</sup>, transcreveu a Mensagem Imperial, que ouviu secretamente na madrugada do dia 15, e

---

<sup>129</sup> “Diário de Masao Hashiura, entrada de 15 de Agosto de 1945”, apud Comissão de elaboração da história dos 80 anos da imigração japonesa no Brasil, *UMA EPOPÉIA MODERNA 80 Anos da Imigração Japonesa no Brasil*, Editora Hucitec, Sociedade brasileira de cultura japonesa, São Paulo, 1992, p.267.

<sup>130</sup> Araçatuba, uma cidade no noroeste do Estado de São Paulo.

transformou-a em folhetos que distribuiu a outros imigrantes da cidade. No entanto, o conteúdo da mensagem imperial era tão ambíguo que o povo japonês não conseguia entendê-lo. No início da mensagem, ele afirmou que o objetivo da agressão no Leste Asiático era para a "estabilidade" do Leste Asiático, e ainda afirmou que o próprio Japão também havia sido atacado por forças militares, causando grandes danos ao Japão. Ao mesmo tempo, continuar a guerra causaria mais danos ao Japão e violaria os ensinamentos deixados pelo Fundador e Antepassados. Essa série de retórica vaga causou problemas para o povo japonês, então explorar os resultados reais da guerra tornou-se a principal tarefa dos imigrantes japoneses na época.

De acordo com o Dr. Katsuda, o médico da cidade de Araçatuba que transcreveu e distribuiu os folhetos com a Mensagem Imperial, a mensagem impressa correspondia à decisão final da reunião do conselho de ministros de 10 de Agosto. As rádios, que tinham dificuldade em receber desde 14 de Agosto, voltaram ao normal no dia 15 de Agosto, pelo que a mensagem pôde ser ouvida e anotada. Mas também há rumores de que esta é uma transmissão enviada pelo East Asia Bureau às 3:30 do dia 16.<sup>131</sup>

Portanto, embora o conteúdo do folheto já seja matéria conhecida em todo o mundo, na isolada comunidade japonesa do Brasil, privada de hierarquia, autoridade e orientação, ainda se hesita na aceitação da informação veiculada.

No meio da negação e da paranóia, os imigrantes construía m várias inferências. Ou seja, o folheto devia ser revisto com base na transmissão do dia 15 de Agosto, que poucos tinham efectivamente ouvido. Em segundo lugar, correm rumores de que o transmissor da Radiodifusão do Japão foi destruído por um bombardeiro americano no dia 14. No fundo, a transmissão devia ter sido forjada pelos americanos. Finalmente, mesmo que o Japão tenha aceite a chamada "persuasão para se render", inevitavelmente haverá algum espaço para negociações que garantam os interesses nipónicos.<sup>132</sup>

---

<sup>131</sup> Comissão de elaboração da história dos 80 anos da imigração japonesa no Brasil, *UMA EPOPÉIA MODERNA 80 Anos da Imigração Japonesa no Brasil*, Editora Hucitec, Sociedade brasileira de cultura japonesa, São Paulo, 1992, pp.267-270.

<sup>132</sup> Comissão de elaboração da história dos 80 anos da imigração japonesa no Brasil, *Op. Cit.*, p.267.

Como resultado, a verdade acerca da derrota do Japão não foi cabalmente esclarecida e tornou-se um assunto manipulável, ao sabor da vontade e dos interesses, por imigrantes japoneses com diferentes responsabilidades. Algumas pessoas até pensam que o próprio aparecimento destas notícias da derrota é a prova da vitória do Japão, negada pela propaganda dos Aliados. Por exemplo, o líder da *Shindo Renmei*<sup>133</sup>, que mais tarde se tornou a espinha dorsal da facção vitoriosa e que planejou muitos assassinatos contra a facção derrotada. Sob tais condições, os imigrantes japoneses fizeram os seus próprios julgamentos sobre a autenticidade da notícia da derrota do Japão (com base na sua própria experiência e raciocínio), mas todos eles são incapazes de convencer os outros por falta de uma "prova". Mesmo quando tinham acesso a uma correcta fonte de informação, eram rapidamente obliterados pelo clima de confusão colectiva.

É compreensível que, quando a notícia da derrota do Japão chegou ao Brasil, a comunidade de imigrantes japoneses, tal como a globalidade da sociedade japonesa, tenha aceite, com muita relutância, esse facto. Mas para o primeiro grupo, o seu fechamento e longo isolamento, bem como a perda, durante a guerra, de diplomatas e de orientações consulares, fez com que faltasse, segundo alguns, uma forte evidência empírica, capaz de corroborar o facto.

### **3.2. A divisão da sociedade de imigrantes japoneses no Brasil**

#### **3.2.1. A propagação de notícias falsas e a transformação da derrota em vitória da guerra**

Assim que a notícia da derrota do Japão veio à tona, o mundo imigrante foi lançado no caos, e notícias falsas sobre a vitória do Japão começaram a aparecer. Como resultado, entre os imigrantes japoneses que viviam na área urbana de São

---

<sup>133</sup> É um grupo de quintessência nacionalista formado por imigrantes do Império do Japão na América do Sul após a II Guerra Mundial.

Paulo, vários "salões de discussão da situação actual" surgiram, não obstante a proibição de reuniões privadas de imigrantes oriundos das potências do Eixo ( Japão, Alemanha e Itália) promulgada pelas autoridades brasileiras em 19 de Janeiro de 1942.<sup>134</sup>

Em seu livro *O Imigrante Japonês: História de sua vida no Brasil*, o famoso pintor imigrante Tomoo Handa<sup>135</sup> registou uma conversa em São Paulo, numa sala de estar de uma família de classe média, em 20 de Agosto de 1945. Antigos conhecidos e amigos japoneses se reuniram para discutir o resultado da guerra, cada um recebendo uma variedade muito diversificada de coisas. Embora os imigrantes japoneses da época ainda não tivessem formado “facção vitoriosa” e “facção derrotada”, as opiniões de todos eram diferentes. Algumas pessoas pensam que as notícias na mídia não são críveis porque os Estados Unidos estão inventando tudo isso, para encobrir o fracasso dos próprios Estados Unidos, e estes japoneses começaram a comemorar a vitória do Japão. Algumas pessoas não estão claras sobre o fato de que o Japão ganhou ou perdeu a guerra. Um dia eles ouvem a notícia de que o Japão ganhou, e no dia seguinte eles ouvem a notícia de que o Japão perdeu. Enquanto as pessoas discutiam o desfecho da guerra, alguns voluntários em São Paulo traduziam o edital de rendição publicado em português nos jornais brasileiros, no entanto, o conteúdo do jornal foi gravado no dia 14, quando o discurso do Imperador foi proferido pela Rádio Tóquio. Dessa forma, embora o edital de rendição japonês tenha sido divulgado pela mídia brasileira, o resultado correto não foi discutido devido à sua ambiguidade.<sup>136</sup>

Pode ver-se, a partir deste episódio, que a derrota do Japão fez com que os imigrantes japoneses "perdessem sua compostura e calma anteriores e parecessem

---

<sup>134</sup> Comissão de elaboração da história dos 80 anos da imigração japonesa no Brasil, *UMA EPOPÉIA MODERNA 80 Anos da Imigração Japonesa no Brasil*, Editora Hucitec, Sociedade brasileira de cultura japonesa, São Paulo, 1992, p.257.

<sup>135</sup> Nascido na cidade de Utsunomia em 1906, um pintor e estudioso, imigrou para o Brasil com os seus pais em 1917 para ganhar a vida numa fazenda de café. Em 1921, mudou-se para São Paulo para se tornar tipógrafo no *Brazilian Times*, aprendendo Português enquanto trabalhava. Em 1935, começou a estudar artes plásticas. Depois de se formar na Academia Paulista de Belas Artes, Tomoo Handa e os seus companheiros criaram a Associação Paulista de Pesquisa em Arte. Pioneiro entre os pintores imigrantes japoneses, os seus trabalhos reflectem a vida real dos imigrantes e são muito apreciados pelo público.

<sup>136</sup> HANDA, Tomoo, *O imigrante japonês: história de sua vida no Brasil*, São Paulo, T.A. QUEIROZ editor, 1970, pp. 651-653.

perdidos". Mesmo os escalões superiores da comunidade imigrante foram apanhados nesta confusão. A circulação de notícias falsas sobre a "vitória do Japão", neste caso nas salas de visitas, também tornou a situação ainda mais confusa.

A 2 de Setembro de 1945, o dia em que a rendição japonesa foi assinada a bordo do *USS Missouri*, estacionado na Baía de Tóquio, corriam rumores generalizados, pela comunidade de imigrantes japoneses no Brasil, de que "o Grupo de Consolação da Vitória da Guerra do Japão chegará ao Brasil em breve", concluindo "Espero que você esteja pronto para encontrar os enviados". De repente, a facção da "vitória" estava otimista e rapidamente se organizaram vários grupos de boas-vindas que, um após o outro, começaram a levantar fundos para comprar tecidos brancos para a produção de uma bandeira japonesa em grande escala. Em consequência, os panos brancos esgotaram em todas as partes do Estado de São Paulo. Depois disso, os imigrantes japoneses, carregando a bandeira japonesa, vieram de todo o país. Uns instalaram-se em casas de amigos ou parentes e realizaram vários banquetes de comemoração. Outros retiraram todo o dinheiro do banco e reservaram um hotel próximo da costa, aguardando a chegada dos dignatários. À lotação esgotada dos hotéis de São Paulo, chegou a notícia de que "o navio dos dignatários chegará ao porto de Santos às 15h30 do dia 24. É uma grande frota de 26 navios de guerra". Por isso, os imigrantes carregaram suas bagagens e correram para Santos de carro. Entretanto, saiu um boletim informando que "o ponto de parada real não é Santos, mas o porto do Rio" e a estrada para o Rio de Janeiro ficou lotada de carros usados pelos imigrantes japoneses. Apesar das dificuldades, os imigrantes japoneses não se sentiram desapontados e suas emoções ficaram ainda mais intensas. Porém, quer no porto de Santos ou no porto do Rio de Janeiro, a frota japonesa nunca apareceu.

Justamente no momento em que os imigrantes se sentiam mais desanimados, novas notícias chegaram: "A razão pela qual a frota japonesa não chegou no horário é porque o imperador estava preocupado que isso afetasse a vida normal das pessoas. Ele não suportou [essa possibilidade] e decidiu adiar a data da sua visita." Como

resultado, os imigrantes japoneses que acreditavam firmemente na vitória da pátria-mãe rapidamente se libertaram da decepção e, gratos pelos sentimentos de compaixão do imperador, reverenciaram o Oriente inúmeras vezes.

Naturalmente, o rumor estava condenado ao fracasso e a frota japonesa nunca visitou o porto de Santos. Mas isso não impediu a acção dos fanáticos da vitória da pátria. Para fortalecer o seu poder, eles não medem esforços para usar vários métodos de propaganda junto daqueles compatriotas que permaneciam neutros e tinham uma atitude expectante face à situação. Sem sinal da frota, *Shindo Renmei* anuncia que os seus membros viram a chegada de aviões de combate japoneses. A *Shindo Renmei* fabricou um relatório, para publicação na agência *Asahi Shinpô*, afirmando que aviões de combate japoneses passaram por uma determinada área de imigração japonesa. Supostamente, dezenas de famílias, empunhando a bandeira japonesa, teriam perseguido aviões de combate e gritado vivas pelos campos: "Até que o avião se distancia, se transforma num ponto e desaparece. Mas ninguém se mexia da posição em que se achavam".<sup>137</sup> Independentemente de a notícia ser fabricada, ou a fantasia colectiva de mais de uma dezena de famílias, a crença de que "um dia aviões e navios de guerra japoneses virão ao Brasil" está geralmente arraigada no coração da maioria dos imigrantes da época.

Por um lado, percebe-se que o surgimento e divulgação destas notícias falsas aprofunda ainda mais a confusão dos imigrantes e torna a situação mais caótica. Por outro lado, e sob a sua influência, um grupo de pessoas que acreditavam firmemente que o Japão vencera a II Guerra Mundial surgiu e gradualmente conquistou o direito de falar à comunidade imigrante durante este período, arrastando consigo outros grupos de imigrantes. Em geral, este tipo de notícias falsas sobre a vitória do Japão divide-se, principalmente, em três tipos:

1. Transmissão oral. Refere-se às notícias falsas divulgadas boca a boca por certos indivíduos imigrantes que possuem (ou afirmam possuir) a fonte das

---

<sup>137</sup> Comissão de elaboração da história dos 80 anos da imigração japonesa no Brasil, *UMA EPOPÉIA MODERNA 80 Anos da Imigração Japonesa no Brasil*, Editora Hucitec, Sociedade brasileira de cultura japonesa, São Paulo, 1992, pp. 325-326.

informações. Como este método não exige nenhum custo ou trabalho, ele é numeroso e constitui a maior parte das notícias falsas. O propósito de espalhar essas notícias falsas é variado. Algumas são devido ao aumento exacerbado do patriotismo, outras são apenas o resultado de conversas inconsequentes após o jantar, mas também há pessoas com motivos desonestos que as espalham deliberadamente para obterem algum tipo de lucro. Por exemplo, Mihara, um imigrante japonês que, antes da guerra, só conseguia viver sob a protecção de outros e ganhava a vida de forma irregular, onde não faltavam fraudes e roubos, depois da guerra ficou famoso por conseguir ouvir estações de rádio japonesas e tornou-se na "rádio estação da comunidade de imigrantes japoneses da época" ou no "gênio do receptor". Masao Hashiura também mencionou, existem apenas dois locais que podem receber a notícia da vitória. Um deles é a casa da família Mihara, conhecida como o "gênio do receptor de rádio", mas nunca permitem que outros ouçam.

Percebe-se que, na comunidade de imigrantes, a disseminação destas falsas notícias verbais era barata e lucrativa e, naturalmente, favorecida pelos especuladores fraudulentos.

2. Meios de comunicação social. São, essencialmente, notícias falsas veiculadas por meio de palavras (escritas) e imagens e que, quando comparadas com a transmissão oral, são em menor número, mas cuja credibilidade é maior entre os imigrantes.

No que diz respeito à fonte das notícias, são fabricadas com base em informações de estações de rádio e jornais de língua estrangeira. Ao contrário da transmissão oral que, por resultar de conjecturas subjectivas, apresenta muitas falhas; as notícias falsas baseadas em meios de comunicação social reescrevem ou recriam notícias reais, mantendo também elas elementos verdadeiros. Esta porosidade torna mais difícil a distinção entre o verdadeiro e o falso. A seguir, trechos destes dois tipos de notícias falsas.

Algumas notícias com conjectura subjectiva, de conteúdo claramente

exagerado. Portanto, os imigrantes japoneses, com um pouco de bom senso ou um certo nível de conhecimento, dificilmente a aceitam, mas também não a negam completamente. Provavelmente, a maioria deles classificam-na como um exagero. A segunda notícia é um caso diferente. Em comparação com a primeira, não descreve directamente o processo de guerra com detalhes, mas reflecte a "vitória do Japão" a partir das supostas actividades e declarações dos membros do Governo, o que diminui a possibilidade de distinguir entre autenticidade e falsidade. Os nomes dos altos funcionários do Governo nas notícias são quase os mesmos dos membros do Gabinete Higashikuni estabelecido em 17 de Agosto de 1945. Portanto, pode concluir-se que o divulgador das notícias falsas teem, como fonte de informação, uma notícia verdadeira mas, por algum motivo pouco claro, transformou-a numa notícia vitorista. Além disso, o erro óbvio de escrever incorrectamente "Taketora Ogata" como "Katsuji Ogata" parece criar uma atmosfera de plausibilidade para os leitores: este seria um erro de transcrição causado pela instabilidade da transmissão radiofónica. Em si mesmo, este tipo de plausibilidade não prova a autenticidade do conteúdo da informação, mas aumenta a credibilidade da sua fonte.

Algumas foram copiada de um jornal do Rio de Janeiro e dizia "As Nações Unidas aceitaram o aviso de rendição emitido pelo Império Japonês". No entanto, de acordo com pesquisas posteriores, o autor desta manipulação apagou habilmente as preposições da frase, alterando a ordem das palavras do original "O Império Japonês aceitou a Proclamação de Rendição da ONU". Os dois lados da acção foram invertidos. Genericamente, os trabalhadores agrícolas de origem japonesa não tinham meios nem instrumentos para identificar a contrafacção.

Pode concluir-se que, embora este tipo de notícia falsa em papel não seja dominante em quantidade, a sua influência é bastante superior à das notícias falsas de transmissão oral. Independentemente de serem adaptações de notícias nacionais ou estrangeiras, hoje sabe-se que, durante este período, algumas pessoas espalharam deliberadamente notícias falsas acerca da "vitória do Japão" na comunidade imigrante por algum qualquer motivo.

3. Manipulação de imagem. Na verdade, existe apenas uma notícia falsa deste tipo: as imagens da assinatura, primeiro a bordo do *USS Missouri*, e depois em diferentes cenários de guerra, da rendição das tropas japonesas. E, no entanto, é a mais poderosa das notícias falsas. Para ser rigoroso, as imagens em si não são falsas mas, considerando as condições de exibição da época, essas imagens funcionaram todas como "filmes mudos". Assim, quando o filme era exibido, um comentarista "interpretava" as imagens da tela, à semelhança de um acompanhador musical. Abaixo, um comentário ao filme da cerimônia de rendição de 2 de Setembro de 1945:

“O majestoso Mamoru Shigemitsu caminha lentamente pelo convés como um vencedor. Pobres soldados americanos, todas as armas estão descarregadas neste momento, aguardando a chegada do vencedor. Por seu turno, o nosso chefe de gabinete Umezu Yoshijirō e os seus subordinados estão todos equipados com sabres. Pobre General MacArthur! Ele ficou tão horrorizado quando escreveu a sua assinatura que um tremor incontável fez com que a caneta se dobrasse na sua mão. Comparado com este herói trágico, Sua Excelência Mamoru Shigemitsu saudou-o com grande atitude e assinou o documento que durará para sempre. Esta é uma cena rara em mil anos. A todos os presentes: aplaudamos calorosamente estas imagens”.<sup>138</sup>

Sob a explicação enviesada do narrador, o General Douglas MacArthur<sup>139</sup>, general do exército norte-americano, marechal-de-campo do exército filipino e governador de facto do Japão até 1949, é apresentado como uma figura nervosa, cómica e lamentável, preocupada em alinhar as canetas de aparo que os dignatários japoneses (mas também britânicos, franceses, russos e de outras nações aliadas) irão usar. Na verdade, houve quem tivesse visto as mãos de MacArthur tremer,

---

<sup>138</sup> HOSOKAWA, Shuhei, *Cinema no Brasil: nostalgia e identidade para imigrantes japoneses*, Tóquio, Shinchosha, 1999, p. 104.

<sup>139</sup> Douglas MacArthur (1880 - 1964) foi Um general de cinco estrelas do Exército dos EUA, um famoso estrategista militar, estadista, estrategista e comandante. Em 2 de setembro de 1945, como Comandante Supremo das Forças Aliadas, ele presidiu a cerimônia de rendição do Japão e assinou em nome dos Aliados. Após a Segunda Guerra Mundial, ele serviu como comandante supremo das Forças Aliadas estacionadas no Japão e comandante do Exército do Extremo Oriente, e implementou uma série de reformas no Japão.

provavelmente pela noção da importância do momento e das responsabilidades que repousavam sobre os seus ombros. Os sabres que, em algumas imagens, acompanham os militares japoneses, tornou-se um critério importante para os imigrantes julgarem o resultado da guerra. Para os imigrantes japoneses na sociedade Brasileira, os oficiais munidos de sabres são, sem dúvida, os vencedores merecidos, enquanto os militares americanos, embora usem uniformes, não estão equipados com armas. Como resultado, a imagem original da assinatura da rendição incondicional do Japão foi transformada numa prova robusta da vitória japonesa, sob a interpretação engenhosa e enganadora do narrador.

Depois das exibições, o público pedia, de forma veemente, aos projecionistas para mostrar o filme nas comunidades de onde tinham vindo. Como resultado, a influência da teoria da vitória do Japão tornou-se mais extensa e ganhou alcance.

O impacto da "vitória japonesa" na comunidade de imigrantes revela-se, principalmente, nos seguintes pontos:

Em primeiro lugar, causou um terrível mal-entendido sobre a verdade dos factos entre os imigrantes japoneses no Brasil, particularmente isolados e susceptíveis a manipulações maldosas. Considerando as páginas anteriores, podemos afirmar que três tipos de notícias corriam pela comunidade imigrante da época: notícias que reflectiam verdadeiramente a derrota do Japão; notícias falsas sobre suposições subjectivas sobre a "vitória do Japão" e notícias falsas sobre a "vitória do Japão" adaptadas de factos concretos. As notícias acerca da suposta vitória correspondiam a cerca de dois terços do total. De acordo com o pensamento das pessoas comuns, quando a autenticidade dos três tipos de notícias não podia ser confirmada, as notícias da derrota ou da vitória transmitidas oralmente eram marginalizadas, deixando o campo aberto às notícias da "vitória" adaptadas dos factos reais e, por isso, com aparente credibilidade. Estas notícias aparentemente objectivas vão dominar consideravelmente o mercado da opinião pública.

Em segundo lugar, fez com que alguns imigrantes perdessem a racionalidade sob o estímulo da "vitória do país de origem" e afectou a imagem dos imigrantes japoneses na sociedade brasileira. De acordo com o diário de Masao Hashiura, no dia 25 de Agosto, os imigrantes japoneses residentes na região do Tietê começaram a comemorar a vitória na guerra. Muitos imigrantes tomaram as ruas segurando bandeiras japonesas, seguiram-se disputas com residentes brasileiros que se transformaram em derramamento de sangue. Dezenas de pessoas foram presas nos incidentes. A recusa dos imigrantes em reconhecer a derrota do Japão foi considerada, pela sociedade brasileira, uma loucura anormal, o que despertou a incompreensão e o ressentimento das populações locais.

Formou-se um grupo na comunidade imigrante que acreditava que o Japão havia vencido a Segunda Guerra Mundial. Independentemente da confusão inicial, esse grupo possuía convicções inabaláveis. Num artigo submetido pelos leitores do *Burajiru Jih ō*, em 6 de Abril de 1949, a existência desse grupo ainda pode ser observada:

[...] Não aceito que os derrotistas me acusem, e aos vitoristas, de proferir afirmações falsas. É ou não verdade que o representante dos EUA não tem nenhuma arma na cintura? A explicação para o comportamento calmo de Sua Excelência Shigemitsu Mamoru e o fracasso de MacArthur em manusear várias canetas é cristalina e é difícil inverter o preto e o branco, mesmo com a língua astuciosa dos intelectuais[...].<sup>140</sup>

Vê-se que este grupo, tal como o grupo derrotista (que aceitou as notícias reais), acredita ter evidências empíricas que podem comprovar os seus pontos de vista e posições sobre a questão da vitória ou derrota na guerra. Há uma relação dialéctica entre os dois grupos. Irão reunir os seus respectivos crentes. Em Agosto de 1945, mesmo que os dois lados não estejam competindo um com o outro, as suas respectivas posições constituem uma clara distinção.

---

<sup>140</sup> “Filme 16mm e espreitadela” Carregado em *Burajiru Jih ō* (Notícia Brasileira), 6 de Abril de 1949, 2ª edição.

### **3.2.2. A formação da "facção vitoriosa" e da "facção derrotada"**

Logo após as notícias da derrota do Japão chegaram à comunidade imigrante japonesa, e por conta do isolamento e fechamento da comunidade, o grupo de japoneses que nela vivia ficou realmente confuso. Os consulados, e outras instituições oficiais evacuadas durante a guerra, resultaram na falta de figuras de autoridade dentro da comunidade. Algumas pessoas, seja por patriotismo extremo, seja para obtenção de estatuto e ascendente social (bem como de dinheiro), começaram a promover deliberadamente a narrativa da vitória do Japão no seio da comunidade. As notícias falsas conquistaram um número considerável de fiéis entre os imigrantes. Este sector da imigração (aqueles que acreditavam firmemente na vitória do Japão) e o confronto é inevitável com os imigrantes que conhecem a verdade. À medida que a situação caótica se intensificou, a oposição entre os dois grupos tornou-se gradualmente mais nítida e, finalmente, formaram-se duas facções principais e distintas na comunidade de imigrantes japoneses do pós-guerra. A saber: a "facção vitoriosa" que acreditava firmemente na vitória japonesa e a "facção derrotada" que aceitou a derrota do Japão, o que dividiu amargamente os imigrantes. A seguir discutem-se as razões da formação dos dois partidos ou facções.

Em primeiro lugar, as raízes históricas e sociais da formação da facção vitorista. No que diz respeito aos vitoristas, vários grupos nacionalistas foram criados já durante a guerra, fortemente comprometidos em fornecer apoio à guerra no país de origem. Porém, pelo facto de viverem num país inimigo e sem contacto com o mundo exterior, esse tipo de apoio foi transferido para o interior da comunidade imigrante, manifestando-se na promoção das tradições japonesas, na educação das crianças em japonês e na eliminação das chamadas "indústrias inimigas" do seio das comunidades imigrantes, como a hortelã e o bicho-da-seda. Segundo os rumores, a hortelã (ou a menta) seria indispensável ao sistema de refrigeração de motores de alta velocidade.

Já o bicho-da-seda seria usada para fabricar paraquedas<sup>141</sup>:

#### O uso da menta na guerra

Abaixo o que escreveu um químico alemão sobre a menta em tempo de guerra:

- 1.º) Aumenta o poder explosivo e de descarga de armas de fogo;
  - a) Misturada à nitroglicerina, elimina os defeitos destas, multiplicando ainda por trezentas vezes o seu poder explosivo;
  - b) Misturada à carga de propulsão do canhão, aumenta em várias vezes o alcance das chamas (aumentar alcance das chamas quer dizer tornar mais poderosa a força de propulsão do projétil);
- 2.º) Misturada ao produto gerador de gás tóxico, aumenta a sua capacidade de penetração, tornando inútil a máscara contra gás atualmente usada. Por outro lado, o gás tradicional sendo mais pesado do que o ar tende a estagnar-se nas partes baixas do terreno, de maneira que sem a utilização da força do vento não consegue desenvolver toda a sua eficiência. Mas, uma vez misturado a menta aumenta extraordinariamente a sua força expansiva.
- 3.º) A menta é indispensável no sistema de refrigeração de motores de alta velocidade".

De acordo com os registos de *Quarenta Anos de Imigração*, durante a II Guerra Mundial, o Brasil passou a suprir a procura americana por hortelã e seda e, com os altos preços de mercado das duas mercadorias, muitos fazendeiros japoneses também adoptaram a sua produção. A produção de hortelã de São Paulo representa uma proporção muito alta da produção brasileira. Em 1944 e 1945, 1350 toneladas das 1500 toneladas de hortelã produzidas no Estado de São Paulo foram produzidas por imigrantes japoneses. Para os grupos nacionalistas de carácter imperialista e belicista, plantar hortelã e criar bicho-da-seda não é muito diferente de colaborar com o inimigo e devia ser interrompido e punido imediatamente. Assim, estes grupos empenham-se em dissuadir tais comportamentos. Quando a dissuasão é ineficaz, "equipes de ação especial podem ser formadas no momento certo para eliminar os teimosos e suas indústrias"<sup>142</sup>. Estes argumentos ecoam pela imigração e encontram uma certa base de apoio. Por exemplo, aos olhos de alguns patriotas da época, eles

---

<sup>141</sup> Comissão de Elaboração da História dos 80 Anos da Imigração Japonesa no Brasil. *Uma Epopéia Moderna: 80 Anos da Imigração Japonesa no Brasil*. São Paulo: Hucitec: Sociedade Brasileira de Cultura Japonesa, 1992, pp. 263-264.

<sup>142</sup> Comissão de Elaboração da História dos 80 Anos da Imigração Japonesa no Brasil. *Uma Epopéia Moderna: 80 Anos da Imigração Japonesa no Brasil*. São Paulo: Hucitec: Sociedade Brasileira de Cultura Japonesa, 1992, p. 263.

realmente consideravam os agricultores que cultivavam hortelã e criavam bichos-da-seda como "ladrões nacionais":

“Segundo o senhor Hanói, a área de terra agrícola plantada por imigrantes japoneses tem cerca de 5 mil hectares, e todos eles estão registados no Consulado Americano em São Paulo. Se calculado com base em uma pessoa por cada meio hectare, existem mais de 10.000 ladrões nacionais na nossa comunidade de imigrantes. Embora o cultivo da hortelã possa resultar em diversos privilégios para as autoridades brasileiras, também é uma obrigação imposta ao Brasil pelos americanos. Estou muito zangado com a situação atual. Embora a vida seja difícil durante a guerra, este tipo de comportamento egoísta não é diferente do dos italianos. Não há desculpa para este ato de se tornarem uma máquina de produção de suprimentos militares inimigos para benefício da sua riqueza pessoal.”<sup>143</sup> No caos subsequente às notícias de derrota, estes grupos nacionalistas ganharam muitos apoiantes em vários lugares por conta da disseminação de notícias falsas da "vitória do Japão" e as suas forças se expandiram rapidamente.

Em segundo lugar, a divisão de classes e a formação de duas facções.

A "facção derrotada" era, em grande medida, constituída pelos imigrantes com acesso a fontes de informação fidedignas. Portanto, a maioria deles vive em áreas urbanas, tem recursos financeiros e conexões sociais. Provavelmente, tem um certo domínio de uma língua estrangeira, logo pode ouvir e ler notícias em jornais estrangeiros ou brasileiros. É geralmente descrita como a classe dos proprietários ou dos intelectuais da comunidade imigrante, muitos deles ligados aos "Três Grandes"<sup>144</sup> ou subordinados do consulado antes da guerra ou a pessoas que estavam intimamente ligadas a ele. A lista das pessoas que a "facção vitoriosa" pretendia assassinar envolve muitas elites japonesas no Brasil, estes incluem Suetaka Hayao, responsável pelos assuntos do Japão na embaixada sueca. Chibata Miyakoshi,

---

<sup>143</sup> Comissão de Elaboração da História dos 80 Anos da Imigração Japonesa no Brasil. *Uma Epopéia Moderna: 80 Anos da Imigração Japonesa no Brasil*. São Paulo: Hucitec: Sociedade Brasileira de Cultura Japonesa, 1992, p. 342.

<sup>144</sup> Companhia de Fomento Industrial do Além-Mar, a Cooperativa Brasileira de Colonização e Associação de Promoção da Língua Japonesa de São Paulo.

diretor da filial brasileira da Kaigai Kogyo Kabushiki Kaisha (Companhia de Fomento Industrial do Além-Mar S.A.), conhecida pelo nome abreviado de Kaikô. 3) Antigo ministro japonês na Argentina, Shigetsuna Furuya, etc.<sup>145</sup>

Como elite da comunidade imigrante do período anterior à guerra, esta parcela dos imigrantes constituía um campo coeso. Este grupo tendia a conceber a sua estadia no Brasil como permanente, enquanto a grande maioria dos imigrantes esperava “voltar para casa”. Entre uns e outros, quase não havia conexão.

Portanto, em certa medida, as duas facções são, na verdade, manifestações da oposição de classes dentro da comunidade imigrante japonesa e das tensões entre os seus diferentes estratos. Isto é especialmente evidente na "facção vitoriosa". Para os escalões superiores da "facção vitoriosa", o objetivo é, claramente, preencher o vazio de poder deixado pelo fecho do consulado nipónico durante a guerra. A situação confusa e caótica do momento foi considerada uma oportunidade divina para, sob a bandeira da justiça nacional, arregimentar a dispersa comunidade imigrante sob a sua influência.

Como mencionado anteriormente, este é o caso da *Shindo Renmei*, a maior organização da "facção vitoriosa". A 22 de Julho de 1945, a *Shindo Renmei*, um grupo nacionalista cujos objectivos eram prestar homenagem ao espírito do imperador e promover a cultura espiritual japonesa, foi anunciada. As suas origens remontam à Missão Chicheng e à Sociedade Xingdao, que lutou contra vários elementos "desleais à pátria" durante a guerra. Muitos auto-intitulados patriotas organizaram vários grupos dedicados a persuadir os fazendeiros japoneses que plantavam hortelã e criavam bichos-da-seda a "regressarem como filhos pródigos", mas com pouco sucesso.

Como resultado, vários militantes chefiados por Seiichi Tomari<sup>146</sup>

---

<sup>145</sup> Comissão de Elaboração da História dos 80 Anos da Imigração Japonesa no Brasil. *Uma Epopéia Moderna: 80 Anos da Imigração Japonesa no Brasil*. São Paulo: Hucitec: Sociedade Brasileira de Cultura Japonesa, 1992, p. 346.

<sup>146</sup> Seiichi Tomari (depois um dos mais ativos dirigentes da *Shindo Renmei*), fundador do Sekiseidan, que se incorporou à *Kôdôsha*, era um orientador dos elementos ativistas.

organizaram uma organização chamada "Missão Chicheng" e começaram a destruir e a queimar fazendas de hortelã e cabanas de sericicultura na área. Depois disso, Tomari visitou Shinsaku Wakiyama e Nakasakigawa Junji, ex-militares do exército japonês, que gozavam de grande prestígio na comunidade de imigrantes japoneses, e foi elogiado por ambos. E, com o apoio de Wakiyama Jinsaku, foi criada a sociedade secreta *Kôdôsha*, com o objectivo principal de "praticar o caminho dos ministros e promover o espírito do Japão". Entretanto, Tomari redigiu um documento de orientação intitulado "Experiências de escuteiros do Kôdôsha", advertindo os membros a "ver a oportunidade de formar uma equipe de ação especial para eliminar os teimosos e suas indústrias"<sup>147</sup>. Este grupo especial é baseado no Espírito do Caminho Imperial e deve ser executado até a última pessoa alvo, Quando novos membros se juntam, eles devem ser aprovados pela maioria dos membros do grupo, deve cumprir estritamente as ordens superiores, etc.<sup>148</sup> Não é difícil ver que as ações desse grupo especial são ocultas e organizadas, e pessoas de fora não podem entrar facilmente. Então as pessoas acreditarão especialmente no que seus superiores querem que acreditem, e os internos serão mais fáceis de gerenciar.

Não obstante a mudança de nome (a Sociedade Xingdao foi rebaptizada da *Shindo Renmei*), este documento de orientação foi mantido por Du Zhenli Chengyi e tornou-se um contrato com os seus subordinados das "forças especiais", "esquadrões da morte" e outras organizações terroristas. A única mudança que se fez foi alterar "indústrias hostis" para "derrotistas".

Desde então, a *Kôdôsha*, que passou a chamar-se *Shindo Renmei*, espalhou muitas notícias sobre a "vitória do Japão" após o fim da guerra. A *Shindo Renmei* conquistou muitos apoiantes em todos os lugares e o seu poder expandiu-se rapidamente. Muitas organizações não governamentais patrióticas uniram-se, uma

---

<sup>147</sup> Comissão de Elaboração da História dos 80 Anos da Imigração Japonesa no Brasil. *Uma Epopéia Moderna: 80 Anos da Imigração Japonesa no Brasil*. São Paulo: Hucitec: Sociedade Brasileira de Cultura Japonesa, 1992, p. 342.

<sup>148</sup> Comissão de Elaboração da História dos 80 Anos da Imigração Japonesa no Brasil. *Uma Epopéia Moderna: 80 Anos da Imigração Japonesa no Brasil*. São Paulo: Hucitec: Sociedade Brasileira de Cultura Japonesa, 1992, p. 334.

após a outra. Em poucos meses, elas tornaram-se uma grande organização com mais de 60 filiais e um total de cerca de 120.000 membros. Este número é quase a metade do número total de imigrantes em toda a comunidade de imigrantes japoneses. No entanto, este universo é apenas um grupo de pessoas com ideias semelhantes, e é difícil manter a operação normal de uma grande organização como a *Shindo Renmei* com muitos ramos e membros. Assim, eles precisavam de um objectivo definido para unificar os seus membros. A existência da "facção derrotada" oferece, sem dúvida, uma excelente oportunidade para a Aliança, que passa a retratar a "facção derrotada" como um "ladrão nacional", que blasfema o imperador e a nação. Ao convocar os seus membros para a luta, a Aliança encontra legitimidade e razão para a sua própria existência.

Quanto aos membros de base da “facção vitoriosa”, eles deviam a sua visão do mundo à educação imperial (e imperialista) que vinham recebendo, o que dificultava a aceitação da derrota do Japão, aproximando-se assim da “facção vitoriosa”. Desgostosos com a “facção derrotada” que, segundo eles, se dedicou a propagar a derrota da pátria, eles escolheram a concorrente “facção vitoriosa”. Por exemplo, numa reportagem sobre a situação do país no *Burajiru Jihō* de 20 de Julho de 1951, um membro da "facção vitoriosa" descreve a sua posição da seguinte maneira:

"[...] O antagonismo entre a comunidade de imigrantes japoneses não foi causado pelo simples motivo do 'Japão derrotado ou vitorioso!'. Hoje, apenas algumas pessoas ainda estão obcecadas com a vitória ou a derrota, alguns simples aldeões que foram enganados pela fraude e por criminosos. A razão pela qual a maioria das pessoas se opõe à 'facção derrotada' é por causa de sua psicologia rebelde estimulada por sua propaganda de derrota extrema."

Por outro lado, a "facção derrotada" mostrou uma atitude passiva do início ao fim, evitando um contra-ataque à "facção vitoriosa", pois a "facção vitoriosa" já havia alcançado um certo grau de influência na vida dos seus concidadãos. Como

mencionado acima, o grupo das "facções derrotadas" é constituído, principalmente, pela classe proprietária e pela classe intelectual da sociedade imigrante. São de alta alfabetização e têm a capacidade de entender correctamente a situação contemporânea. Portanto, para este grupo, o fracasso da Guerra da Pátria certamente lhes causou dor e pesar, mas não teve um impacto nas suas vidas reais. Eles acreditaram, à medida que o Japão entra na guerra, que é inevitável construir um novo tipo de relação entre a metrópole e o mundo, e isso só tornará as suas vidas melhores. Eles ignoram o caos reinante entre os imigrantes japoneses na base da sociedade.

Com a escalada da situação, e alvo de rumores e de actividades delinquentes, mais e mais pessoas acreditam que o Japão ganhou a II Guerra Mundial. A sociedade brasileira também levantou preocupações com os imigrantes japoneses por causa dos vários distúrbios e turbulências causados pela "facção vitoriosa". A comunidade imigrante, como um todo, ficou mal afamada, o que afectou directamente as condições de sobrevivência das "facções derrotadas". Estas procuraram reagir e fazer propaganda sobre a "derrota do Japão", exortando os seus compatriotas a reconhecer a situação actual. No entanto, os números das "facções derrotadas" são pequenos. Embora não haja estatísticas exactas sobre o número de pessoas, "em termos de percepção real, os primeiros 'grupos derrotados' eram uma minoria, e não melhorou muito até o meio do período". Na maioria dos trabalhos relacionados com o tema, a proporção do número de membros da "facção derrotada" para a "facção vitoriosa" é de 1 para 9.

Além disso, o congelamento de fundos pelas autoridades brasileiras durante a guerra, fez com que à "facção derrotada" faltasse fundos suficientes para as suas actividades, o que contrastou fortemente com a "facção vitoriosa". O repórter paulista Masuda acredita que "desde o início, a *Shindo Renmei* e a facção da vitória se enredaram no crime." A razão para dizer isto é que a existência de tais organizações se baseia na "vitória do Japão", logo, notícias falsas são essenciais para elas. Como resultado, aqueles que deliberadamente fizeram fotos e filmes falsos e

tentaram obter ganhos ilícitos tornaram-se seus aliados naturais. A "facção vitoriosa" obteve uma grande quantidade de recursos para actividades por meio de várias fraudes e venda de notícias e imagens falsas, o que tornou difícil e desvantajoso para as "facções derrotadas" enfrentá-la.

Em suma, a formação da "facção vitoriosa" e da "facção derrotada" tem raízes históricas próprias, e cada uma fortaleceu as suas posições pela simples existência do outro lado, com a primeira a tomar a iniciativa, enquanto a segunda adopta uma posição passiva. No entanto, a contradição fundamental entre as posições dos dois lados fez com que o próprio surgimento das duas facções exemplificasse a divisão da comunidade de imigrantes japoneses nesse período.

## **4. Conflituosidade e a reconstrução da comunidade de imigrantes japoneses no Brasil**

### **4.1. Falta de responsabilidade do governo japonês e a tensão interna da colônia japonesa**

A derrota do Japão teve efeitos devastadores na comunidade japonesa que duraram muito tempo. Estes efeitos também levaram a várias divisões no seu seio. Os vários golpes do rescaldo da guerra duraram quase desde meados da década de 1940 até meados da década de 1950. Ainda na década de 1970, existia um pequeno número mais nacionalista e fechado ao exterior que acreditavam que o Japão havia vencido a II Guerra Mundial. O facto de a ideia de "vitória do Japão" persistir por tanto tempo na comunidade imigrante está diretamente relacionado com a falta de responsabilidade do governo japonês e com a distorção das evidências da derrota.

#### **4.1.1. A inação do governo japonês durante os conflitos**

Objetivamente, é difícil para o governo japonês gerenciar diretamente os seus emigrantes. A única maneira de fazer a mediação entre os emigrantes e o governo é por meio de várias agências estatais. No entanto, após a derrota do Japão na II Guerra Mundial e sua rendição incondicional em 15 de agosto de 1945, os Aliados liderados pelos Estados Unidos impuseram uma ocupação militar do país.<sup>149</sup> A ocupação iniciou-se a partir do momento em que o Japão anunciou sua rendição e durou até 28 de abril de 1952. Nominalmente, a ocupação militar aliada foi também co-responsável pelos países relacionados e dependentes do Japão durante a guerra. Na verdade, todos eles seriam administrados pelos Estados Unidos. Durante este período, o governo japonês funcionava normalmente, mas sob o controle do Comandante Supremo das Forças Aliadas (*Supreme Commander for the Allied Powers* ou SCAP). Esta posição

---

<sup>149</sup> WATANABE, Paulo Daniel, "A reinserção internacional do Japão no pós-II Guerra Mundial", Encontro Nacional ABRI, n.º 3, 2011: p. 1.

foi ocupada por Douglas MacArthur.

Durante a ocupação militar das Potências Aliadas, o SCAP exerceu o chamado “governo indireto” através do governo japonês, estando o poder principal nas suas mãos.<sup>150</sup> Quando MacArthur chegou ao Japão como Comandante Supremo das Forças Aliadas, estava destinado que no futuro o país seria indiretamente governado por uma série de tratados. MacArthur supervisionou pessoalmente a reconstrução e a democratização do Japão durante este período. MacArthur desaconselhou a remoção do imperador Hirohito do trono e foi fundamental na elaboração de uma nova Constituição que proibia a guerra e dava às mulheres japonesas o direito de votar. Além disso, no primeiro ano da ocupação militar aliada, o Japão enfrentou uma escassez de alimentos e MacArthur ordenou que mantimentos fossem distribuídos pela população. É pelos seus esforços que MacArthur é profundamente considerado pelos japoneses.<sup>151</sup>

MacArthur tornou-se líder e começou a implementar uma série de políticas de democratização. Como resultado, a demissão de cargos públicos, a retomada dos partidos políticos após a guerra, as primeiras eleições gerais e a formulação de uma nova Constituição deixaram os círculos políticos japoneses muito sobrecarregados. Naquele momento, as condições de vida econômica e social internas não eram otimistas. A maneira mais rápida de controlar o país era intervir na sua economia.<sup>152</sup>

Sendo assim, no final da década de 1940, os Estados Unidos criaram políticas econômicas baseadas em nove pontos (*Nine-Point Program*): 1) equilíbrio orçamental; 2) aumento da eficiência dos impostos coletados; 3) limite ao crédito; 4) controlo salarial; 5) controlo de preços; 6) controlo sobre o comércio exterior; 7) aumento das exportações; 8) aumento da produção industrial; 9) aumento da eficiência do programa de coleta de alimentos.<sup>153</sup>

---

<sup>150</sup> WATANABE, Paulo Daniel, “A reinserção internacional do Japão no pós-II Guerra Mundial”, Encontro Nacional ABRI, n.º 3, 2011: p. 5.

<sup>151</sup> The MacArthur Memorial, “General Douglas MacArthur”, Virginia, The MacArthur Memorial, 2016, p. 9. <https://www.macarthurmemorial.org/>

<sup>152</sup> WATANABE, Paulo Daniel, “A reinserção internacional do Japão no pós-II Guerra Mundial”, Encontro Nacional ABRI, n.º 3, 2011: p. 6.

<sup>153</sup> WATANABE, Paulo Daniel, “A reinserção internacional do Japão no pós-II Guerra Mundial”, Encontro Nacional ABRI, n.º 3, 2011: pp. 6-7.

O fracasso na guerra destruiu a economia japonesa, seguindo-se os efeitos da chegada dos Estados Unidos e do controle do Japão. A baixa produtividade e a hiperinflação provocadas pelo declínio da indústria, junto com o grande número de desempregados, causaram um grande caos no país. Os Estados Unidos começaram também a controlar os *media* e a cultura japonesa para reforçar as novas ideias. Através de filmes e literatura ocidentais enfatizou o sucesso alcançado por meio de esforços pessoais, pelo individualismo, o amor romântico em contraposição à estrutura tradicional das famílias e outros valores ocidentais.<sup>154</sup> Filmes e livros com foco no "Japão tradicional" eram censurados e proibidos. Os Estados Unidos interferiram também na educação japonesa, formulando novas políticas educacionais, atualizando os materiais didáticos dos alunos e construindo, pelo menos, uma escola em cada província. O principal objetivo destas iniciativas era criar uma educação de elite e destacar os indivíduos mais competentes. Deste modo se desmantelaria a estrutura tradicional de organização do Japão: o grupo.

Em 1951, os Estados Unidos e o Japão assinaram o Tratado de Cooperação Mútua e Segurança entre os Estados Unidos e o Japão, com o objetivo de ajudar o país a recuperar rapidamente sua economia, eliminando a possível influência da União Soviética na região. Reduzia-se assim a ameaça soviética e do comunismo internacional. Deste então, o Japão foi fundamentalmente transformado e gradualmente se tornou num parceiro estratégico dos Estados Unidos. No entanto, os Estados Unidos mantiveram sempre formas de controle do Japão para evitar a influência do regime soviético.<sup>155</sup>

O problema mais sério a enfrentar era o problema alimentar. Com a derrota, um grande número de veteranos e emigrantes na Manchúria regressou, resultando em uma grave escassez de terras aráveis. O Japão perdera a sua fonte de importação de alimentos. A má colheita agrícola de 1943 e o aumento da população de repatriados causaram uma grave escassez de arroz. Em 1945, a fraca produção de arroz, que caiu

---

<sup>154</sup> FRUS, 1952-1954, Vol. XIV: *China and Japan*, Washington D C, Government Printing Office, 1985, pp. 1160-1163, 1360, 1450.

<sup>155</sup> WATANABE, Paulo Daniel, "A reinserção internacional do Japão no pós-II Guerra Mundial", Encontro Nacional ABRI, n.º 3, 2011: pp. 6-7.

65% em nesse ano e outras más colheitas, provocaram a escassez de produtos básicos como arroz, leite, carne, etc.<sup>156</sup>

Em 1946, o país era ainda mais difícil de sustentar. Nesta situação difícil, os proprietários aumentaram as rendas para recuperar os terrenos e as perdas tidas durante a guerra. Após notícias de reforma agrária, o movimento de retoma pelos proprietários de terras arrendadas a fazendeiros tornou-se mais violento. O movimento democrático rural e a contestação floresceram. Por um tempo, houve uma tendência geral para trabalhadores e camponeses formarem alianças para reivindicar reformas agrárias.<sup>157</sup> O assunto se tornou uma necessidade urgente tanto para o governo japonês quanto para MacArthur. Nessa época, o governo japonês, que havia perdido seu poder diplomático independente, não tinha capacidade nem energia para gerir uma comunidade de imigrantes do outro lado do globo.

Mas isso não pode ser motivo para as autoridades se esquivarem em assumir a responsabilidade pelos seus emigrantes no exterior. O governo japonês, como formulador de políticas e auxiliador da emigração para o Brasil, manifestava uma falta de responsabilidade e negligência para com a sua emigração em todas as suas atividades.

Neste período do pós-guerra, os dois problemas mais prementes que o novo governo japonês enfrentava eram a falta de capital e a superpopulação. A emigração para o exterior era apenas “um bom remédio” possível para resolver essas “doenças sociais”. Transferir essas pessoas excedentárias para o exterior não apenas aliviaria a pressão da população doméstica do Japão e a pressão sobre o fornecimento de alimentos, mas o fluxo constante de remessas desses imigrantes também ajudaria a resolver a pressão econômica do Japão. Esse tipo de pensamento também foi comumente visto nas observações de muitos comentadores perspicazes que defendiam fortemente a emigração naquela época. Para aliviar a pressão causada pela

---

<sup>156</sup> PAULA, Rafaela Santos de, “Desenvolvimento, estado e geopolítica: estudo das trajetórias do Japão e da Coreia do Sul”, Tese de Mestrado da Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2016, p. 50.

<sup>157</sup> PAULA, Rafaela Santos de, *Op. Cit.*, p. 54.

'superpopulação', o Japão deveria buscar recursos no exterior, promover a produção nacional e aumentar as suas exportações. Mesmo que só mais um emigrante fosse enviado para que pudesse ganhar dinheiro noutra país e consumir recursos noutra local; mesmo que só mais uma pessoa pudesse ocupar um alqueire de terra noutra país, estaria sempre a ajudar a resolver a difícil situação do Japão. Sob a orientação deste tipo de pensamento, as atividades de emigração do Japão puderam ser realizadas e tornar-se parte da política nacional.

Naquela época, já se havia passado menos de cem anos desde o início da modernização do Japão e havia muitas dificuldades no país. Todos os tipos de indústrias estavam esperando para serem desenvolvidos. A emigração fora uma coisa nova que apenas se iniciou nos dez anos a seguir à abertura do país. Portanto, pode dizer-se que o novo governo japonês, como promotor, não tinha experiência, tempo ou capacidade para conduzir investigações e avaliações detalhadas de emigrantes como fez nas atividades de emigração da Manchúria. Antes de iniciar oficialmente a emigração para o Brasil, o governo enviou apenas alguns funcionários e pessoas entusiasmadas com este destino para "inspecioná-lo". Em seu relatório de regresso, eles não apresentaram dados detalhados e científicos. A maioria da propaganda estava cheia de entusiasmo dado o interesse das autoridades estaduais brasileiras nas atividades de imigração.

Olhando para a história da emigração do Japão nos tempos modernos, podemos descobrir que tem duas formas básicas:

- a. emigrantes de curto prazo, mais precisamente "trabalhadores imigrantes";
- b. emigrantes de longo prazo.

Os representantes típicos de cada um são os emigrantes havaianos na década de 1880 e os emigrantes da Manchúria na década de 1930. As atividades da emigração brasileira encontram-se em um período de transição entre as duas, o que também é uma manifestação da transição do capitalismo japonês para o imperialismo, pois o primeiro é apenas para obtenção de capital, enquanto o segundo é acompanhado por uma evidente intenção de expansão territorial. Portanto, nas atividades de emigração brasileira dos japoneses, ganhar dinheiro e voltar para o país não eram incompatíveis

com a construção de áreas de emigração. Esta campanha era só um teste. No caso da Manchúria, antes de enviar emigrantes, o governo japonês realizou análises detalhadas e relatórios sobre as áreas locais, incluindo política, economia, humanidades e natureza. Comparada com as atividades e os estudos sobre a emigração para o Brasil, esta última não parece uma decisão muito sustentada.

Para o governo japonês neste período, a imigração para o Brasil não era mais do que um meio de aliviar a pressão sobre a economia e a população doméstica. A emigração era apenas um instrumento para alcançar esses objetivos.

Em segundo lugar, tanto antes como depois da guerra, o governo japonês não deu importância aos emigrantes no Brasil. Em todas as atividades, o que o governo japonês fez foi levantar uma tarifa de embarque e esperar que os eventuais problemas a serem resolvidos passassem para a esfera da doméstica de outros países. Eles não realizaram uma inspeção detalhada do Brasil nem forneceram o treinamento necessário aos emigrantes – o que também causou um grande fluxo de vítimas na construção inicial das áreas de ocupação dos emigrantes. Em 1915, os japoneses construíram a primeira área de imigração japonesa com o apoio do cônsul Matsumura. Mas estabelecer um território em uma terra desconhecida não era fácil. O ambiente desconhecido e a falta de conhecimento fizeram com que a malária surgisse logo após o estabelecimento da colônia. Em janeiro de 1916, as vítimas apareceram uma após a outra:

A esposa perdeu o marido, o marido perdeu a esposa, a família perdeu os filhos e os órfãos infectados com malária foram ao cemitério para encontrar seus pais. Na aldeia da família Yoshitake, o marido e a mulher morreram, ficando apenas a avó e o neto. Poucos dias depois, as pessoas foram visitar e viram que a avó havia falecido há muito tempo e seu corpo estava cheio de vermes, mas o neto, que estava inconsciente, não sabia que sua avó tinha partido.<sup>158</sup>

Além disso, o governo japonês sempre alertou os emigrantes no Brasil para

---

<sup>158</sup> TAKAHASHI, Yukiharu, *História dos imigrantes nipo-brasileiros*, em japonês: 日系ブラジル移民史, Tóquio, Editora de Sanichi Shobo, 1993, pp. 88-89.

que não perdessem o seu comportamento de naturais de uma grande nação, ou seja, para não causarem problemas ao país de origem. Embora o consulado gerisse e controlasse os emigrantes através de várias organizações e instituições autónomas da comunidade, isso não se destinava a promover a vida dos emigrantes, mas antes a garantir a sua lealdade e dependência face à pátria, fazendo com que os emigrantes enviassem dinheiro para o Japão continuamente. O governo japonês também controlava os emigrantes a um nível cultural, fazendo-os confiar em sua terra natal e tradições. Constantemente era-lhes apresentado que o Brasil era apenas um lugar de trabalho temporário. Assim, mesmo depois de muito tempo morando no Brasil, o coração dos imigrantes japoneses sempre ansiava por retornar à sua terra natal. Dessa forma, o governo japonês controlava mais facilmente seus nacionais e também os preparava para o cenário dos conflitos subsequentes.

Mesmo depois da guerra, o Japão não considerava a emigração japonesa para o Brasil como uma sua responsabilidade. Durante o período em que a comunidade japonesa lutava entre si e houve derramamento de sangue, no Japão, só ficaram sabendo que a facção vitoriosa existia. Quanto aos assassinatos, os jornais nada noticiaram. Percebe-se que do início ao fim, o governo japonês demonstrou falta de responsabilidade e desprezo pelos emigrantes, tornando caótica a situação da comunidade no Brasil por muito tempo, carente de uma correta orientação e restrições. O governo japonês deveria ter assumido uma maior responsabilidade. O facto de o não ter feito levou à situação de instabilidade e ao conflito. Se o governo intercedesse, o conflito não ocorreria e as disputas entre os emigrantes desapareceriam passo a passo.

#### **4.1.2. Visão do governo japonês sobre a guerra e a continuação dos tumultos após a Guerra**

Além de nada fazer durante os conflitos, o distanciamento do governo japonês no pós-guerra em relação à derrota e à distorção da natureza da guerra também afetou a compreensão da comunidade de imigrantes sobre a situação. A turbulência causada

pela vitória ou derrota do Japão estendeu-se por vários anos.

Em primeiro lugar, o governo japonês não mencionou explicitamente o facto de que o Japão fora derrotado, o que causou confusão entre os japoneses do Brasil. Ao contrário da Alemanha e da Itália, e embora o Japão também tenha caminhado para a democratização, as suas responsabilidades de guerra não foram totalmente liquidadas. Mesmo no "Gyokuon-hōsō" que anunciou a derrota e o fim da guerra, do início ao fim, o imperador japonês nunca mencionou a palavra derrota uma única vez e certamente nunca usou a palavra rendição. Depois da guerra, as forças de direita, bem como políticos e grupos da sociedade, com o objetivo de buscar financiamentos eleitorais ou tratamento favorável, propagaram abertamente a "teoria da vitória japonesa" entre a comunidade de imigrantes, tudo contribuindo para o acentuar dos conflitos.

Embora os assassinatos e as turbulências causados pela derrota do Japão tenham sido controlados em 1947, isso não significa que o problema da divisão entre a comunidade japonesa tenha desaparecido. A atitude do governo japonês fez com que, mesmo em 1948, três anos após o fim da guerra, ainda existissem divisões sobre o assunto dentro da comunidade. É o que se pode verificar nas "Declarações" das associações locais publicadas no *Brazilian Times* da época. Nessas "Declarações", expressava-se a firme crença na vitória da pátria, e prometia-se traçar uma linha clara com a "facção derrotada":

#### Declaração

Anteriormente, no dia 19 de junho, o *Jornal Paulista*<sup>159</sup> publicou uma matéria intitulada "Retorno racional", alegando que mais de 500 famílias okinawenses no Brasil, após entenderem corretamente a derrota da pátria, participaram ativamente da arrecadação de fundos do pós-guerra. Mas isso não passa de uma ficção. Para evitar que a mentira se espalhe pelo mundo e cause mal-entendidos públicos, estávamos aqui para formar a "Associação Okinawa do Brasil" e emitir a seguinte declaração:

#### Nossa atitude

a. Embora estejamos em tempos difíceis, devemos fortalecer nossa fé na pátria e continuar melhorando.

---

<sup>159</sup> *Jornal Paulista*, também chamado “パウリスタ新聞”, publicação que representa o discurso da "facção derrotada" na comunidade japonesa no Brasil.

- b. Respeite o espírito do Japão e transmita-o às gerações posteriores.
- c. Traçar uma linha clara entre as pessoas que abandonam o espírito japonês e propagam maliciosamente a ideia de subjugação do país.
- d. Antes que o Japão e o Brasil retomem suas relações diplomáticas e nosso embaixador venha ao Brasil, não participaremos de atividades como doações à pátria.
- e. Comprometidos com o verdadeiro despertar de todos os okinawenses.

Associação Okinawa<sup>160</sup>

### Declaração

Membros de nossa liga juvenil leais a Sua Majestade o Imperador sob o espírito do Japão delinearemos fronteiras com todas as gerações, deliberadas e imprevisíveis, que propagam maliciosamente a situação atual. Sigamos as virtudes tradicionais da nação Yamato<sup>161</sup>, compreendamos ativamente o grande significado da guerra santa de nosso país. Estamos comprometidos com a boa vontade entre o Japão e o Brasil sob o ideal de “Hakkō ichiu”<sup>162</sup>, e participar ativamente na construção das colônias de imigração.

Aqui, mais uma vez declaramos que estamos determinados a romper com os traidores que propagaram a derrota da pátria e difamaram o exército imperial.

15 de agosto, Showa 23.º ano

Liga Juvenil Central<sup>163</sup>

Isto demonstra que as vagas observações do governo japonês no pós-guerra sobre ter sido derrotado na guerra tiveram um impacto profundo no correto entendimento da situação a milhares de quilômetros de distância. Como o imperador nunca admitiu ter sido "derrotado" e o imperador continuou a existir após a guerra, mesmo que esses factos não provem a vitória do Japão, pelo menos provam que o Japão não foi derrotado. Mesmo em 1973, quando 14 imigrantes japoneses idosos pisaram novamente em território japonês e visitaram o palácio imperial, o Yasukuni Jinja<sup>164</sup> e passearam pelas prósperas ruas da pátria no período de ascensão económica, eles ainda disseram aos repórteres: “ Com certeza nosso país venceu. O palácio

---

<sup>160</sup> Associação Okinawa, "Declaração", *Burajiru Jihō (Notícia Brasileira)*, n.º 2, 7 de julho de 1948.

<sup>161</sup> Nação Yamato é o principal grupo étnico entre os japoneses. Tem o japonês como língua materna e está distribuído por todo o arquipélago. A palavra "Yamato" também se tornou sinónimo de japonês.

<sup>162</sup> Hakkō ichiu é o lema nacional do Império do Japão durante a II Guerra Mundial. A interpretação do departamento de propaganda do governo japonês aponta para "o mundo é uma família e o mundo é unificado".

<sup>163</sup> Liga Juvenil Central, "Declaração", *Burajiru Jihō (Notícia Brasileira)*, n.º 3, 27 de agosto de 1948.

<sup>164</sup> Yasukuni Jinja é um santuário consagrado aos soldados e militares que morreram pelo Japão desde a Restauração Meiji. Na sua maioria, soldados japoneses que morreram na Guerra do Pacífico.

imperial e o Yasukuni Jinja não são bons?"<sup>165</sup>

Em segundo lugar, a distorção do governo japonês causou um outro desvio no entendimento da derrota na guerra. Fosse a "Gyokuon-hōsō" na época da rendição do imperador ou várias medidas de acompanhamento, o governo japonês estava fazendo o possível para minimizar suas responsabilidades e distorcer e embelezar a natureza da guerra. Em "Gyokuon-hōsō", o imperador Hirohito em vez de usar palavras como "derrotado" e "rendido", enfatizou a justiça da guerra lançada pelo Japão. Explicando a guerra, afirmou que esta fora uma necessidade para a "autodefesa" e "paz no Leste Asiático". Ainda se colocaria na posição de "libertador do Extremo Oriente" e lamentaria não ter podido alcançar este grande ideal. O Japão não refletiu profundamente sobre a guerra que lançou, situação que também levou diretamente a um desvio no entendimento da "derrota" pelos imigrantes japoneses no Brasil. Mesmo a "facção derrotada" da comunidade admitiu o facto de que o Japão foi derrotado, mas não negou os grandes ideais nacionalistas e xenófobos do "Espírito do Imperador" e do "Hakkō ichiu". A derrota seria atribuída a erros estratégicos. A guerra de agressão japonesa não produziu novas reflexões.

Este alheamento e distorção da natureza da guerra fez com que os imigrantes japoneses brasileiros adotassem uma forma dialética de entender a derrota militar. Para eles, embora o Japão tenha fracassado em um curto período de tempo, após a guerra os países asiáticos conquistaram sucessivamente a independência do domínio colonial das potências ocidentais, sendo esta a intenção original e a realização ideal da guerra desencadeada. Esta é, sem dúvida, uma grande vitória para o espírito japonês no mundo! Assim como a Índia declarou a fundação da República da Índia em 26 de janeiro de 1950. O *Brazilian Times* comentaria: "O país nominalmente vitorioso [referindo-se à Grã-Bretanha] nesta guerra mundial sofreu perdas ainda maiores do que o país derrotado. Pode-se ver que o verdadeiro significado de 'vitória' e 'derrota' é mais do que o literal."<sup>166</sup> Como resultado, eles confundiam a "derrota formal" com

---

<sup>165</sup> FUJISAKI, Yasuo, *Sua Majestade estava viva! Recorde de vencedores brasileiros*, em japonês: 陛下は生きておられた! ブラジル勝ち組の記録, Tóquio, Editora Nova Pessoa, 1974, p. 4.

<sup>166</sup> Han, ke, "A derrota do Japão e da sociedade imigrante japonesa no Brasil", Tese da Universidade de Ciência e Tecnologia de Suzhou, Suzhou, 2015, p.60.

"a vitória do espírito japonês. Por trás deste mal-entendido, está e é inseparável a evasão e distorção do próprio governo japonês sobre a natureza da guerra.

## **4.2. A reconstrução da Comunidade de Imigrantes Japoneses no Brasil**

Os distúrbios representaram uma enorme ameaça à segurança pessoal dos imigrantes japoneses. Além disso, o descontentamento do povo brasileiro e a vigilância apertada da polícia também afetaram seriamente sua vida e trabalho normais. A estabilidade e a unidade social tornaram-se as principais demandas da maioria dos imigrantes durante este período do pós-guerra. Era manifesto o desejo de regressar à normalidade.

### **4.2.1. O acalmar da situação**

Após a guerra, a comunidade imigrante japonesa no Brasil foi capaz de passar dos conflitos à estabilidade. Por um lado, o processo foi devido ao esforço conjunto de imigrantes perspicazes e dos governos do Japão e do Brasil e, por outro, foi o resultado inevitável do evoluir da situação.

#### **1. O declínio da "facção vitoriosa"**

Com o encerramento dos jornais de língua japonesa, em julho de 1941, esta imprensa desapareceu completamente, criando um verdadeiro vácuo de comunicação e informação nas colônias. Antes dessa época, poucos imigrantes japoneses podiam ler e entender jornais em língua portuguesa. A comunidade imigrante não podia obter notícias da derrota do Japão de fontes tidas por corretas e precisas. Isso teve um impacto decisivo na agitação da comunidade imediatamente após a guerra. As pessoas acreditavam mais no boca a boca porque essa era a sua principal fonte de informação. As notícias que os jornais brasileiros transmitiam eram consideradas rumores sem crédito.<sup>167</sup>

---

<sup>167</sup> Comissão de elaboração da história dos 80 anos da imigração japonesa no Brasil, *Uma Epopéia Moderna: 80 Anos da Imigração Japonesa no Brasil*, São Paulo, Editora Hucitec, Sociedade Brasileira de Cultura Japonesa, 1992, pp. 255-226.

A 26 de julho de 1945, os termos da Declaração de Potsdam foram escutados até no Brasil, mas os japoneses que ouviram a notícia da derrota simplesmente "ouviram" com espanto, pois não sabiam o que fazer. Como a comunidade japonesa estava proibida de divulgar informações nos jornais, os imigrantes também não acreditaram no que os *media* brasileiros divulgavam. A notícia da vitória do Japão continuou a se espalhar na comunidade. Foi difícil para algumas pessoas aceitar a realidade da iminente derrota. Algumas pessoas acreditaram na derrota do Japão, mas a maioria eram líderes sociais que podiam coletar informações reais e estavam mais integrados na sociedade brasileira. Aqueles que viviam em áreas mais remotas com pouca informação, continuaram a acreditar na vitória. No entanto, esse fenômeno não foi exclusivo dos imigrantes japoneses no Brasil. O mesmo sucedeu com os japoneses residentes no Peru ou Haváí, com os soldados japoneses capturados em outros países, com aqueles que não puderam ver com os seus próprios olhos a destruição do país após os ataques aéreos. Alguns deles acreditavam que o Japão era um país vitorioso e excepcional.

A situação avançou inevitavelmente. Em janeiro de 1947, o conflito na sociedade imigrante brasileira-japonesa diminuiu gradualmente. Em fevereiro de 1947, quase todas as organizações da "facção vitoriosa" formadas em nome do "patriotismo" foram dissolvidas uma após a outra. Entre elas, naturalmente, também estava incluída a organização mais representativa do lado da "facção vitoriosa" - a Shindo Renmei. No auge da sua actividade, possuía filiais e afiliados em quase todas as áreas de imigração japonesa, alcançando cerca de 120.000 membros.

De 1946 a 1947, os radicais da Shindo Renmei formaram grupos de assassinato, como a "Aliança de Sangue" e a "Equipe de Ataque Especial", e planejaram uma série de ataques terroristas contra a "facção derrotada". Por um tempo, tanto na comunidade imigrante quanto na sociedade brasileira, a "Shindo Renmei" quase se tornou sinônimo de "facção vitoriosa". Diversos ataques foram efectivamente levados a cabo contra a "facção derrotada" e outros líderes da comunidade japonesa, com os extremistas a denominarem-se "tokkōtai" (esquadrão de ações especiais).

No dia 7 de março de 1946, Ikuta Mizobe, diretor executivo da Cooperativa Agrícola de Bastos, foi assassinado em sua casa, tornando-se a primeira vítima deste ciclo de violência sectária.<sup>168</sup> Dois meses após o incidente, em 10 de maio, 18 pessoas da comunidade japonesa chefiada por Furuya Shigetsuna<sup>169</sup> enviaram uma petição ao presidente brasileiro, esperando impor sanções aos responsáveis pelo assassinato.

Em 4 de agosto, devido à escalada contínua de incidentes terroristas, a comunidade japonesa e alguns civis da sociedade brasileira formaram a “Comissão Tranquilizadora da Colônia Japonesa<sup>170</sup>, dedicada às atividades de consciencialização da situação. Contudo, as pessoas da "facção derrotada" sentiam-se inquietas e envergonhadas com estes desenvolvimentos. Consideram uma grande vergonha, como antigos "cidadãos de primeira classe" do mundo, não serem capazes de reconhecer a situação e aceitar a nova realidade. Segundo eles, após a guerra ainda havia um grande número de compatriotas que não tinham uma compreensão correta da nova situação política e das suas implicações. Tornou-se uma prioridade educar e orientar a comunidade japonesa para a fazer entender adequadamente a situação. Para amenizar os conflitos internos, o governador de São Paulo reuniu cerca de 600 representantes da "facção vitoriosa" de todo o país e tentou convencê-los. Mas a "facção vitoriosa" não aceitou a persuasão.

De 30 de julho a 2 de agosto, na cidade de Oswaldo Cruz (cortada pelo caminho de ferro paulista), houve um grande tumulto, e vários assassinatos, entre cidadãos japoneses e brasileiros. O governo brasileiro prendeu não apenas os autores dos atos terroristas, mas também aqueles que, não estando diretamente relacionados com o incidente, eram membros do grupo vitorioso "Shindo Renmei", alguns dos quais detidos no Estado de São Paulo.<sup>171</sup> Para os brasileiros ouvir falar de um "grupo

---

<sup>168</sup> MITA, Chiyoko, *BASTOS: uma comunidade étnica japonesa no Brasil*, São Paulo, Humanitas Publicações, 1999, p. 167.

<sup>169</sup> Um diplomata nos períodos Taisho e início de Showa.

<sup>170</sup> Comissão de elaboração da história dos 80 anos da imigração japonesa no Brasil, *Uma Epopéia Moderna: 80 Anos da Imigração Japonesa no Brasil*, São Paulo, Editora Hucitec, Sociedade Brasileira de Cultura Japonesa, 1992, p. 361.

<sup>171</sup> Comissão de elaboração da história dos 80 anos da imigração japonesa no Brasil, *Uma Epopéia Moderna: 80 Anos da Imigração Japonesa no Brasil*, São Paulo, Editora Hucitec, Sociedade Brasileira

terrorista" japonês em território nacional deteriorou as percepções que tinham da comunidade japonesa, tendo havido ampla cobertura em jornais locais de língua portuguesa. Nesse ambiente, os membros mais extremistas da "facção vitoriosa" foram presos. Uma parte dos prisioneiros foi enviada para a ilha Anchieta, no litoral do Estado.

A promulgação da nova Constituição do Brasil em setembro de 1946, permitiu a publicação de jornais de língua estrangeira que haviam sido proibidos por cinco anos. De dezembro de 1946 a janeiro do ano seguinte, os títulos *São Paulo Shinbun* (*Jornal São Paulo*), *Nanbeijiji* (*Atualidades Sul-americanas*), *Brasil Jihô* (*Notícias do Brasil*) e *Paulista Shinbun* (*Jornal Paulista*) foram sendo sucessivamente publicados.<sup>172</sup> A "facção vitoriosa" também se dividiu devido ao influxo de um grande número de notícias corretas e verdadeiras. Muitos membros começaram a se mover gradualmente para o lado da "facção derrotada". Além disso, durante esse período, a organização da "facção vitoriosa" carecia de força de alto nível e a dissolução parecia uma conclusão possível a curto prazo.

## 2. Reconciliação dentro da Sociedade Japonesa de Imigrantes

Para reunir de novo a comunidade imigrante do Japão, dilacerada após os conflitos, era imperativo reparar as divisões internas causadas pela derrota. Entre eles, há dois motivos principais para a existência da "facção vitoriosa": um é a tendência para acreditar na vitória da pátria devido à falta de fontes de informação definitivas; outro era o desgosto com a "facção derrotada" que promovia vigorosamente a derrota da pátria e assim parecia descrente e afastada das narrativas excepcionalistas do nacionalismo nipônico.

Em resposta ao primeiro ponto, desde maio de 1946, a fim de aumentar a fonte de informações, imigrantes japoneses perspicazes entraram em contato com o consulado americano em São Paulo por meio da Embaixada da Suécia. Obtiveram

---

de Cultura Japonesa, 1992, p. 255-226.

<sup>172</sup> HANDA, Tomoo, *O imigrante japonês: história de sua vida no Brasil*, São Paulo, T.A. Queiroz Editor, 1987, p. 666.

assim permissão especial para comunicar com familiares imediatos que viviam em seu país natal, tendo sido solicitada autorização para 52 imigrantes japoneses, incluindo 10 membros da Shindo Renmei que estavam encarcerados.<sup>173</sup> Para consciencializar a comunidade japonesa da realidade através das cartas de parentes na pátria, bem como de jornais nacionais, folhetos, etc. enviados juntos, a verdade da derrota do Japão na guerra também se começou a espalhar dentro da "facção vitoriosa". A princípio, alguns "vitoristas" resistiram a esse movimento, porque acreditavam que esses jornais e cartas eram forjados pelos americanos, e consideravam-nos uma calúnia maliciosa contra o exército imperial, o que os irritou ainda mais. Em outubro do mesmo ano, as regras de comunicação no Japão tornaram-se cada vez mais relaxadas, e cada vez mais imigrantes contataram as suas famílias, o que também forçou um número crescente de "vencedores" a admitir o facto de que a pátria fora derrotada e destruída.<sup>174</sup>

Em resposta ao segundo ponto, em junho de 1947, a "facção derrotada" estabeleceu o "Comitê de Socorro às Vítimas da Guerra no Japão" e começou a arrecadar fundos e materiais dentro da comunidade para apoiar os compatriotas e a reconstrução do pós-guerra. Naturalmente, esse movimento de donativos também faz parte do movimento de consciencialização de que as pessoas da "facção vitoriosa" não gostavam. Contudo, esse tipo de movimento de solidariedade com a pátria depois da guerra era relativamente popular mesmo junto das pessoas da "facção vitoriosa", sendo mais fácil de entender e aceitar. Por isso, muitos "vitoristas" também participaram, até julho de 1950, nesta sociedade que receberia um total de 5,71 milhões de cruzeiros em fundos de socorro<sup>175</sup>. Além disso, uma grande quantidade de farinha, açúcar, roupas, etc., era continuamente embarcada para o Japão.<sup>176</sup> Por meio do auxílio à pátria, cada vez mais imigrantes japoneses eram assim levados a

---

<sup>173</sup> Comissão de elaboração da história dos 80 anos da imigração japonesa no Brasil, *Uma Epopéia Moderna: 80 Anos da Imigração Japonesa no Brasil*, São Paulo, Editora Hucitec, Sociedade Brasileira de Cultura Japonesa, 1992, p. 362.

<sup>174</sup> Comissão de elaboração da história dos 80 anos da imigração japonesa no Brasil, *Op. Cit.*, p. 363.

<sup>175</sup> De 1942 a 1967, a moeda comum no Brasil era calculada em 18,5 cruzeiros por 1 dólar americano. Assim, 5,71 milhões de cruzeiros equivaliam a cerca de 310.000 dólares americanos.

<sup>176</sup> HANDA, Tomoo, *O imigrante japonês: história de sua vida no Brasil*, São Paulo, T.A. Queiroz Editor, 1987, p. 743-744.

reconhecer a situação e a aceitar a derrota na guerra, reunindo as várias facções e grupos da comunidade imigrante.

Estas actividades não podiam reverter a visão de todos os "vitoristas". Por exemplo, Seisaku Kuroishi, o presidente do *Notícias do Brasil*, declarou publicamente que esse tipo de atividade de recolha de fundos escondia o reconhecimento da derrota da pátria e era contrária à sua filosofia. Por isso se recusou a doar e publicar anúncios, ganhando assim o apoio de muitas pessoas do lado dos "vitoriosos". É, contudo, inegável que as operações de auxílio dividiram as forças do lado da "facção vitoriosa".<sup>177</sup> Depois disso, devido ao reinício do movimento migratório entre o Japão e o Brasil na década de 1950, quando chegaram dezenas de milhares de novos imigrantes, a verdade não podia mais ser escondida com informações falsas, e quase não havia mercado para a afirmação de que o Japão tinha ganho a guerra.

### 3. Reinício das atividades de imigração

Quando o imperador anunciou a rendição do Japão num discurso à nação em 15 de agosto de 1945, Hirohito pediu ao povo para suportar a situação. A guerra com os Estados Unidos foi a guerra mais feroz na história dos dois países. O ódio racial havia motivado ambos os povos. Das cinzas da guerra e do ódio, o Japão forjou um novo relacionamento com o mundo baseado em uma estreita aliança com os Estados Unidos, armamento mínimo e foco no crescimento econômico. Após a guerra, a economia e o estatuto internacional do Japão foram seriamente afetados. Como restaurar o papel internacional também se tornou uma questão em discussão. Ao mesmo tempo, os emigrantes japoneses que, durante a guerra, se instalaram em territórios ocupados começaram a ser repatriados ou retornaram voluntariamente a casa. Totalizando 6,3 milhões, vinham da Coreia, de Taiwan, da Manchúria, de Sacalina do Sul e outros territórios ocupados antes e durante a Segunda Guerra Mundial.<sup>178</sup> Entre aqueles que retornaram ao Japão estavam funcionários do governo,

---

<sup>177</sup> HANDA, Tomoo, *Op. Cit.*, p. 605.

<sup>178</sup> Comissão de elaboração da história dos 80 anos da imigração japonesa no Brasil, *Uma Epopéia Moderna: 80 Anos da Imigração Japonesa no Brasil*, São Paulo, Editora Hucitec, Sociedade Brasileira de Cultura Japonesa, 1992, p. 381.

soldados, empresários e agricultores.<sup>179</sup>

Estes movimentos populacionais pioraram a situação no Japão do pós-guerra, onde os suprimentos eram escassos e a inflação galopante. Embora tenha sido um país derrotado, o Japão não desistiu, procurando novamente um lugar entre as nações. Alguns queriam aproveitar a ajuda americana para transformar o país num arsenal para combater o comunismo internacional; outros queriam manter uma postura pacifista e não militar, mas sob uma benevolente proteção americana.<sup>180</sup> Shigeru Yoshida<sup>181</sup> reuniu esses grupos díspares em uma aliança com os Estados Unidos em 1951. Mesmo aqueles que desejavam se rearmar não poderiam fazê-lo sem a assistência técnica dos Estados Unidos. Como Yoshida observou “o Japão não deve continuar em um nível em que depende de outro país para sua defesa”. A era Yoshida e o acordo estratégico alcançado pelos Estados Unidos e Japão são inseparáveis.

Sob tais circunstâncias, a emigração é logicamente incluída no novo projeto político do governo japonês. No entanto, naquela época, o Japão, um país derrotado, ainda estava ocupado pelos Estados Unidos, e a emigração tornou-se um assunto delicado. As autoridades discutiram de forma profunda e cuidadosa o assunto e fizeram ainda uma avaliação sobre a aceitação de imigrantes japoneses por países estrangeiros, com base nos anos de experiência anteriores e nos resultados obtidos. As indústrias dos principais países da América Latina se desenvolveram rapidamente durante a II Guerra Mundial. Para manter esse ímpeto, era necessário contar com mão de obra qualificada.

Muitos países enfrentavam o dilema da escassez de recursos humanos. As necessidades do Brasil eram ainda mais óbvias. Afim de melhorar a situação dos recursos humanos, optou-se principalmente pela introdução de refugiados de países europeus como a Itália. Especialmente nas actividades relacionadas com a agricultura,

---

<sup>179</sup> HOMMA, Alfredo, *A imigração japonesa na amazônia sua contribuição ao desenvolvimento agrícola*, 2.<sup>a</sup> ed., Brasília, DF: Embrapa, 2016, p. 73.

<sup>180</sup> GREEN, Michael J., “The US-JAPAN alliance a brief strategic history”, Education about ASIA, Volume 12, n.º 3, 2007: p. 26.

<sup>181</sup> Então o primeiro-ministro do Japão. Serviu como primeiro-ministro entre 1946 e 1947 e novamente em 1948. Governou até 1954.

muitos fatores instáveis surgiram. Esta situação tornaria possível uma nova vaga de imigração japonesa. Os japoneses, que eram bem versados no conhecimento agrícola e fizeram contribuições notáveis para a agricultura local antes da guerra, foram bem recebidos no Brasil. Brasil, Peru, Argentina, México e outros países também possuíam colônias de japoneses que em certos locais formavam a base da economia local. Este facto proporcionou condições favoráveis para a imigração japonesa para os países latino-americanos no pós-guerra.<sup>182</sup>

O preconceito contra os japoneses era, contudo, ainda forte na sociedade brasileira deste período. Forte oposição e protestos foram expressos em torno da iminente retomada dos movimentos migratórios, especialmente no Estado de São Paulo, que possuía o maior número de imigrantes oriundos do Japão.

Com a assinatura do Tratado de São Francisco, em 8 de setembro de 1951, o Japão alcançou formalmente a paz com os Estados Unidos e os Aliados, permitindo que a emigração japonesa para o Brasil recomeçasse. O tratado antecipava o fim da ocupação militar do Japão pelos militares dos EUA. Em contrapartida, o Japão acordava em permitir que as tropas dos EUA ficassem estacionadas no seu território, mantendo bases no Japão para a segurança do Extremo Oriente. No entanto, as novas Forças de Autodefesa do Japão, estabelecidas em 1954, cuidariam da segurança nacional até que fosse necessária a ajuda dos EUA ou das Nações Unidas.<sup>183</sup>

Em 1951, quando Getúlio Vargas voltou ao poder, dois nacionais do Japão atuaram simultaneamente na campanha para reabrir a emigração, usando a “diplomacia particular” para isso. Um imigrante japonês chamado Yasutaro Matsubara apresentou pessoalmente um plano para a imigração de 4.000 famílias japonesas para o Brasil. Tendo um relacionamento próximo com o presidente Getúlio Vargas, receberia, rapidamente, o seu consentimento. Na mesma altura, também foi aprovado o plano de imigração de 5.000 famílias japonesas de Kotaro Tsuji, que havia

---

<sup>182</sup> SANDERSON, Michael, *The economic development of Japan 1868-1941*, Norwich, Cambridge University Press, 1995, pp. 46-48.

<sup>183</sup> GREEN, Michael J., “The US-JAPAN alliance a brief strategic history”, *Education about ASIA*, Volume 12, n.º 3, 2007, p. 26.

assinado um contrato de imigração com Vargas ainda antes da II Guerra Mundial. Em contrapartida, o destino da imigração deveria ser um local especialmente designado pelo governo federal brasileiro com o objectivo de ajudar no desenvolvimento do continente. Assim, o primeiro grupo de imigrantes japoneses, comumente conhecidos como "imigrantes Tsuji", chegou ao Brasil em 11 de fevereiro de 1953, incluindo 18 famílias com um total de 54 pessoas. O primeiro grupo de "imigrantes Matsubara", com um total de 112 pessoas, também chegou a Santos em 7 de julho do mesmo ano.<sup>184</sup>

Embora a emigração do Japão para o Brasil no pós-guerra tenha sido promovida, sobretudo, por particulares e realizada em nome do enfrentamento dos problemas económicos, com a normalização das relações diplomáticas e a concretização de planos a longo prazo, os movimentos migratórios inevitavelmente se tornariam regulares, aproveitando as oportunidades de desenvolvimento e crescimento. Um ano depois da chegada dos primeiros contingentes de imigrantes japoneses ao Brasil após o fim da II Guerra Mundial, ou seja, em 5 de janeiro de 1954, o Japão criou a Federação das Associações Ultramarinas do Japão, que eram responsáveis pelo recrutamento, avaliação e transporte de emigrantes, bem como pelos procedimentos de aceitação nos destinos de emigração. Um ano após a criação da agência, em setembro de 1955, a Federação das Associações Ultramarinas do Japão ficou responsável pela compra de terras no destino dos emigrantes, formação agrícola e distribuição de terras aos colonos. Em setembro do mesmo ano, 25 jovens chamados "Imigrantes de Cotia" também chegaram ao Brasil. Finalmente, alguns anos depois, em 1957, cerca de 20.000 novos imigrantes japoneses aportariam ao território brasileiro.<sup>185</sup>

No Brasil, na reforma das instituições governamentais em 1953, seria criada uma nova agência chamada Instituto Nacional de Imigração e Colonização, com o objectivo de supervisionar todos os assuntos relacionados com a imigração. Em 1954,

---

<sup>184</sup> Comissão de elaboração da história dos 80 anos da imigração japonesa no Brasil, *Uma Epopéia Moderna: 80 Anos da Imigração Japonesa no Brasil*, São Paulo, Editora Hucitec, Sociedade Brasileira de Cultura Japonesa, 1992, p. 383.

<sup>185</sup> HANDA, Tomoo, *O imigrante japonês: história de sua vida no Brasil*, São Paulo, T.A. Queiroz Editor, 1987, p. 605.

o presidente Getúlio Vargas suicidou-se. Com o fim de sua ditadura e a ascensão do novo presidente do serviço de imigração, o anterior acordo de imigração entre Tsuji e Matsubara e o presidente da República passou de um assunto privado para um assunto governamental, ficando claro na forma dos documentos. Em 1955 e 1960, estes projetos de imigração com patrocínio privado também seriam assumidos pela Federação das Associações Ultramarinas do Japão.

Em maio de 1962, foi adotado formalmente o Acordo de Migração e Colonização entre o Japão e os Estados Unidos do Brasil, cuja negociação com o governo japonês demorou mais de um ano. Segundo este acordo, os movimentos migratórios do Japão para o Brasil podiam ser formalizados e organizados, garantindo-se a não solicitação de formulário de imigração, a assistência e proteção integral aos imigrantes japoneses e a garantia de seus direitos e interesses. O acordo seria publicado em 1962, quando o entusiasmo dos imigrantes japoneses atingiu seu auge. Com 13 cláusulas e 50 artigos, envolvia os fins da imigração, formulários de imigração, recrutamento e avaliação de imigrantes, transporte e recepção, distribuição pós-imigração, assentamento, financiamento, seguro, etc. Pode dizer-se que, nesse momento, as atividades de imigração japonesa no Brasil foram reiniciadas completa e rigorosamente. Ao longo da década de 1960, 18.619 imigrantes japoneses chegaram ao Brasil. No final da década de 1980, o número de imigrantes após a derrota do Japão na guerra havia chegado a mais de 53.000 pessoas. Isso representou diretamente 73,7% do total de 72.457 japoneses que deixaram o país após 1945.<sup>186</sup>

A chegada dessa parcela de imigrantes promoveu sobremaneira a estabilidade da comunidade japonesa no Brasil. Por um lado, tornou a derrota do Japão não mais censurável; em vez disso, mesmo para as poucas da "facção vitoriosa", significou que eles tinham "sucessores" e estavam novamente ligados à pátria. Até ao presente, a situação da comunidade imigrante japonesa no Brasil basicamente se estabilizou.

---

<sup>186</sup> SIMS, Harold D., *Japanese postwar migration to Brazil*, Pittsburgh, University of Pittsburgh, 1973, p. 102.

#### **4.2.2. Assimilação e integração de imigrantes**

A integração positiva das comunidades de imigrantes japoneses na sociedade local do pós-guerra pouco tem a ver com um processo de integração ativa dos imigrantes junto da cultura e sociedade brasileiras. Ela relaciona-se antes com o impacto da derrota do Japão e os seus efeitos. Nos últimos 40 anos, seja por imigração privada, imigração política nacional ou imigração autofinanciada, em essência, os japoneses que foram para o continente sul-americano não tinham um consciência migratória. Para eles, esta seria apenas um tipo particular de trabalho na sua vida. Embora o tempo seja um pouco longo, depois de cinco ou dez anos, depois de ganharem dinheiro suficiente, eles definitivamente pretendem regressar a casa e adquirir prestígio e sucesso para a família.

Para eles, o Japão é a referência máxima de pertença e identidade. No entanto, a derrota do Japão significou a perda dessa pertença e dessa crença. Os tumultos resultantes destruíram a velha ordem na comunidade imigrante e os afastaram ainda mais das identidades de cidadãos imperiais, cidadãos abandonados, residentes temporários e outros grilhões psicológicos. Como resultado, a porta da comunidade imigrante japonesa, há muito fechada, foi aberta sob o impacto e influência da derrota do Japão, e os imigrantes japoneses também iniciaram um processo de assimilação e integração na sociedade brasileira.

Em primeiro lugar, essa assimilação e integração se reflete na identidade dos imigrantes japoneses. Com o tempo, diante de cada vez mais evidências da derrota e destruição, a primeira geração de imigrantes aceitou aos poucos o facto. Embora esse processo seja longo e tortuoso, algumas pessoas até entraram clandestinamente na Argentina e em outros países para encontrar uma oportunidade de retornar à sua terra natal e aí confirmar a derrota do seu país. Mas quando viram com os próprios olhos ou nos noticiários e jornais o trágico estado da pátria, aos poucos abandonaram a ideia de retornar ou se mudarem para outro país. A ideia de instalar-se no Brasil definitivamente, de ter o Brasil como destino, começou a brotar no coração desse grupo de imigrantes nostálgicos.

Em segundo lugar, os descendentes de imigrantes que já cresceram no Brasil tinham já uma forte identificação com a sociedade brasileira. No final de 1947, a Associação Cotia (uma associação de imigrantes japoneses no Brasil) organizou uma reunião com o tema: Pensando na Segunda Geração de Imigrantes. Na reunião, jovens imigrantes japoneses de segunda geração levantaram questões a seus pais, indicando o seu desejo de independência e de boas oportunidades de crescimento no seio da sociedade brasileira.

Ao mesmo tempo, esses imigrantes de segunda e terceira geração participam na sociedade de acolhimento, o que também mudou o pensamento de seus pais - a primeira geração de imigrantes japoneses - e os libertou da psicologia de convidados temporários. Após a derrota, a situação interna era difícil e a qualidade de vida era difícil de garantir no Japão. No entanto, os seus filhos receberam uma educação brasileira e se integraram na sociedade de acolhimento. Mesmo que eles retornassem, seria difícil a sua integração de volta na sociedade japonesa. Assim, parece não haver outro caminho que não seja criar raízes no Brasil.

Em terceiro lugar, esta assimilação e integração também se reflete num processo de superação dos problemas existentes na comunidade imigrante no passado. É justamente por causa do isolamento da comunidade japonesa no Brasil antes da guerra que eles tinham dificuldade em se integrar na sociedade de acolhimento há muito tempo. A maioria deles tinha inclusive uma atitude negativa em relação à participação política. Isso também dificultava a oportuna compreensão dos movimentos das autoridades brasileiras quando ocorria um incidente, ou da necessidade de exercer a sua influência na arena política para salvaguardar os seus direitos. Esta é também uma importante razão pela qual muitos imigrantes japoneses foram separados de suas esposas e filhos e caíram em uma situação trágica sob a pressão das autoridades brasileiras durante a guerra.

Após a II Guerra Mundial, os adultos entre os imigrantes japoneses de segunda geração começaram a participar conscientemente na vida política. Em janeiro de 1948, o imigrante de segunda geração Luiz Yukishige Tamura foi eleito vereador na cidade de São Paulo. Em 1950 e 1954, foi eleito deputado estadual e

federal. Foi muito ativo nos círculos políticos brasileiros. Depois de Tamura, muitos outros imigrantes japoneses foram eleitos como conselheiros locais ou como prefeitos ou se tornaram burocratas.<sup>187</sup>

A mudança ideológica geral dos imigrantes japoneses também trouxe grandes mudanças em suas vidas. Antes da guerra, a comunidade japonesa, que esperava ser estável e não receber muita atenção, também aos poucos passou a compreender e participar de todos os aspectos da sociedade brasileira. Alguns imigrantes partiram conscientemente para o interior do Brasil para encontrar terras adequadas à exploração e ao desenvolvimento agrícola; enquanto outros começaram a mudar-se para os subúrbios próximos a São Paulo. Por um lado, aqui podiam cultivar produtos hortícolas para abastecer a cidade, por outro, tinham em conta oportunidades de uma melhor educação para os seus filhos. Como resultado, a taxa de matrícula de crianças imigrantes japonesas aumentou rapidamente após a guerra, e a educação foi vista como um caminho para alterar o seu estatuto social e econômico. Essa tendência continuou até a década de 1980. Naquela época, a proporção de estudantes japoneses atingiu mais de 13%.<sup>188</sup>

O aumento das qualificações acadêmicas trouxe consigo a diversificação ocupacional dos imigrantes japoneses. Os agricultores, que representavam mais da metade de todos os imigrantes na década de 1950, diminuíram para menos de 20% no final da década de 1970, surgindo muitos médicos, farmacêuticos, contadores, advogados, etc. Esta maior participação e visibilidade desempenhou um papel benigno na melhoria da opinião pública face à comunidade de origem japonesa.

Com o aumento do estatuto social dos imigrantes de segunda geração e o aumento dos imigrantes de terceira e quarta geração, a taxa de casamentos entre imigrantes japoneses e pessoas exteriores à comunidade aumentou acentuadamente.

### **Situação de miscigenação segundo geração**

---

<sup>187</sup> Comissão de elaboração da história dos 80 anos da imigração japonesa no Brasil, *Uma Epopéia Moderna: 80 Anos da Imigração Japonesa no Brasil*, São Paulo, Editora Hucitec, Sociedade Brasileira de Cultura Japonesa, 1992, p. 376.

<sup>188</sup> MORALES, Leiko Matsubara, “O Ensino de Língua Japonesa nas Escolas Comunitárias no Período Pós-Guerra”, *Estudos Japoneses*, n.º 31, 2011, pp. 81-98.

Geração	Índice de Miscigenação
2. <sup>a</sup>	6,03%
3. <sup>a</sup>	42%
4. <sup>a</sup>	61,62%

**Fonte:** Pesquisa da População de Descendentes de Japoneses Residentes no Brasil, 1988. Centro de Estudos Nipo-Brasileiros.

A tabela acima mostra a situação de miscigenação de acordo com as diferentes gerações. A taxa de casamentos mistos na segunda geração foi de apenas 6,03%, mas aumentou para 42% na terceira geração e 61,62% na quarta.

Em resumo, depois de aprender as dolorosas lições que os conflitos trouxeram, tanto a comunidade imigrante quanto os próprios imigrantes começaram a se integrar gradualmente na sociedade brasileira de forma positiva. Na comunidade imigrante, eles construíram um novo sistema social com trocas e interações frequentes com a sociedade local, e proporcionaram vários níveis de proteção social aos imigrantes japoneses que nela viviam. Para se integrarem, os imigrantes japoneses passaram a dar importância à educação e ao trabalho em diversos campos, inclusive no campo político.

Além disso, o casamento fora da comunidade também se tornou cada vez mais aceite e comum, e os imigrantes de terceira e quarta geração aceleraram essa tendência. Várias associações foram formadas para ajudar a comunidade japonesa a enraizar-se no Brasil. Desta forma, uma classe média estável de origem japonesa formou-se na sociedade brasileira, dando forma a um grupo com recursos financeiros e educacionais. Ao mesmo tempo que esta classe média garante a estabilidade interna da comunidade imigrante, ela também exerce a sua própria influência na sociedade brasileira, tornando-se uma ponte de comunicação entre ambas. O aparecimento destes imigrantes também representou o fim da situação caótica do pós-guerra, e a comunidade japonesa se integrou verdadeiramente na sociedade brasileira e passou a fazer parte de um Brasil mais vasto.

## 5. Conclusão

No final do século XIX e início do século XX, o Japão venceu sucessivamente a Guerra Russo-Japonesa e a Guerra Sino-Japonesa e o *status* internacional do país começou a melhorar, mas a sociedade japonesa encontrava-se num período de transição e nem tudo estava bem. A industrialização do Japão atingiu um nível sem precedentes, mas foi incapaz de resolver alguns problemas espinhosos que existiam na sociedade japonesa. Por exemplo, o aumento da população, a situação precária das pessoas de condição social mais baixa e, até, a fome. A fim de resolver algumas das contradições internas do país, o governo japonês encorajou os japoneses a emigrar e a trabalhar duramente para ganhar dinheiro no exterior para melhorar as suas condições de vida. Emigrar para o exterior tornou-se uma alternativa viável. A vasta terra do Brasil, a população esparsa, os ricos recursos e as condições que facilitavam a imigração atraíram um fluxo constante de imigrantes japoneses. A chegada de imigrantes japoneses ajudou a colmatar o problema da escassez de mão de obra no Brasil e permitiu o florescimento da comunidade japonesa.

Antes de 1945, a assimilação e a integração dos imigrantes japoneses na sociedade brasileira era escassa, existindo três razões principais:

1) A imigração passiva dos japoneses. Os imigrantes japoneses estavam sob a influência forte do governo. A maioria deles tinha imigrado em grupos organizados. Após o governo japonês ter comprado terras para estabelecer uma colônia no Brasil, os japoneses não tinham motivação para aprender português e viviam, basicamente, em áreas remotas, distantes da sociedade brasileira dominante, o que causou obstáculos objetivos à sua integração na sociedade brasileira.

2) A psicologia dos imigrantes japoneses. O Japão tinha conhecido muito sucesso no caminho da modernização. A vitória na Guerra Russo-Japonesa alimentou noções de glória e marcou a identidade nacional. Ao mesmo tempo, como os japoneses têm um forte sentido de família, a maioria dos imigrantes que partiu para o Brasil esperava retornar ao Japão depois de ganhar dinheiro suficiente.

3) Problemas de inclusão na sociedade brasileira. A sociedade brasileira, tal como outras sociedades ocidentais no final do século XIX e início do século XX,

olhava com desconfiança a emigração asiática e discriminava os nacionais da China e do Japão. Por outro lado, os imigrantes japoneses tinham uma atitude negativa em relação à política de assimilação do governo brasileiro, tornando a assimilação dos japoneses um processo difícil, despertando ressentimentos na sociedade brasileira.

Após a eclosão da Guerra do Pacífico, o governo brasileiro anunciou o rompimento das relações diplomáticas com o Japão. Entre 1942 e 1943, muitos imigrantes japoneses foram deslocados ou detidos e grandes prejuízos foram causados à propriedade e à segurança pessoal desses imigrantes. Tendo vendido muitas das suas posses, os japoneses enfrentavam uma situação cada vez mais precária no Brasil. O Brasil foi o único país da América do Sul que participou na II Guerra Mundial. Durante a guerra, o governo brasileiro tentou unir a sociedade contra as Potências do Eixo, tanto quanto possível, considerando a mobilização militar e a naturalização de imigrantes estrangeiros. Inspirados pelas políticas de guerra do governo brasileiro, um grande número de imigrantes de segunda geração adquiriu a cidadania brasileira. À luz das dolorosas lições do passado, os imigrantes japoneses que se tornaram legalmente brasileiros usaram o pretexto simbólico da guerra para cimentar a emigração de longo prazo no Brasil. A transição de japonês para brasileiro-japonês tornou-se cada vez mais proeminente e, gradualmente, aceite psicológica e socialmente.

Após a II Guerra Mundial, a escassez de matérias-primas e a inflação atingiram novamente o Japão, tornando-se uma sombra persistente na economia japonesa. Nos anos seguintes, o número de emigrantes aumentou. Ao mesmo tempo, o crescimento populacional e o desemprego voltaram a ser um fardo pesado para o governo japonês. Dada esta situação, o governo japonês tentou reiniciar a política de emigração que fora interrompida pela guerra.

Em 15 de agosto de 1945, a notícia da derrota do Japão chegou ao Brasil, tendo um grande impacto na comunidade japonesa local. É claro que esse efeito foi principalmente negativo nos primeiros dias após a notícia. Da noite para o dia, mergulhou uma comunidade imigrante organizada e orgulhosa na histeria e levou a um conflito generalizado em todos os níveis da comunidade imigrante. As muitas

tragédias que ocorreram nos tumultos não apenas causaram dor aos próprios imigrantes, mas também alarmaram os restantes brasileiros. Claramente, existem muitas razões para esse fenômeno, no entanto, as razões principais são inseparáveis das três razões acima apontadas: a imigração passiva dos japoneses, a psicologia dos imigrantes japoneses e os problemas de inclusão na sociedade brasileira.

Além disso, uma análise desse momento histórico também pode desenterrar alguns problemas. Por exemplo, não há uma reflexão profunda sobre a concepção da pátria e do imperador pelo povo japonês naquela época. Talvez a partir dessa perspectiva possam ser discutidas as mudanças psicológicas dos japoneses após a Restauração Meiji. Isto porque a ascensão da "facção vitoriosa" reflete a adoração do povo japonês pelo seu país e a sua confiança irrestrita no imperador. Se não tivessem ouvido ou visto com os seus próprios olhos as evidências da derrota do Japão, poderiam ter acreditado sinceramente nas palavras de inação do governo na época. É precisamente por causa da "perseverança" da "facção vitoriosa" que os conflitos eclodiram na comunidade japonesa, o que levou à escalada dos incidentes. E porque a "facção vitoriosa" considera a "facção derrotada" um bando de ladrões desleais, a "facção derrotada" foi obliterada em nome "do patriotismo e da lealdade ao monarca", mas também em nome do antigo sistema familiar baseado no espírito tradicional japonês. A razão do ódio não é apenas a humilhante divulgação da derrota da pátria pela "facção derrotada", mas também o apego arraigado à antiga e hierárquica organização familiar e social japonesas.

Após os conflitos, os japoneses finalmente entenderam o facto de terem sido derrotados e a mentalidade dos antigos "residentes temporários" desapareceu gradualmente. Os japoneses que viviam no Brasil começaram a trabalhar para se integrarem na vida cotidiana do Brasil, desde o aprendizado do português até à entrada na vida política e a ascensão ao topo da sociedade, tudo isso indissociável do esforço dos próprios japoneses e das políticas integradoras do governo brasileiro.

Todavia, o facto de o Japão ter sido derrotado não foi totalmente negativo para os imigrantes japoneses. A derrota do Japão na II Guerra Mundial alterou substancialmente a natureza da diáspora japonesa no Brasil. Como resultado do

conflito, as comunidades de imigrantes japoneses adotaram uma nova relação com o Brasil. Perante a derrota do Japão, as velhas crenças e ideias foram-se gradualmente desintegrando, dando lugar a uma revolução espiritual sobre a identidade dentro da comunidade imigrante. A forma como os imigrantes perceberam a derrota do Japão determinou o modo como recriaram a comunidade imigrante no Brasil, que tipo de visão do mundo têm e como redefiniram as suas identidades. Quando os imigrantes japoneses começaram a aceitar a derrota do Japão, os seus pensamentos e comportamentos mudaram. Do antigo "Povo do Imperador" a um verdadeiro imigrante que deseja integrar-se na sociedade brasileira, de um "residente temporário" a um "japonês-brasileiro" que quer estabelecer-se, indefinidamente, no Brasil.

A pesquisa desenvolvida permitiu-me concluir que desde que os primeiros imigrantes japoneses chegaram ao Brasil em 1908, as suas crenças e convicções passaram por grandes mudanças, no que pode ser considerado dois períodos completamente diferentes. A comunidade japonesa passou de um estado anterior de isolamento para se integrar ativamente na sociedade brasileira. A adoção desta última atitude não é o resultado de um processo desenvolvido ao longo do tempo, mas uma escolha que teve de ser feita para enfrentar a realidade sob a influência da derrota do Japão na II Guerra Mundial.

Assim, tanto para a comunidade imigrante japonesa quanto para os indivíduos, o impacto da "derrota do Japão" é enorme e de longo alcance. A comunidade de imigrantes japoneses no Brasil também é de grande importância política e diplomática para o Japão e alcançou, com sucesso, um alto grau de "abrasileiramento". Com este trabalho tentei demonstrar que essa mudança psicológica e processo de assimilação dos imigrantes japoneses deixou lições para futuras pesquisas sobre "imigração de curto prazo" e "assimilação de imigrantes", ajudando, eventualmente, a compreender futuros fluxos migratórios para o Brasil ou para outros países.

## Referências bibliográficas

### 1. Livros, revistas e teses citados

ARGUELHES, Delmo, *O Brasil e a II Guerra Mundial*, Rio de Janeiro, Multifoco, 2010.

BARROS NUNES, Nunes Aurimar Jacobino, *Itamaraty e a Força Expedicionária Brasileira (FEB)*, Rio de Janeiro, Fundação Alexandre de Gusmão, 2020.

BELLO, José, *A History of Modern Brazil, 1889-1964*, Stanford, Stanford University Press, 1969.

BETHELL, Leslie, *Politics in Brazil under Vargas, 1930-1945*, Cambridge, Cambridge University Press, 2008.

BORIS, Fausto, *História do Brasil*, 14ª edição, São Paulo, EDUSP, 2013.

CARNEIRO, J. Fernando, *Imigração e colonização no Brasil*, Rio de Janeiro, Universidade do Brasil, Faculdade Nacional de Filosofia, 1950.

CEHELKY, Marta, *Land reform in Brazil: The Management of Social Change*, Boulder, Colo., A Westview Replica Edition, 1979.

CHIARETTI, Marcos, *A II Guerra Mundial. 2 ed.*, São Paulo, Ática, 1997.

COGGIOLA, Osvaldo, *A II Guerra Mundial Causas, Estrutura, Consequências*, São Paulo, Editora Livraria da Física, 2015.

Comissão de elaboração da história dos 80 anos da imigração japonesa no Brasil, *UMA EPOPÉIA MODERNA 80 Anos da Imigração Japonesa no Brasil*, São Paulo, Editora Hucitec, Sociedade brasileira de cultura japonesa, 1992.

COSTA, Emília, *DA monarquia à República: momentos decisivos*, 6ª edição, São Paulo, Fundação Editora da UNESP, 1999.

D' Araújo, Maria Celina, *As instituições brasileiras da Era Vargas*, Rio de Janeiro, UERJ/Fundação Getulio Vargas, 1999.

DE CARVALHO, Daniela, *Migrants and Identity in Japan and Brazil: the Nikkeijin*, London and New York, Routledge Curzon (Taylor & Francis Group), 2003.

DE CARVALHO, José Murilo, *Forças Armadas e Política no Brasil*, Rio de Janeiro, Jorge Zahar Editor, 2005.

DEMARTINI, Zeila, "Relatos orais de famílias de imigrantes japoneses: Elementos

para a história da educação brasileira”, *Educação & Sociedade*, ano XXI, nº 72, Agosto/00: 43-72.

DICKINSON, Frederick R, *War and National Reinvention: Japan in the Great War 1914-1919*, Cambridge, Harvard University Press, 2001.

FRUS, 1952-1954, *Vol. XIV: China and Japan*, Washington DC, Government Printing Office, 1985.

GREEN, Michael J., “The US-JAPAN alliance a brief strategic history”, *Education about ASIA*, Volume 12, Number 3, 2007.

HANDA, Tomoo, *O imigrante japonês: história de sua vida no Brasil*, São Paulo, editora T.A. QUEIROZ, 1970.

HOMMA, Alfredo, *A imigração japonesa na amazônia sua contribuição ao desenvolvimento agrícola, 2. ed.*, Brasília, DF : Embrapa, 2016.

KOIFMAN, Fábio e ODA, Humberto Manabu, “XXVII Simpósio Nacional de História - Conhecimento histórico e diálogo social”, SNH2013, UFRN, Natal, 22 a 26 de julho 2013.

MITA, Chiyoko , *BASTOS: uma comunidade étnica japonesa no Brasil*, São Paulo, Humanitas Publicações, 1999.

NAKAMOTO, Ana Luisa Campanha, “Representações do feminino na imigração japonesa e okinawana para o Brasil”, Tese de Doutorado da Universidade de São Paulo, São Paulo, 2019.

OKAMOTO, Monica Setuyo, NAGAMURA, Yukako, “Burajiru Jihô (*Notícias do Brasil*) e Nippak Shimbun (*Jornal Nipo-brasileiro*): os primeiros tempos dos jornais japoneses no Brasil (1916-1941)”, *Escritos IX*, n.º 9, 2015: p. 176.

OLIVEIRA, Gabriel Machado Borges, “A participação do Brasil na II Guerra Mundial e a importância da liderança em conflitos armados”, Brasília, Centro Universitário de Brasília, 2011.

QUINTANEIRO, Tania , “Plantando nos campos do inimigo: japoneses no Brasil na II Guerra Mundial”, *Estudos Ibero-Americanos*, v. XXXII, 2006: p. 155-169.

SETOGUTI, Ruth Izumi “A tradição educacional entre os imigrantes japoneses e os nipo-brasileiros”, *PERSPECTIVAS EM DIÁLOGO: Revista de Educação e Sociedade*, UNESP, 2008

STEWART Lone, *The Japanese community in Brazil, 1908-1940*, London, Palgrave Macmillan, 2001.

TOAKE, Endoh, *Exporting Japan: Politics of Emigration to Latin America*, Illinois, University of Illinois Press, 2009.

WATANABE, Paulo Daniel , “A reinserção internacional do japão no Pós-II Guerra Mundial”, 3º Encontro Nacional, nº3, 2011: p.1.

“Diário de Masao Hashiura, entrada de 14 de Agosto de 1945” *apud* HASHIURA, Masao, *Os Vinte Anos de Showa*, São Paulo, 1946.

## **2. Sitografia:**

<https://portaldemapas.ibge.gov.br/portal.php#mapa886>

<http://www.ndl.go.jp/brasil/index.html>.

<http://www.lib.kobe-u.ac.jp/sinbun/index.html>.

<http://www.bxqw.com/userlist/hbpd/newshow-18568.html>.

## Índice dos gráficos

<b>Gráfico 1:</b> Distribuição dos imigrantes japoneses em São paulo.....	33
<b>Gráfico 2:</b> Japoneses que chegaram antes de 1940.....	36
<b>Gráfico 3:</b> Alunos da Escola Primária Taisho com o prof. Shinzo Miyazaki.....	39

## Índice das tabelas

<b>Tabela 1:</b> Estatísticas da imigração japonesa para o Brasil.....	34
<b>Tabela 2:</b> Situação de miscigenação segundo geração.....	112

## **Agradecimento**

Gostaria de agradecer à professora doutora Isabel Corrêa da Silva pela ajuda com a minha dissertação nos últimos dois anos, sem a sua ajuda não teria conseguido terminar esta dissertação. Agradeço-lhe todas as sugestões e indicações, que foram importantes para a minha produção escrita. Suas críticas à história com o material que ela forneceu na disponibilização de suas orientações, conselhos além do que foi muito importante para o meu trabalho escrito.

Obrigada ao meu amigo Dr. António J. Ramalho pelas correções gramaticais e melhorias nas expressões portuguesas, que tornaram o meu trabalho mais local e me deram confiança para continuar com a dissertação.

Também gostaria de agradecer aos meus pais pelo apoio contínuo, mesmo durante a pandemia, eles nunca pensaram em desistir dos meus estudos. Sem o apoio deles, não teria conseguido concluir o mestrado e não teria tido a oportunidade de estudar em Portugal.

Quero também agradecer a Portugal, um país que me abriu os olhos para o que é o mundo fora da China. Isso me trouxe a vivenciar as diferenças e as trocas entre diferentes culturas.